

A.W. Pink

Os Atributos
de Deus

 *Legado Reformado*

Os Atributos de Deus

Direitos Autorais © 2022 Legado Reformado.

Título original: *The Attributes of God*

Originally published in English by Chapel Library with all foreign language ministry rights owned by Chapel Library.

Legado Reformado

www.legadoreformado.com

Produção Editorial:

Editor: Henrique Curcio

Tradução: Henrique Curcio

Revisão: Jacqueline Moura

Revisão: Diego Moura

Capa: Erik Anderson

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo qualquer indicação específica. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto nos casos de breves citações contidas em artigos ou revistas. Direcione sua solicitação ao editor no seguinte endereço: permissões@legadoreformado.com.

Audiobooks do Legado Reformado

Link do nosso Spotify

<https://spoti.fi/3FXSzEH>

Link do nosso canal no Youtube

<https://www.youtube.com/@legadoreformado6520>

Mídias Sociais e outros Links

Link do nosso Site:

<https://www.legadoreformado.com>

Link do nosso Instagram:

<https://www.instagram.com/legadoreformado/>

Link dos nossos livros na Amazon:

<https://amzn.to/3PFijjN>

Como ajudar nosso ministério

Nosso foco é glorificar a Deus e abençoar nossos irmãos em Cristo com nossas traduções. Por esse motivo decidimos fazer todo o nosso conteúdo digital de maneira gratuita. **Caso você deseje ajudar o nosso ministério, você poderá:**

1. Seguir nosso Instagram:
www.instagram.com/legadoreformado/
2. Comprar uma cópia física;
3. Fazer uma doação para o Pix: CNPJ 47.268.109/0001-78;
4. Traduzir, Revisar ou Narrar
(contato@legadoreformado.com)
5. Deixar uma avaliação no site da Amazon, para que outras pessoas possam saber sobre esse conteúdo gratuito.

Oremos para que Deus possa usar esse conteúdo para edificar a Sua Igreja.

Que Deus o abençoe.

ÍNDICE

ÍNDICE	3
DEUS SENDO GLORIFICADO AO MÁXIMO N'ELE MESMO DESDE TODA A ETERNIDADE	6
PREFÁCIO – A.W. PINK.....	13
CAPÍTULO 1 - A SOLIDÃO DE DEUS.....	16
CAPÍTULO 2 - OS DECRETOS DE DEUS	26
CAPÍTULO 3 - O CONHECIMENTO DE DEUS	36
CAPÍTULO 4 - A PRESCIÊNCIA DE DEUS	46
CAPÍTULO 5 - A SUPREMACIA DE DEUS.....	59
CAPÍTULO 6 - A SOBERANIA DE DEUS	68
CAPÍTULO 7 - A IMUTABILIDADE DE DEUS	78
CAPÍTULO 8 - A SANTIDADE DE DEUS.....	87
CAPÍTULO 9 - O PODER DE DEUS.....	99
CAPÍTULO 10 - A FIDELIDADE DE DEUS.....	113
CAPÍTULO 11 - A BONDADE DE DEUS	125
CAPÍTULO 12 - A PACIÊNCIA DE DEUS	134
CAPÍTULO 13 - A GRAÇA DE DEUS	144
CAPÍTULO 14 - A MISERICÓRDIA DE DEUS.....	156
CAPÍTULO 15 - A BONDADE DE DEUS	167

OS ATRIBUTOS DE DEUS

CAPÍTULO 16 - O AMOR DE DEUS	175
CAPÍTULO 17 - O AMOR DE DEUS POR NÓS	186
CAPÍTULO 18 - A IRA DE DEUS.....	196
CAPÍTULO 19 - A CONTEMPLAÇÃO DE DEUS	209
QUEM FOI A. W. PINK?	220
OUTROS TÍTULOS PRODUZIDOS POR NÓS	228

“Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos.

Amém!”

(1 Tm 1:17)



*Deus Sendo
Glorificado ao
Máximo n'Ele Mesmo
Desde Toda a
Eternidade*

Diego Curcio

Não haverá um tempo em que Deus será mais glorificado. Não haverá um tempo em que Deus irá receber mais glória porque n'Ele Ele é glorificado ao máximo desde toda a eternidade (Jo 17:5).

O objetivo de todo homem é glorificar a Deus. É fazer no tempo e no espaço e então por toda a eternidade o que Ele (Deus) sempre tem recebido n'Ele mesmo desde todo sempre.

Eu estou dizendo isto porque nós temos que entender sobre a eternidade de Deus para que possamos entender todos os Seus atributos, que são um n'Ele de acordo com Sua Simplicidade ou Perfeição.

Em Deus habita a eternidade (Is 57:15), Ele está acima do tempo e espaço, pois tais “dimensões” foram criadas por Ele (Gn 1:1). Em outras palavras, Deus habita n'Ele mesmo porque Ele é eterno (Ex 3:14; Is 40:28). Sabendo que em Deus habita a eternidade, não há possibilidade de Ele ter um começo ou fim. Portanto Deus “está no passado, presente e futuro ao mesmo tempo” e, todas as coisas que acontecem no tempo e espaço para nós que somos criaturas finitas, só acontecem porque isto já estava decidido por Deus na eternidade (Is 46:10).

*Então, como nós podemos saber
que Deus é glorificado ao*

OS ATRIBUTOS DE DEUS

m á x i m o n ' E l e m e s m o ?

A resposta está na simplicidade ou a perfeição de Deus. Para começarmos a entender isto, nós temos que saber quem Deus é em Seu ser. A Escritura diz que Deus é o único Deus verdadeiro existente em três pessoas (o Pai, o Filho e o Espírito Santo).

A Escritura nos diz que o Senhor é um e o único Deus (Dt 6:4; Mc 12:29; Is45:5; Dt 4:35). Ele é o único Deus e Ele é um. Só há um Deus. Isto é claro.

E n t ã o , q u e m é D e u s ?

Ele existe em três pessoas distintas (o Pai, o Filho e o Espírito Santo). A Escritura diz que o Pai é Deus (1 Co 8:6; Ef 4:6; Ef 1:3). A Escritura diz que o Filho é Deus (Jo 1:1; Jo 1:18; Jo 20:28; Fp 2:6). A Escritura diz que o Espírito Santo é Deus (At 5:3-4; 1 Co 3:16; 6:19). E a Escritura nos mostra exemplos da unidade e trindade de Deus (Mt 28:19; Rm 8:9; Mc 1:10,11). É bom dizer que não são três deuses mas três pessoas distintas que são o mesmo Deus verdadeiro que é um.

Os atributos de Deus no seu Ser

Nós temos visto que Deus é eterno e uma trindade. Portanto todos os Seus atributos são eternos. Ele é o Deus triuno (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) e os Seus atributos só podem ser entendidos se entendermos o seu Ser.

Um dos atributos de Deus é o Seu amor. Deus é amor (1 Jo 4:8) e Ele é amor porque Ele é um Deus Triúno. O Pai sempre tem tido um relacionamento em eterno amor com o Filho no Espírito. O Pai sempre amou o Filho e o Filho sempre amou o Pai no Espírito e, este amor, que tem sempre sido puro, é puro por causa da simplicidade ou perfeição de Deus. Deus ama a Ele mesmo neste relacionamento entre as três pessoas da trindade.

Deus é perfeito em Seu relacionamento com Ele mesmo. Deus “exercita” Seus atributos sempre e de maneira perfeita n’Ele mesmo de tal forma que Ele não depende de nada fora d’Ele para “exercitá-los”. Deus sempre amou a Ele mesmo na sua trindade. Ele tem sempre sido justo na Sua trindade. Ele tem sempre sido bom na Sua trindade. Ele tem sempre sido santo na Sua

trindade. Ele tem sempre “exercitado” Seus atributos ou, em outras palavras, “exercitado” a Si mesmo em Seu Ser. Ele tem sempre sido glorificado ao máximo em Si mesmo.

Sabendo disto, é uma blasfêmia dizer que Deus será mais glorificado no futuro, no dia do julgamento. É uma blasfêmia porque, como nós vimos, Ele tem sempre sido glorificado ao máximo n’Ele mesmo. O que podemos dizer é que Deus irá dar a conhecer as suas criaturas os Seus atributos (Rm 9:22-23) os quais Ele já fez conhecido por completo em Jesus Cristo (Cl 1:15). A exibição de todos os atributos de Deus estava em Jesus Cristo na cruz.

*S e g u r a n ç a a b e n ç o a d a p a r a o
e l e i t o*

É impossível para Deus não amar o eleito porque o eleito tem a justiça do Amado (Jesus) sobre Ele e é conformado a imagem de Jesus. Deus o ama porque Ele (Deus) ama a Ele mesmo. O Pai ama o eleito porque Ele ama o Filho no Espírito. O Filho ama o Eleito porque Ele ama o Pai no Espírito.

Quão maravilhoso é saber isto porque esta

segurança que todo o Cristão tem é que Deus é perfeito em Seu relacionamento com Ele mesmo. Seus eleitos, que foram escolhidos por Deus antes da fundação do mundo tem esta segurança do amor de Deus porque Deus ama a Si mesmo em sua trindade.

O amor de Deus pelo eleito é eterno porque o eleito é conformado a imagem do Filho eterno (Rm 8:29), o qual o Pai tem sempre amado e em quem Ele se compraz (Mc 1:11) e porque Ele decidiu desde a eternidade predestinar, chamar, justificar e glorificar todos que Ele dantes conheceu (Rm 8:29,30). Se isto foi decidido na eternidade, no próprio Deus, então o amor que Deus tem pelo eleito é eterno (Jr 31:3); e se Deus, que está acima do tempo, decidiu na eternidade fazer tudo o que vimos em Romanos 8:29-30 pelo eleito, então isto já está feito n'Ele (em Deus) mesmo. Nós, o seu povo, iremos experienciar isto, nós estamos experienciando isto (como criaturas finitas), mas já está feito em Deus. Deus pode e ama seu povo eleito porque isto já está feito n'Ele desde a eternidade. Oh segurança abençoada.

A s i t u a ç ã o d o r é p r o b o

OS ATRIBUTOS DE DEUS

A ira de Deus está sobre todo aquele que está fora d'Ele (Deus) porque é impossível para Deus amar o que não é perfeito, o que não é encontrado em Cristo. Não existe nenhuma possibilidade para Deus amar o réprobo. Dizer que Deus ama o réprobo é dizer que Deus pode amar qualquer um que está fora de Cristo, fora do Amado do Pai. Isto é impossível para Deus porque isto é dizer que Ele ama o que é imperfeito.

A ira de Deus está sobre o réprobo porque ele não está em Cristo e nunca pode estar. Se ele está fora de Cristo, não há nenhuma possibilidade para Deus de amá-lo (Sl 5:4-6; Sl 11:5). Só há a ira do Deus Santo sobre ele. A ira que está sobre tudo e todos que estão fora d'Ele mesmo.

Deus decidiu desde toda a eternidade fazer isto

“Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim. Que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade” (Is 46:9,10)



Prefácio – A.W. Pink

“Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados” (Efésios 2:1)

“Reconcilia-te, pois, com ele e tem paz, e assim te sobrevirá o bem” (Jó 22:21).

“Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte, na sua força, nem o rico, nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o Senhor e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor” (Jeremias 9:23,24).

Um conhecimento espiritual e salvífico de Deus é a

maior necessidade de todo homem. O fundamento de todo verdadeiro conhecimento de Deus deve ser uma clara apreensão mental de Suas perfeições reveladas nas Sagradas Escrituras. Um Deus desconhecido não pode ser confiável, servido ou adorado. Neste livro foi feito um esforço para expor algumas das principais perfeições do caráter divino. Se o leitor quiser realmente tirar proveito com a leitura das páginas que se seguem, ele precisa suplicar a Deus, com determinação e sinceridade, para abençoá-lo e para aplicar Sua verdade à consciência e ao coração, de modo que sua vida seja assim transformada.

Algo mais do que um conhecimento teórico de Deus é necessário para nós. Deus só é verdadeiramente conhecido na alma quando nos rendemos a Ele, nos submetemos à Sua autoridade e regulamos todos os detalhes de nossas vidas por Seus santos preceitos e mandamentos. “Conheçamos e prossigamos [no caminho da obediência] em conhecer ao SENHOR” (Os 6:3). “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina” (Jo 7:17). “o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo” (Dn 11:32).

A.W. Pink, 1930

LEGADO REFORMADO



Capítulo 1 - A Solidão de Deus

O título deste artigo talvez não seja suficientemente explícito para indicar seu tema. Isso se deve em parte ao fato de que tão poucos hoje estão acostumados a meditar sobre as perfeições pessoais de Deus. Comparativamente, poucos daqueles que ocasionalmente leem a Bíblia, estão cientes da grandiosidade do caráter divino que inspira reverência e provoca adoração. Que Deus é grande em sabedoria, maravilhoso em poder, mas cheio de misericórdia, é como um conhecimento quase comum; mas, entreter

qualquer coisa que se aproxime de uma concepção adequada de Seu ser, Sua natureza e Seus atributos, conforme revelados nas Sagradas Escrituras, é algo que poucas pessoas nestes tempos degenerados alcançaram. Deus é solitário em Sua excelência. “Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?” (Ex 15:11).

A n t e s d e t u d o

“No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1:1). Houve um tempo, se é que “tempo” pode ser chamado, quando Deus, na unidade de Sua natureza (embora subsistindo igualmente em três pessoas divinas), habitava sozinho. No princípio, Deus. Não havia céu, onde Sua glória agora é particularmente manifestada. Não havia terra para atrair Sua atenção. Não havia anjos para cantar Seus louvores; nenhum universo para ser sustentado pela palavra de Seu poder. Não havia nada, ninguém, exceto Deus; e isso, não por um dia, um ano ou uma era, mas desde a eternidade. Durante a eternidade passada, Deus estava sozinho;

autossuficiente e autosatisfeito; precisando de nada. Se houvesse um universo, se houvesse anjos, se os seres humanos fossem necessários para Ele de alguma forma, eles também teriam sido chamados à existência desde toda a eternidade. A criação deles quando Ele o fez, não acrescentou nada a Deus essencialmente. Ele não muda, por isso Sua glória essencial não pode ser nem aumentada nem diminuída.

Sua vontade soberana

Deus não estava sob nenhuma restrição, nenhuma obrigação, nenhuma necessidade de criar. O fato d'Ele ter escolhido fazer isso foi puramente um ato soberano de Sua parte, causado por nada fora d'Ele mesmo, determinado por nada além de Seu próprio mero beneplácito; pois Ele “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11). O que Ele criou foi simplesmente para Sua glória manifesta.

Alguns de nossos leitores imaginam que fomos além do que as Escrituras afirmam? Então nosso apelo será à Lei e ao Testemunho: “Levantai-vos, bendizei ao Senhor, vosso Deus, de eternidade em eternidade.

Então, se disse: Bendito seja o nome da tua glória, que ultrapassa todo bendizer e louvor” (Ne 9:5). Deus não ganha nada, nem mesmo com a nossa adoração. Ele não precisa da glória externa de Sua graça que surge de Seus remidos, pois Ele é suficientemente glorioso em Si mesmo sem isso. O que foi que O moveu a predestinar Seus eleitos para o louvor da glória de Sua graça? Foi, como nos é dito em Efésios 1:5, “o beneplácito de sua vontade”.

Estamos bem cientes de que o terreno elevado que estamos pisando aqui é novo e estranho para quase todos os nossos leitores; por essa razão, é bom progredirmos lentamente. Deixe nosso apelo novamente ser para as Escrituras. No final de Romanos 11, onde o apóstolo encerra seu longo argumento sobre a salvação pela graça pura e soberana, ele pergunta: “Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído?” (vv. 34,35). A verdade aqui contida é o fato de que é impossível trazer o Todo-Poderoso sob obrigações para com a criatura; Deus não ganha nada de nós. “Se és justo, que lhe dás ou que recebe ele da tua mão? A tua impiedade só pode fazer o

mal ao homem como tu mesmo; e a tua justiça, dar proveito ao filho do homem” (Jó 35:7,8), mas certamente não pode afetar a Deus, que é Todo-Abençoado em Si mesmo. “Depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis” (Lc 17:10). Nossa obediência não traz benefício algum a Deus.

Não, vamos mais longe; nosso Senhor Jesus Cristo não acrescentou nada a Deus em Seu ser e glória essenciais, seja pelo que Ele fez ou pelo que Ele sofreu. Verdadeiro, abençoado e gloriosamente, Ele manifestou a glória de Deus para nós, mas não acrescentou nada a Deus. Ele mesmo expressamente declara isso, quando disse: “Digo ao SENHOR: Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente” (Sl 16:2). Esse é um Salmo de “Cristo”. A bondade ou justiça de Cristo alcançou Seus santos na terra (v. 3), mas Deus estava muito acima e além de tudo isso. Somente Deus é “Bendito” (Mc 14:61).

É perfeitamente verdade que Deus é honrado e desonrado pelos homens; não em Seu ser essencial, mas em Seu caráter oficial. É igualmente verdade que Deus foi “glorificado” pela criação, pela providência e pela redenção. Isso não questionamos nem ousamos

contestar nem por um momento. Mas tudo isso tem a ver com Sua glória manifesta e o reconhecimento dela por nós. No entanto, se fosse da vontade de Deus, Ele poderia ter continuado sozinho por toda a eternidade, sem dar a conhecer Sua glória às criaturas. Se Ele deveria compartilhar Sua glória ou não, foi determinado exclusivamente por Sua própria vontade. Ele já era perfeitamente abençoado em Si mesmo antes que a primeira criatura fosse chamada à existência.

Mas o que são todas as criaturas de Suas mãos para Ele? Deixe a Escritura novamente responder:

“Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que cai de um balde e como um grão de pó na balança; as ilhas são como pó fino que se levanta. Nem todo o Líbano basta para queimar, nem os seus animais, para um holocausto. Todas as nações são perante ele como coisa que não é nada; ele as considera menos do que nada, como um vácuo. Com quem comparareis a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com ele?” (Is 40:15-18).

Esse é o Deus da Escritura; mas infelizmente, Ele

OS ATRIBUTOS DE DEUS

ainda é “o Deus desconhecido” (At 17:23) para as multidões desatentas.

“Ele é o que está assentado sobre a redondeza da terra, cujos moradores são como gafanhotos; é ele quem estende os céus como cortina e os desenrola como tenda para neles habitar; é ele quem reduz a nada os príncipes e torna em nulidade os juizes da terra” (Is 40:22,23).

Quão vastamente diferente é o Deus da Escritura do “deus” do púlpito!

Tampouco o testemunho do Novo Testamento é diferente do Antigo; pois como poderia ser, visto que ambos têm o mesmo Autor! Lá também lemos: “em suas épocas determinadas, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores;

o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém!” (1 Tm 6:15,16). Tal Deus deve ser reverenciado, venerado e adorado.

Ele é solitário em Sua majestade, único em Sua

excelência, incomparável em Suas perfeições. Ele sustenta tudo, mas é independente de tudo. Ele dá a todos, mas não é enriquecido por ninguém.

O Deus que se revela

Tal Deus não pode ser descoberto por meio de busca. Ele pode ser conhecido apenas quando é revelado ao coração pelo Espírito Santo por meio da Palavra. É verdade que a criação demonstra a existência de um Criador tão claramente que os homens são “indesculpáveis”; no entanto, ainda temos que dizer com Jó: “Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele! Mas o trovão do seu poder, quem o entenderá?” (Jó 26:14). O chamado “argumento do design” por apologetas bem-intencionados tem feito muito mais mal do que bem, pois rebaixa o grande Deus ao nível da compreensão finita e, assim, perde de vista Sua excelência “solitária”.

A analogia foi traçada entre um selvagem encontrando um relógio nas areias e, a partir de um exame minucioso, ele infere um relojoeiro. Até agora tudo bem. Mas tente ir mais longe. Suponha que o

OS ATRIBUTOS DE DEUS

selvagem se sente na areia e se esforce para formar para si mesmo uma concepção desse relojoeiro, suas afeições e maneiras pessoais; suas disposições, aquisições e caráter moral. Por acaso, ele poderia, por meio de sua racionalização e pensamentos dizer: “Eu conheço o homem que criou esse relógio!?” Por acaso, o Deus eterno e infinito está ao alcance da razão humana? Eu digo que não! O Deus da Escritura só pode ser conhecido por aqueles a quem Ele se dá a conhecer.

Deus também não pode ser conhecido pelo intelecto. “Deus é Espírito” (Jo 4:24) e, portanto, Ele só pode ser conhecido espiritualmente. Mas o homem caído não é espiritual; ele é carnal. Ele está morto para tudo o que é espiritual. A menos que ele nasça de novo, trazido sobrenaturalmente da morte para a vida, milagrosamente transferido das trevas para a luz, ele não pode nem mesmo ver as coisas de Deus (Jo 3:3), muito menos apreendê-las (1 Co 2:14). O Espírito Santo tem que brilhar em nossos corações (não intelectos) para nos dar “o conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4:6). E mesmo esse conhecimento espiritual é apenas fragmentário. A alma regenerada ainda tem que crescer continuamente na graça e no

conhecimento do Senhor Jesus (2 Pe 3:18). A principal oração e objetivo dos cristãos deve ser que vivamos “de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus” (Cl 1:10).



Capítulo 2 - Os Decretos de Deus

O decreto de Deus é seu propósito ou determinação com respeito às coisas futuras. Usamos a nomenclatura em singular, assim como as Escrituras fazem (Rm 8:28; Ef 3:11), porque houve apenas um ato de Sua mente infinita sobre as coisas futuras. Mas falamos como se houvesse muitos, porque nossas mentes só são capazes de pensar em acontecimentos sucessivos, conforme surgem pensamentos e ocasiões, ou em referência aos vários objetos de Seu decreto, que sendo muitos, nos parecem exigir um propósito distinto para cada um.

Mas uma compreensão infinita não procede por etapas, de um estágio para outro. Conhecidas são todas obras de Deus desde o princípio do mundo (At 15:18).

O s d e c r e t o s d e D e u s

As Escrituras mencionam os decretos de Deus em muitas passagens e sob uma variedade de termos. A palavra “decreto” é encontrada no Salmo 2:7. Em Efésios 3:11, temos as palavras “eterno propósito”. Em Atos 2:23 nos é dito sobre Seu “determinado desígnio e presciência”. Em Efésios 1:9 lemos “do mistério da Sua vontade”. Em Romanos 8:29 é usada a palavra “predestinou”. Em Efésios 1:9 a palavra usada é “beneplácito”.

Os decretos de Deus são chamados de Seu “conselho” para demonstrar que são perfeitamente sábios. Eles são chamados de “vontade” de Deus para mostrar que Ele não estava sob controle, mas agia de acordo com Seu próprio prazer. Quando a vontade de um homem é a regra de sua conduta, geralmente a conduta de tal homem é emocional e irracional; mas a sabedoria está sempre associada à “vontade” nos

OS ATRIBUTOS DE DEUS

procedimentos divinos e, conseqüentemente, os decretos de Deus são considerados como “o conselho da Sua vontade” (Ef 1:11).

Os decretos de Deus referem-se a todas as coisas futuras, sem exceção. Tudo o que é feito no tempo foi predeterminado antes do início do tempo. O propósito de Deus estava relacionado com tudo, seja grande ou pequeno, seja bom ou mau, embora com referência a este último devemos ter o cuidado ao afirmar que, embora Deus seja o Ordenador e Controlador do pecado, Ele não é o Autor dele. O pecado não poderia proceder de um Deus santo por criação positiva e direta, mas apenas por permissão decretiva e ação negativa.

O decreto de Deus é tão abrangente quanto Seu governo, estendendo-se a todas as criaturas e a todos os eventos. Os decretos d’Ele abrangem nossa vida e morte; nosso estado no tempo e nosso estado na eternidade. Como Deus opera todas as coisas segundo o conselho de Sua própria vontade, aprendemos, por meio de Suas obras visíveis qual foi e qual é Seu decreto; assim como julgamos o plano de um arquiteto inspecionando o edifício que foi erguido sob suas instruções.

Deus não decretou simplesmente fazer o homem, colocá-lo na terra e depois deixá-lo à sua própria e descontrolada orientação; em vez disso, fixou todas as circunstâncias de cada indivíduo e todos os detalhes referentes a história da raça humana desde o seu início até o seu fim. Ele não apenas decretou que leis gerais deveriam ser estabelecidas para o governo do mundo, mas estabeleceu a aplicação dessas leis a todos os casos particulares. Nossos dias estão contados, assim como os cabelos de nossas cabeças. Podemos aprender qual é a extensão dos decretos divinos por meio das dispensações da providência, em que são executados. O cuidado da Providência atinge as criaturas mais insignificantes e os eventos mais minuciosos, desde a morte de um pardal até a queda de um fio de cabelo.

*Propriedades dos decretos
divinos*

Vamos agora considerar algumas das propriedades dos decretos divinos. Primeiro, eles são eternos. Supor que qualquer um deles foi feito no tempo é supor que alguma nova ocasião ocorreu. É supor que algum evento antes imprevisível ou uma combinação de

circunstâncias surgiu, ao qual induziu o Altíssimo a formar uma nova resolução. Isso seria o mesmo que afirmar que o conhecimento da Deidade é limitado e que Ele está se tornando mais sábio com o passar do tempo; o que seria uma blasfêmia horrível. Nenhum homem que acredita que o entendimento divino é infinito, compreendendo o passado, o presente e o futuro, jamais concordará com a doutrina errônea dos decretos temporais. Deus não ignora os eventos futuros que serão executados pelas vontades humanas; Ele os predisse em inúmeras instâncias, e tal ação é apenas a manifestação de Sua presciência eterna. A Escritura afirma que os crentes foram escolhidos em Cristo antes da fundação do mundo (Ef 1:4). Sim, tal decreto foi “concedido” a favor deles antes que tudo se formasse (2 Tm 1:9).

Em segundo lugar, os decretos de Deus são sábios. A sabedoria é demonstrada na seleção dos melhores fins possíveis e dos meios mais adequados para alcançá-los. Toda prova de sabedoria nas obras de Deus é uma prova da sabedoria de Deus em guiar tudo. Como o salmista declarou: “Que variedade, SENHOR, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste” (Sl 104:24). De fato, é

apenas uma parte muito pequena deles que cai sob nossa observação; no entanto, devemos proceder aqui como fazemos em outros casos, e julgar o todo pelas partes, julgar o que é desconhecido, pelo que é conhecido. Aquele que percebe o funcionamento de uma habilidade admirável nas partes de uma máquina que tem a oportunidade de examinar é naturalmente levado a acreditar que as outras partes são igualmente admiráveis. Da mesma maneira, devemos satisfazer nossas mentes quanto às obras de Deus quando dúvidas se impõem sobre nós e repelir quaisquer objeções que possam ser sugeridas por algo que não podemos conciliar com nossas noções do que é bom e sábio. Quando alcançarmos os limites do finito e olharmos para o misterioso reino do infinito, diremos: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11:33).

Em terceiro lugar, os decretos partem de Sua vontade somente. “Quem guiou o Espírito do SENHOR? Ou, como seu conselheiro, o ensinou? Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse

OS ATRIBUTOS DE DEUS

compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho de entendimento?” (Is 40:13,14).

Deus estava sozinho quando fez Seus decretos, e Suas determinações não foram influenciadas por nenhuma causa externa. Ele era livre para decretar ou não decretar, e para decretar uma coisa e não outra. Essa liberdade devemos atribuir Àquele que é Supremo, Independente e Soberano em todos os Seus atos.

Em quarto lugar, eles são absolutos e incondicionais. A sua execução não é suspensa por qualquer condição que possa ou não ser cumprida. Em todos os casos em que Deus decretou um fim, Ele também decretou todos os meios para esse fim. Aquele que decretou a salvação de Seus eleitos também decretou trabalhar a fé neles (2 Ts 2:13). “O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Is 46:10). Mas isso não poderia ser, se Seu conselho dependesse de uma condição que não pudesse ser cumprida. Mas Deus “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11).

A Responsabilidade do homem

Lado a lado com a imutabilidade e invencibilidade dos decretos de Deus, a Escritura ensina claramente que o homem é uma criatura responsável por suas ações. E se nossos pensamentos são formados pela Palavra de Deus, a afirmação de uma doutrina não levará à negação do outro. É claramente admitido a dificuldade real em definir onde a reponsabilidade do homem termina e a soberania de Deus começa.

Este é sempre o caso em que há uma conjunção do divino e do humano. A verdadeira oração é indicada [ditada] pelo Espírito, mas também é o clamor de um coração humano. As Escrituras são a Palavra inspirada de Deus, mas foram escritas por homens e não máquinas. Cristo é Deus e Homem. Ele é onisciente, mas cresceu em sabedoria (Lc 2:52). Ele é Todo-Poderoso, mas foi “crucificado em fraqueza” (2 Co 13:4). Ele é o Príncipe da vida, mas morreu. Grandes mistérios são esses, mas a fé os recebe sem questionar.

Frequentemente foi apontado no passado que toda objeção feita contra os decretos eternos de Deus se aplica com igual força contra Sua presciência eterna.

“Todos afirmam que Ele conhece todas as coisas de antemão. Agora, é evidente que, se Ele conhece todas as coisas de antemão, Ele as aprova ou não; isto é, Ele quer que sejam, ou não quer que sejam. Mas desejar que tais coisas existam é o mesmo que decretá-las” (Jonathan Edwards).

Por fim, tente, comigo, assumir e depois contemplar o oposto. Negar os decretos divinos seria predicar um mundo e todas as suas preocupações reguladas pelo acaso não planejado ou pelo destino cego. Então, que paz, que segurança, que conforto haveria para nossos pobres corações e mentes? Que refúgio haveria para onde voar na hora da necessidade e da provação? Nenhum. Não haveria nada melhor do que a escuridão e o horror abjeto do ateísmo.

Ó meu leitor, quão gratos devemos ser por tudo ser determinado pelo Deus de infinita sabedoria e bondade! Que louvor e gratidão são devidos a Deus por Seus decretos divinos. É por causa deles que “sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8:28). Bem podemos dizer: “Porque

LEGADO REFORMADO

dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11:36).



Capítulo 3 - O Conhecimento de Deus

A Onisciência de Deus

Deus é onisciente. Ele sabe tudo; tudo possível, tudo real; todos os eventos e todas as criaturas, do passado, do presente e do futuro. Ele conhece perfeitamente cada detalhe da vida de cada ser no céu, na terra e no inferno. Ele “conhece o que está em trevas” (Dn 2:22). Nada escapa à Sua atenção, nada pode ser escondido d’Ele, nada é esquecido por Ele. Bem podemos dizer com o salmista: “Tal conhecimento é maravilhoso

demais para mim: é sobremodo elevado, não o posso atingir” (Sl 139:6). Seu conhecimento é perfeito. Ele nunca erra, nunca muda, nunca esquece nada. “E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4:13). Sim, assim é o Deus “com quem temos de prestar contas”.

“Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, Senhor, já a conheces toda” (Sl 139:2-4). Que Ser maravilhoso é o Deus das Escrituras! Cada um de Seus atributos gloriosos deve torná-lo honroso em nossa estima. A apreensão de Sua onisciência deve nos curvar em adoração diante d’Ele. No entanto, quão pouco meditamos sobre essa perfeição divina! Por acaso, meditamos pouco sobre esse assunto porque o próprio pensamento disso nos enche de inquietação?

Quão solene é o fato de que nada pode ser escondido de Deus! “Quanto às coisas que vos surgem à mente, eu as conheço” (Ez 11:5). Embora Ele seja

OS ATRIBUTOS DE DEUS

invisível para nós, não o somos para Ele. Nem a escuridão da noite, nem as cortinas mais fechadas, nem o calabouço mais profundo podem esconder qualquer pecador dos olhos da Onisciência. As árvores do jardim não foram capazes de esconder nossos ancestrais. Nenhum olho humano viu Caim assassinar seu irmão, mas seu Criador testemunhou seu crime. Sara riu zombeteiramente no isolamento de sua tenda, mas foi ouvida por Jeová. Acã roubou uma fatia de ouro e cuidadosamente a escondeu na terra, mas Deus o trouxe à luz. Davi se esforçou muito para encobrir sua maldade, mas logo o Deus que tudo vê enviou um de Seus servos para dizer a ele: “Tu és o homem” (2 Sm 12:7). E ao escritor e ao leitor também é dito: “e sabeis que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32:23).

Os homens despojariam a Deidade de Sua onisciência se pudessem. Tal desejo prova que “o pendor da carne é inimizade contra Deus” (Rm 8:7). Os ímpios odeiam naturalmente essa perfeição divina tanto quanto são naturalmente compelidos a reconhecê-la. Eles desejam que não haja Testemunha de seus pecados, nenhum Perscrutador de seus corações, nenhum Juiz de seus atos. Eles procuram banir tal Deus

de seus pensamentos: “Não dizem no seu coração que eu me lembro de toda a sua maldade” (Os 7:2). Quão solene é o Salmo 90:8! Boa razão tem todo rejeitador de Cristo para tremer diante de tais palavras: “Diante de ti puseste as nossas iniquidades e, sob a luz do teu rosto, os nossos pecados ocultos”.

Mas para o crente, o fato da onisciência de Deus é uma verdade carregada de muito conforto. Em tempos de perplexidade, ele diz como Jó: “Mas Ele sabe o meu caminho” (Jó 23:10). Pode ser profundamente misterioso para mim, bastante incompreensível para meus amigos, mas “Ele sabe”. Em tempos de cansaço e fraqueza, os crentes asseguram a si mesmos: “Ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó” (Sl 103:14). Em tempos de dúvida, eles apelam para esse mesmo atributo, dizendo: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno” (Sl 139:23,24). Em tempos de triste fracasso, quando nossas ações desmentiram nossos corações, quando nossas ações repudiaram nossa devoção, e a pergunta perscrutadora nos vem: “Tu me amas?”; dizemos, como Pedro disse:

“Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo” (Jo 21:17).

Aqui mora o incentivo à oração. Não há motivo para temer que as petições dos justos não sejam ouvidas, ou que seus suspiros e lágrimas escapem à atenção de Deus, visto que Ele conhece os pensamentos e intenções do coração. Não há perigo de o santo individual ser esquecido em meio à multidão de suplicantes que diariamente e a cada hora apresentam suas várias petições, pois um Deus infinito é tão capaz de prestar a mesma atenção a milhões, como se apenas um indivíduo estivesse buscando sua atenção. Assim também a falta de linguagem adequada, a incapacidade de dar expressão ao anseio mais profundo da alma, não comprometerá nossas orações, pois “E será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei” (Is 65:24).

P a s s a d o e F u t u r o

“Grande é o Senhor nosso e mui poderoso; o seu entendimento não se pode medir” (Sl 147:5). Deus não apenas sabe tudo o que aconteceu no passado em todas

as partes de Seus vastos domínios, e Ele não apenas está completamente familiarizado com tudo o que está acontecendo agora em todo o universo, mas também está perfeitamente ciente de todos os eventos, do menor ao maior, que acontecerá nas eras vindouras. O conhecimento de Deus sobre o futuro é tão completo quanto Seu conhecimento do passado e do presente, e isso porque o futuro depende inteiramente d'Ele mesmo. Se fosse de alguma forma possível que algo ocorresse sem a ação direta ou permissão de Deus, então esse algo seria independente d'Ele, e Ele imediatamente deixaria de ser Supremo.

Agora, o conhecimento divino do futuro não é uma mera abstração, mas algo que está inseparavelmente conectado e acompanhado por Seu propósito. O próprio Deus projetou tudo o que ainda acontecerá, e o que Ele projetou deve ser efetuado. Como Sua mais segura Palavra afirma: “segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão” (Dn 4:35). E novamente: “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (Pv 19:21). Sendo a sabedoria e o poder de Deus igualmente

infinitos, a realização de tudo o que Ele propôs é absolutamente garantida. Não é mais possível que os conselhos divinos falhem em sua execução do que seria para o Deus três vezes santo mentir.

Nada relativo ao futuro é de forma alguma incerto no que diz respeito à confirmação dos conselhos de Deus. Nenhum de Seus decretos é deixado contingente a criaturas ou causas secundárias. Não há evento futuro que seja apenas uma mera possibilidade, ou seja, algo que pode ou não acontecer: “O Senhor... faz estas coisas conhecidas desde séculos” (At 15:18). O que quer que Deus tenha decretado é inexoravelmente certo, pois Ele é sem variação ou sombra de variação (Tg 1:17). Lembre-se do que é dito no livro de Apocalipse: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer” (Ap 1:1).

O perfeito conhecimento de Deus é exemplificado e ilustrado em cada profecia registrada em Sua Palavra. No Antigo Testamento encontram-se dezenas de previsões sobre a história de Israel, que foram cumpridas nos mínimos detalhes, séculos depois de terem sido feitas. Nelas também há detalhes sobre a caminhada de Cristo na terra, as quais foram realizadas

literal e perfeitamente.

Tais profecias só poderiam ter sido dadas por Alguém que conhecia o fim desde o início e cujo conhecimento repousava na certeza incondicional da realização de tudo o que foi predito.

Da mesma forma, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento contêm muitos outros anúncios ainda futuros, e eles também devem ser cumpridos, pois foram preditos por Aquele que os decretou.

Deve-se, entretanto, apontar que nem o conhecimento de Deus nem Sua cognição do futuro, considerados simplesmente em si mesmos, são “causativos”. Nada jamais aconteceu, ou jamais acontecerá, meramente porque Deus o sabia. A causa de todas as coisas é a vontade de Deus. O homem que realmente acredita nas Escrituras sabe de antemão que as estações continuarão a se seguir com regularidade infalível até o fim da história da terra (Gn 8:22); mas seu conhecimento não é a causa de sua sucessão. Portanto, o conhecimento de Deus não surge das coisas porque elas são ou serão, mas porque Ele as ordenou que existissem.

OS ATRIBUTOS DE DEUS

Deus sabia e predisse a crucificação de Seu Filho muitas centenas de anos antes que Ele se tornasse encarnado, e isso porque no propósito divino Ele era um Cordeiro morto desde a fundação do mundo, pois Ele foi “entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (At 2:23).

Agora darei uma ou duas palavras a título de aplicação. O conhecimento infinito de Deus deve nos encher de admiração. Quão exaltado acima do homem mais sábio é o Senhor! Nenhum de nós sabe o que um dia pode trazer, mas todo futuro está aberto ao Seu olhar onisciente. O infinito conhecimento de Deus deve nos encher de santo temor. Nada do que fazemos, dizemos ou mesmo pensamos escapa do conhecimento d’Aquele com quem temos que tratar. “Os olhos do SENHOR estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons” (Pv 15:3). Que freio isso seria para nós, se apenas meditássemos sobre essa realidade com mais frequência! Em vez de agir de forma imprudente, devemos dizer com Agar: “Tu és Deus que vê” (Gn 16:13). A apreensão do conhecimento infinito de Deus deve encher o cristão de adoração. Toda a minha vida esteve aberta à Sua visão desde o início. Ele previu cada

LEGADO REFORMADO

queda minha, cada pecado meu, cada retrocesso meu, mas ainda assim, fixou Seu coração em mim. Oh, como a percepção disso deveria me curvar em admiração e adoração diante d'Ele!



Capítulo 4 - A Presciência de Deus

Quantas controvérsias foram desenvolvidas por causa desse assunto no passado! Mas que verdade da Sagrada Escritura existe que não tenha sido ocasião de batalhas teológicas e eclesiásticas? A divindade de Cristo, Seu nascimento virginal, Sua morte expiatória, Seu segundo advento; a justificação, santificação, segurança do crente; a igreja, sua organização, oficiais, disciplina; batismo, a ceia do Senhor e uma série de outras verdades preciosas podem ser mencionadas. No entanto, as controvérsias travadas sobre elas não

fecharam a boca dos fiéis servos de Deus; por que, então, deveríamos evitar a questão da presciência de Deus? Deveríamos evitar porque, certamente, há alguns que nos acusarão de fomentar conflitos? Deixe que outros contestem se quiserem, nosso dever é dar testemunho de acordo com a luz que nos foi concedida.

E r r o d i s s i p a d o

Há duas coisas a respeito da presciência de Deus sobre as quais muitos estão em ignorância: o significado do termo e seu escopo bíblico. Porque esta ignorância é tão difundida, é fácil para pregadores e mestres impingirem perversões deste assunto, mesmo sobre o povo de Deus. Existe apenas uma salvaguarda contra o erro, que deve ser estabelecida na fé; e para isso, tem que haver estudo diligente em oração, e receber com mansidão a Palavra de Deus enxertada. Só então estamos fortalecidos contra os ataques daqueles que nos assaltam.

Há aqueles hoje que estão fazendo mau uso desta mesma verdade para desacreditar e negar a soberania absoluta de Deus na salvação dos pecadores. Assim

como os altos críticos estão repudiando a inspiração divina das Escrituras; assim como evolucionistas estão repudiando a obra de Deus na criação; assim, alguns pseudo-professores da Bíblia estão pervertendo a presciência de Deus a fim de anular Sua eleição incondicional para a vida eterna.

Quando o assunto solene e abençoado da “pre-ordenação” ou predestinação divina é exposto, quando a escolha eterna de Deus de certos para serem conformados à imagem de Seu Filho é exposta, o inimigo envia algum homem para argumentar que a eleição é baseada na presciência de Deus, e esta “presciência” é interpretada como significando que Deus previu que certos seriam mais flexíveis do que outros, que eles responderiam mais prontamente aos esforços do Espírito; e porque Deus sabia que eles acreditariam, Ele os predestinou para a salvação. Mas tal afirmação é radicalmente errada. Essa visão repudia a verdade da depravação total, pois argumenta que há algo de bom em alguns homens. Tira a independência de Deus, pois faz com que Seus decretos se baseiem no que Ele descobre na criatura. Isso vira completamente as coisas de cabeça para baixo, pois ao dizer que Deus

previu que certos pecadores acreditariam em Cristo, e que por causa disso, Ele os predestinou para a salvação, é exatamente o contrário da verdade.

As Escrituras afirmam que Deus, em Sua alta soberania, escolheu certos para serem recipientes de Seus favores distintivos (At 13:48) e, portanto, Ele determinou conceder-lhes o dom da fé. A falsa teologia torna a presciência de Deus de nossa crença a causa de Sua eleição para a salvação; ao passo que a eleição de Deus é a causa, e nossa crença em Cristo é o efeito.

V e r d a d e p r o c l a m a d a

Antes de prosseguir com nossa discussão sobre esse tema tão incompreendido, vamos fazer uma pausa e definir nossos termos. O que significa “pré-conhecimento” ou presciência? “Saber de antemão” é a pronta resposta de muitos. Mas não devemos tirar conclusões precipitadas, nem devemos recorrer ao dicionário *Webster* como o tribunal final de apelação, pois não é uma questão de etimologia do termo empregado. O que é necessário é descobrir como a palavra é usada nas Escrituras. O uso de uma expressão

pelo Espírito Santo sempre define seu significado e escopo. É a falha em aplicar esta regra simples que é responsável por tanta confusão e erro. Muitas pessoas assumem que já sabem o significado de uma certa palavra usada nas Escrituras, e então são muito demoradas para testar suas suposições por meio de uma análise mais bíblica. Ampliemos este ponto.

Pegue a palavra “carne”. Seu significado parece ser tão óbvio que muitos considerariam uma perda de tempo procurar suas várias conexões nas Escrituras. Presume-se apressadamente que a palavra é sinônimo de corpo físico e, portanto, nenhuma investigação é feita. Mas, de fato, “carne” nas Escrituras frequentemente inclui muito mais do que o que é corpóreo; tudo o que é abrangido pelo termo só pode ser determinado por uma comparação diligente de cada ocorrência dele e por um estudo de cada contexto separado.

Pegue a palavra “mundo”. O leitor leigo da Bíblia imagina que esta palavra é o equivalente para a raça humana e, conseqüentemente, muitas passagens onde o termo é encontrado são interpretadas erroneamente. Pegue a palavra “imortalidade”. Certamente não requer

estudo! Obviamente tem referência à indestrutibilidade da alma. Ah, meu leitor, é tolice e errado assumir qualquer coisa no que diz respeito à Palavra de Deus. Se o leitor se der ao trabalho de examinar cuidadosamente cada passagem onde se encontram “mortal” e “imortal”, verá que essas palavras nunca são aplicadas à alma, mas sempre ao corpo.

Agora, o que foi dito sobre “carne”, o “mundo”, “imortalidade”, aplica-se com igual força aos termos “saber”, “pré-saber” ou presciência. Em vez de imaginar que essas palavras significam apenas uma simples cognição, as diferentes passagens em que ocorrem precisam ser cuidadosamente ponderadas.

A palavra “presciência” ou “pré-conhecer” não é encontrada no Antigo Testamento. Mas “conhecer” ocorre com frequência. Quando esse termo é usado em conexão com Deus, muitas vezes significa considerar com favor, denotando não mera cognição, mas uma afeição pelo objeto em vista. “Porque achaste graça aos meus olhos, e eu te conheço pelo teu nome” (Ex 33:17). “Rebeldes fostes contra o Senhor, desde o dia em que vos conheci” (Dt 9:24). “Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci” (Jr 1:5). “De todas as

famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi [ou conheci]” (Am 3:2). Nessas passagens, “conheci” significa ameii ou designei.

Da mesma forma, a palavra “conhecer” é frequentemente usada no Novo Testamento, no mesmo sentido do Antigo Testamento. “Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci” (Mt 7:23). “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem” (Jo 10:14). “Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele” (1 Co 8:3). “O Senhor conhece os que lhe pertencem” (2 Tm 2:19).

Presciência definida

Agora, a palavra “pré-conhecimento” ou presciência como é usada no Novo Testamento é menos ambígua do que em sua forma simples “saber” ou “conhecer”. Se cada passagem em que ocorre for cuidadosamente estudada, descobrir-se-á que é um ponto discutível se tais palavras fazem referência à mera percepção de eventos que ainda acontecerão. O fato é que “presciência” nunca é usada nas Escrituras em conexão com eventos ou ações; em vez disso, tais palavras

sempre se refere a pessoas. Diz-se que Deus “conheceu de antemão” as pessoas, não as ações dessas pessoas. Como prova disso, citaremos agora cada passagem em que essa expressão é encontrada.

A primeira ocorrência está em Atos 2:23. Ali lemos: “Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos”. Se atenção cuidadosa for dada às palavras deste versículo, será visto que o apóstolo não estava falando da presciência de Deus sobre o ato da crucificação, mas da Pessoa crucificada: “Ele [Cristo] sendo entregue pelo...”

A segunda ocorrência está em Romanos 8:29,30. “Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou”. Atente-se bem o pronome que é usado aqui. Não é o que Ele conheceu de antemão, mas quem Ele conheceu. Não é a rendição de suas vontades nem a crença de seus corações, mas são as próprias pessoas que Ele conheceu.

“Deus não rejeitou o seu povo, a quem de antemão

conheceu” (Rm 11:2). Mais uma vez, a referência clara é a pessoas, e apenas a pessoas.

A última menção está em 1 Pedro 1:2: “Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai.” Quem são os “eleitos segundo a presciência de Deus Pai”? O versículo anterior nos diz: a referência é aos “estranhos dispersos”, ou seja, os cristãos que estavam em Diáspora, na Dispersão; os judeus crentes. Assim, aqui também a referência é a pessoas, e não a seus atos previstos.

Agora, em vista dessas passagens (e não há mais), que fundamento bíblico existe para alguém dizer que Deus “previu” os atos de certos, a saber, seu “arrependimento e crença” e que por causa desses atos Ele os elegeu para a salvação? A resposta é: Nenhum. A Escritura nunca fala de arrependimento e fé como sendo previstos ou “pré-conhecidos” por Deus.

Verdadeiramente, Ele sabia desde toda a eternidade que alguns se arrependeriam e acreditariam, mas não é a isso que as Escrituras se referem como o objeto da presciência de Deus. A palavra refere-se uniformemente às pessoas prescientes de Deus; então vamos manter “o padrão das sãs palavras” (2 Tm 1:13).

Outra coisa para a qual desejamos chamar a atenção

em particular é que as duas primeiras passagens citadas acima mostram claramente e ensinam implicitamente que a presciência de Deus não é causativa, mas algo precede essa presciência; e esse algo é Seu próprio decreto soberano. Cristo foi “entregue pelo [1] determinado desígnio e [2] presciência de Deus” (At 2:23). Seu conselho ou decreto foi a base de sua presciência. Então, novamente, vemos que Romanos 8:29 começa com a palavra “porque”. Isso quer dizer que devemos olhar para o contexto anterior. O que, então, o versículo anterior diz? Este: “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles... que são chamados segundo o seu propósito.” Assim, a presciência de Deus é baseada em Seu “propósito” ou decreto (veja Salmos 2:7).

Deus prevê o que acontecerá porque Ele decretou o que acontecerá. É, portanto, inverter a ordem das Escrituras, afirmar que Deus elege porque conhece as propensões das pessoas de antemão. A verdade é que Ele as conhece de antemão porque Ele as escolheu. Isso remove a base ou causa da eleição de fora da criatura e a coloca na própria vontade soberana de Deus. Deus propôs em Si mesmo eleger um certo povo, não por

causa de algo de bom neles ou deles, seja real ou previsto, mas apenas por Seu próprio mero prazer.

Quanto ao porquê Ele escolheu aqueles que escolheu, não sabemos, e podemos apenas dizer: “Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10:21). A pura verdade em Romanos 8:29 é que Deus, antes da fundação do mundo, escolheu certos pecadores e os designou para a salvação (2 Ts 2:13). Isso fica claro nas palavras finais do versículo: “Predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho.” Deus não predestinou aqueles a quem Ele conheceu de antemão que já eram “conformados”, mas, ao contrário, aqueles a quem Ele “de antemão conheceu”, ou seja, amou e elegeu, Ele predestinou “para serem conformes à imagem de Seu Filho”. Sua conformidade com Cristo não é a causa, mas o efeito da presciência e predestinação de Deus.

Deus não elegeu nenhum pecador porque previu que ele acreditaria, pela simples, mas suficiente razão de que nenhum pecador jamais pode crer até que Deus lhe dê fé; assim como ninguém vê até que Deus lhe dê a visão. A fé é um dom de Deus (Ef 2:8,9). Se fosse verdade que Deus elegeu certos para serem salvos porque no

devido tempo eles acreditariam, então isso tornaria a crença um ato meritório e, nesse caso, o pecador salvo teria motivos para se gloriar, algo que a Escritura combate enfaticamente (Ef 2:9).

Certamente a Palavra de Deus é bastante clara ao ensinar que crer não é um ato meritório. A Bíblia afirma que os cristãos são um povo que “mediante a graça”, creem (At 18:27). Se, então, eles acreditam por causa da graça, não há absolutamente nada meritório em “crer” e, se não há nada meritório, qualquer coisa neles não poderia ser o fundamento ou a causa que levou Deus a escolhê-los. Não; a escolha de Deus não procede de nada em nós, ou de nós, mas unicamente de Seu próprio prazer soberano. Mais uma vez, em Romanos 11:5, lemos sobre “um remanescente segundo a eleição da graça.” Aí está, claro o suficiente; a eleição em si é pela graça, e a graça é um favor imerecido, algo pelo qual não temos qualquer direito.

Parece, portanto, que é muito importante para nós ter uma visão clara e espiritual da presciência de Deus. Concepções errôneas sobre isso levam inevitavelmente a pensamentos muito desonrosos referentes a Ele. A ideia popular da presciência divina é totalmente

OS ATRIBUTOS DE DEUS

inadequada. Deus não apenas conheceu o fim desde o início, mas Ele planejou, fixou, predestinou tudo desde o início. E, como a causa precede o efeito, o propósito de Deus é a base de Sua presciência.

Se o leitor for um verdadeiro cristão, é porque Deus o escolheu em Cristo antes da fundação do mundo (Ef 1:4), e não o escolheu porque previu que você acreditaria, mas escolheu simplesmente porque Lhe aprouve escolher; escolheu você apesar de sua incredulidade natural. Sendo assim, toda a glória e louvor pertencem somente a Ele. Você não tem motivos para tomar qualquer crédito para si mesmo. Você creu “mediante a graça” (At 18:27); e isso porque sua própria eleição foi “pela graça” (Rm 11:5).



Capítulo 5 - A Supremacia de Deus

A maioria não O conhece

Em uma de suas cartas a Erasmo, Lutero disse: “Seus pensamentos sobre Deus são humanos demais”. Provavelmente aquele renomado estudioso se ressentiu por tal repreensão, ainda mais porque procedeu do filho de um mineiro; no entanto, tal repreensão foi totalmente merecida. Nós também, embora não

tenhamos posição entre os líderes religiosos desta era degenerada, proferimos a mesma acusação contra a maioria dos pregadores de nossos dias e contra aqueles que, em vez de examinar as Escrituras por si mesmos, aceitam preguiçosamente o ensino de outros. As concepções mais desonrosas e degradantes do governo e reinado do Todo-Poderoso são agora mantidas em quase toda parte. Para incontáveis milhares, mesmo entre os que professam ser cristãos, o Deus das Escrituras é totalmente desconhecido.

Antigamente, Deus queixou-se contra a apostasia de Israel: “Pensavas que eu era teu igual” (Sl 50:21). Tal deve ser agora Sua acusação contra uma cristandade apóstata. Os homens imaginam que o Altíssimo é movido pelo sentimento, e não por princípios. Eles supõem que Sua onipotência é uma ficção tão ociosa que Satanás está frustrando Seus desígnios por todos os lados. Eles pensam que se Ele formou algum plano ou propósito, então deve ser como o deles, constantemente sujeito a mudanças. Eles declaram abertamente que qualquer poder que Ele possua deve ser restringido, para que Ele não invada a cidadela do “livre arbítrio” do homem e o reduza a uma “máquina”. Eles rebaixam a expiação

todo-eficaz, que realmente redimiu todos para quem foi feita, a um mero “remédio”, que as almas enfermas do pecado podem usar se se sentirem dispostas; e eles enervam a obra invencível do Espírito Santo como uma “oferta” do Evangelho que os pecadores podem aceitar ou rejeitar como quiserem.

O “deus” deste século não se parece mais com o Soberano Supremo das Escrituras Sagradas do que o brilho fraco de uma vela com a glória do sol do meio-dia. O “deus” que agora é falado no púlpito comum, falado na Escola Dominical, mencionado em grande parte da literatura religiosa e pregado na maioria das chamadas Conferências Bíblicas é fruto da imaginação humana, uma invenção do sentimentalismo pagão. Os pagãos fora da cristandade formam “deuses” de madeira e pedra, enquanto os milhões de pagãos dentro da cristandade fabricam um “deus” de sua própria mente carnal. Na realidade, eles são apenas ateus, pois não há outra alternativa possível entre um Deus absolutamente supremo e nenhum Deus.

Um “deus” cuja vontade é resistida, cujos desígnios são frustrados, cujo propósito está em xeque-mate, não possui título de Deidade e, longe de ser um objeto

adequado de adoração, merece nada além de desprezo.

Rei dos reis e Senhor dos senhores

A supremacia do Deus vivo e verdadeiro pode muito bem ser discutida a partir da distância infinita que separa as criaturas mais poderosas do Criador Todo-Poderoso. Ele é o Oleiro, eles são apenas o barro em Suas mãos, para serem moldados em vasos de honra, ou para serem despedaçados (Sl 2:9) como Ele quiser. Se todos os habitantes do céu e todos os habitantes da terra se unissem em revolta contra Ele, isso não Lhe causaria inquietação e teria menos efeito sobre Seu Trono eterno e inatacável do que o borrifo das ondas do Mediterrâneo sobre as altas rochas de Gibraltar. Quão pueril e impotente é a criatura para afetar o Altíssimo! A própria Escritura nos diz que quando os chefes dos gentios se unirem com Israel apóstata para desafiar a Jeová e Seu Cristo, rirá “Aquele que habita nos céus” (Sl 2:4).

A supremacia absoluta e universal de Deus é clara e positivamente afirmada em muitas Escrituras. “Teu,

SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos” (1 Cr 29:11,12). Observe, Ele reina agora, e não somente no milênio. “Ah! Senhor, Deus de nossos pais, porventura, não és tu Deus nos céus? Não és tu que dominas sobre todos os reinos dos povos? Na tua mão, está a força e o poder, e não há quem te possa resistir” [nem mesmo o próprio Diabo] (2 Cr 20:6). Diante d’Ele, presidentes e papas, reis e imperadores são menos que gafanhotos.

“Mas, se Ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que Ele deseja, isso fará.” (Jó 23:13). Ah, meu leitor, o Deus da Escritura não é um monarca fictício, nem um mero soberano imaginário, mas o Rei dos reis e Senhor dos senhores. “Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado” (Jó 42:2) - isto é, nenhum dos Seus planos podem ser impedidos ou, nenhum de Seus propósitos podem ser frustrados. Tudo o que Ele planejou, Ele faz. Tudo o que Ele decretou Ele realiza. “No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada” (Sl 115:3); e por que Ele? Porque “não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo

conselho contra o SENHOR” (Pv 21:30).

Ele faz tudo o que Lhe agrada

A supremacia de Deus sobre as obras de Suas mãos é vividamente descrita nas Escrituras. Matéria inanimada, criaturas irracionais, todas cumprem as ordens de seu Criador. A seu bel-prazer, o Mar Vermelho se dividiu e suas águas se ergueram como muros (Ex 14); a terra abriu sua boca e rebeldes culpados desceram vivos à cova (Nm 16). Quando Ele ordenou, o sol parou (Js 10:13); e em outra ocasião retrocedeu dez graus no mostrador de Acaz (Is 38:8). Para exemplificar Sua supremacia, Ele fez corvos levarem comida para Elias (1 Re 17), fez um machado nadar sobre as águas (2 Re 6:5), domesticou os leões quando Daniel foi lançado em sua cova e não permitiu que o fogo queimasse quando os três hebreus foram lançados em suas chamas. Assim, “tudo quanto aprouve ao Senhor, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos” (Sl 135:6).

A supremacia de Deus também é demonstrada em Seu domínio perfeito sobre a vontade dos homens. Deixe o leitor ponderar cuidadosamente Êxodo 34:24.

Três vezes no ano todos os homens de Israel eram obrigados a deixar suas casas e subir a Jerusalém. Eles viviam no meio de um povo hostil, que os odiava por terem se apropriado de suas terras. O que então impediria os cananeus de aproveitarem a oportunidade e, durante a ausência dos judeus, matarem mulheres e crianças e tomarem a posse de suas fazendas? Se a mão do Todo-Poderoso não estivesse sobre a vontade nem mesmo dos homens perversos, como Ele poderia fazer essa promessa de antemão, de que ninguém deveria sequer “desejar” suas terras? Ah, “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21:1).

Mas, pode-se objetar: “Não lemos repetidas vezes nas Escrituras como os homens desafiaram a Deus, resistiram à Sua vontade, quebraram Seus mandamentos, desconsideraram Suas advertências e se fizeram como surdos para todas as Suas exortações?” Certamente, essas coisas são verdades. “Mas isso anula tudo o que dissemos acima?” Se assim for, então a Bíblia claramente se contradiz. Mas isso não pode ser. O que o objetor se refere é simplesmente a maldade do homem contra a Palavra externa de Deus, enquanto o que

mencionamos acima é o que Deus propôs em Si mesmo. A regra de conduta que Ele nos deu para seguir não é perfeitamente cumprida por nenhum de nós; mas Seus próprios “conselhos” eternos são cumpridos nos mínimos detalhes.

A supremacia absoluta e universal de Deus é afirmada com igual clareza e positividade no Novo Testamento. Ali somos informados de que Deus “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1:11). Também lemos: “Porque d’Ele, e por meio d’Ele, e para Ele são todas as coisas. A Ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11:36). Os homens podem gabar-se de serem agentes livres, com vontade própria, e de que estão em liberdade para fazer o que quiserem. Mas o que a Bíblia tem a dizer sobre isso? “Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros.... Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser” (Tg 4:13,15)!

Aqui, então, é um lugar seguro de descanso para o coração. Nossas vidas não são o produto do destino cego nem o resultado do acaso caprichoso, mas todos os detalhes foram ordenados desde toda a eternidade e ainda são ordenados pelo Deus vivo e que reina. Nem

um fio de cabelo de nossa cabeça pode ser tocado sem Sua permissão. “O coração do homem traça o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos” (Pv 16:9). Que segurança, que força, que consolo isso deve dar ao verdadeiro cristão! “Nas tuas mãos, estão os meus dias” (Sl 31:15). Então, que eu “Descanse no Senhor e aguarde por ele com paciência” (Sl 37:7).



Capítulo 6 - A Soberania de Deus

A soberania de Deus definida

A soberania de Deus pode ser definida como o exercício de Sua supremacia. Sendo infinitamente elevado acima da mais alta criatura, Ele é o Altíssimo, Senhor do céu e da terra. Sujeito a ninguém, influenciado por ninguém, absolutamente independente; Deus faz o que lhe agrada, somente

como lhe agrada e sempre como lhe agrada. Ninguém pode impedi-lo, ninguém pode frustrá-lo. Assim, Sua própria Palavra declara expressamente: “o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Is 46:10); “Ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão?” (Dn 4:35). A soberania divina significa que Deus é Deus de fato, que Ele está no Trono do universo, dirigindo todas as coisas, operando todas as coisas “conforme o conselho da Sua vontade” (Ef 1:11).

O falecido *Charles Haddon Spurgeon* disse corretamente em seu sermão sobre Mateus 20:15:

Não há atributo mais reconfortante para Seus filhos do que a soberania de Deus. Nas circunstâncias mais adversas, nas provações mais severas, os crentes acreditam que o Soberano ordenou suas aflições, que o Soberano os rege e que o Soberano os santificará. Não há nada pelo qual os filhos devam lutar mais fervorosamente do que a doutrina da realeza de Deus sobre todas as obras de Suas próprias mãos; o trono de Deus e Seu direito de sentar-se nesse trono. Por outro lado, não há doutrina mais odiada pelos

mundanos, do que a certa doutrina da soberania do infinito Jeová. Os homens permitirão que Deus esteja em todos os lugares, exceto em Seu trono. Eles permitirão que Ele esteja em Sua oficina para moldar mundos e fazer estrelas. Eles permitirão que Ele esteja em Sua esmola para dispensar Suas esmolas e conceder Suas dádivas. Eles permitirão que Ele sustente a terra e sustente seus pilares, ou acenda as lâmpadas do céu, ou governe as ondas do oceano sempre em movimento; mas quando Deus ascende ao Seu trono, Suas criaturas rangem os dentes”.

E nós proclamamos um Deus entronizado, e Seu direito de fazer o que Ele quer com os Seus, de dispor de Suas criaturas como Ele quiser, sem consultá-los. É a partir desse ponto que somos zombados e execrados. E a partir desse ponto que os homens se fazem de surdos para nós, pois o Deus entronizado não é o Deus que eles amam. Mas é esse Deus entronizado que amamos pregar. É em Deus em Seu trono que confiamos.

“Tudo quanto aprouve ao SENHOR, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos” (Sl 135:6). Sim, caro leitor, tal é o Deus imperial revelado nas

Sagradas Escrituras. *Inigualável em majestade, ilimitado em poder, não afetado por nada fora d'Ele mesmo.* Mas estamos vivendo em uma época em que até os mais “ortodoxos” parecem ter medo de admitir a Divindade de Deus. Eles dizem que afirmar a soberania de Deus exclui a responsabilidade humana; ao passo que a responsabilidade humana se baseia na soberania divina e é o produto dela.

*R e s p o n s a b i l i d a d e h u m a n a e
s o b e r a n i a d i v i n a*

“No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada” (Sl 115:3). Ele soberanamente escolheu colocar cada uma de Suas criaturas em uma base particular que parecia boa aos Seus olhos. Ele criou os anjos; alguns Ele colocou em uma base condicional, outros Ele deu uma posição imutável diante d'Ele (1 Tm 5:21), fazendo de Cristo a cabeça deles (Cl 2:10). Que não seja esquecido que os anjos que pecaram (2 Pe 2:4), eram tanto Suas criaturas quanto os anjos que não pecaram. No entanto, Deus previu que eles cairiam, no entanto Ele os colocou em uma base mutável, de criatura, condicional, e permitiu que eles caíssem, embora Ele não fosse o Autor

de seu pecado.

Da mesma forma, Deus soberanamente colocou Adão no jardim do Éden em uma base condicional. Se Ele quisesse, Ele poderia tê-lo colocado em uma base incondicional. Ele poderia tê-lo colocado em uma base tão firme quanto a ocupada pelos anjos não caídos. Ele poderia tê-lo colocado sobre uma base tão segura e imutável quanto aquela que Seus santos têm em Cristo. Mas, em vez disso, Ele escolheu colocá-lo no Éden com base na responsabilidade da criatura, de modo que ele permaneceria ou cairia de acordo com sua medida ou falha em sua responsabilidade. Adão era responsável perante Deus pela lei que seu Criador lhe dera. Aqui estava a responsabilidade, responsabilidade total, testada nas condições mais favoráveis.

Ora, Deus não colocou Adão sobre uma base de responsabilidade condicional, porque era certo que assim o fizesse. Não! Tal ação de Deus estava certa porque Deus a fez. Deus nem mesmo deu existência às criaturas porque era certo para Ele fazê-lo, isto é, porque Ele estava sob qualquer obrigação de criar; mas tal criação é certa porque Ele a fez. Deus é soberano. Sua vontade é suprema. Longe de Deus estar sob qualquer

lei de “certo ou errado”, pois Ele é uma lei para Si mesmo, de modo que tudo o que Ele faz é correto. E aí do rebelde que questiona Sua soberania: “Aí daquele que contende com o seu Criador! E não passa de um caco de barro entre outros cacos. Acaso, dirá o barro ao que lhe dá forma: Que fazes?” (Is 45:9).

Novamente; o Senhor Deus soberanamente colocou Israel sobre uma base condicional. Os capítulos 19, 20 e 24 do Êxodo fornecem uma prova clara e completa disso. Eles foram colocados sob um pacto de obras. Deus lhes deu certas leis e fez com que a bênção nacional para eles dependesse da observância de Seus estatutos. Mas Israel era obstinado e incircunciso de coração. Eles se rebelaram contra Jeová, abandonaram Sua lei, voltaram-se para falsos deuses e apostataram. Em consequência, o julgamento divino caiu sobre eles; eles foram entregues nas mãos de seus inimigos, dispersos por toda a terra e permanecem sob o pesado desagrado de Deus até os dias de hoje.

Foi Deus, no exercício de Sua elevada soberania, que colocou Satanás e seus anjos, Adão e Israel em suas respectivas posições de responsabilidade. Mas, longe de Sua soberania retirar a responsabilidade da criatura, foi

pelo exercício dela que Ele os colocou nesta base condicional, sob as responsabilidades que Ele julgou apropriadas; em virtude de qual soberania, Ele é visto como Deus sobre todos. Assim, há perfeita harmonia entre a soberania de Deus e a responsabilidade da criatura.

Muitos têm dito tolamente que é totalmente impossível mostrar onde termina a soberania divina e começa a responsabilidade da criatura. Aqui é onde começa a responsabilidade da criatura: Na ordenação soberana do Criador. Quanto à Sua soberania, não há e nunca haverá um “fim” para ela!

Vamos dar mais provas de que a responsabilidade da criatura é baseada na soberania de Deus. Quantas coisas estão registradas nas Escrituras que eram corretas porque Deus as ordenou, e que não seriam corretas se Ele não tivesse ordenado! Que direito tinha Adão de “comer” das árvores do Jardim? Que direito Israel tinha de “pegar emprestado” as joias e roupas dos egípcios (Ex 12:35)? Nenhum, exceto o fato de que Jeová havia autorizado (Ex 3:22). Que direito tinha Israel de matar tantos cordeiros para o sacrifício? Nenhum, exceto o fato de que Deus ordenara. Que direito Israel tinha de

matar todos os cananeus? Nenhum, exceto o fato de que Jeová os havia ordenado. Que direito tem o marido de exigir submissão de sua esposa? Nenhum, exceto o fato de que Deus assim quis. E assim podemos continuar. A responsabilidade humana é baseada na soberania divina.

Mais um exemplo do exercício da soberania absoluta de Deus. Deus colocou Seus eleitos em uma base diferente de Adão ou Israel. Ele colocou Seus eleitos em uma base incondicional. Na aliança eterna, Jesus Cristo foi designado Cabeça deles, tomou sobre Si as responsabilidades deles e operou para eles uma justiça que é perfeita, inalterável e eterna. Cristo foi colocado sob condição condicional, pois Ele foi colocado debaixo da lei, “para resgatar os que estavam sob a lei”, apenas com esta infinita diferença; os outros falharam; Ele não falhou e nem poderia falhar. E quem colocou Cristo sobre essa base condicional? O Deus Triúno. Foi a vontade soberana que O designou, o amor soberano que O enviou, a autoridade soberana que designou Sua obra.

Certas condições foram estabelecidas perante o Mediador. Ele deveria ser feito à semelhança da carne

OS ATRIBUTOS DE DEUS

do pecado; Ele deveria engrandecer a lei e torná-la honrosa; Ele levaria todos os pecados de todo o povo de Deus em Seu próprio corpo no madeiro; Ele deveria fazer expiação completa por eles; Ele deveria suportar a ira derramada de Deus; Ele deveria morrer e ser enterrado. Ao cumprir essas condições, foi-lhe prometida uma recompensa: Ele seria o primogênito entre muitos irmãos; Ele deveria ter um povo com o qual Ele compartilharia Sua glória. Bendito seja o Seu nome para sempre, Ele cumpriu essas condições e, porque assim o fez, o Pai se comprometeu, sob juramento solene, a preservar através do tempo e abençoar por toda a eternidade cada um daqueles por quem Seu Filho encarnado se entregou.

Porque Ele tomou o lugar deles, eles agora compartilham o lugar d'Ele. Sua justiça é deles, Sua posição diante de Deus é deles, Sua vida é deles. Não há uma única condição para eles cumprirem, nem uma única responsabilidade para eles cumprirem a fim de alcançar sua bem-aventurança eterna. "Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados [separados]"

(Hb 10:14).

Aqui, então, a soberania de Deus é exibida abertamente diante de todos. Tal soberania é exibida nas diferentes maneiras pelas quais Ele lidou com Suas criaturas. Parte dos anjos, Adão e Israel, foram colocados sob condição condicional, sendo a continuação das bênçãos dependente de sua obediência e fidelidade a Deus. Mas, em nítido contraste com eles, o “pequeno rebanho” (Lucas 12:32) recebeu uma posição incondicional e imutável na aliança de Deus, nos conselhos de Deus, no Filho de Deus. Todas as bênçãos sendo dependente do que Cristo fez por eles. “o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem” (2 Tm 2:19). O fundamento sobre o qual os eleitos de Deus estão é perfeito; nada pode ser acrescentado a Ele, nem nada tirado d’Ele (Ec 3:14). Aqui, então, está a mais alta e grandiosa demonstração da soberania absoluta de Deus. Em verdade, Ele tem “misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz” (Rm 9:18).



Capítulo 7 - A Imutabilidade de Deus

Deus se distingue de Suas criaturas

A imutabilidade é uma das perfeições divinas que não é suficientemente ponderada. É uma das excelências do Criador que O distingue de todas as Suas criaturas. Deus é perpetuamente o mesmo. Ele não é sujeito a nenhuma mudança em Seu ser, atributos ou

determinações. Por isso, Deus é comparado a uma “rocha” (Dt 32:4), que permanece imóvel, quando todo o oceano ao seu redor está continuamente em um estado flutuante. Mesmo que todas as criaturas estejam sujeitas a mudanças, Deus é imutável. Porque Deus não tem começo nem fim, Ele não pode conhecer nenhuma mudança. Ele é eternamente o “Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tg 1:17).

*A s p e c t o s d a i m u t a b i l i d a d e d e
D e u s*

Primeiro, Deus é imutável em Sua essência. Sua natureza e seu ser são infinitos e, portanto, não sujeitos a mutações. Nunca houve um tempo em que Ele não existisse; nunca chegará um momento em que Ele deixará de existir. Deus não evoluiu, cresceu ou melhorou. Tudo o que Ele é hoje, Ele sempre foi e sempre será. “Eu, o Senhor, não mudo” (Ml 3:6); essa é a Sua própria afirmação irrestrita. Ele não pode mudar para melhor, pois já é perfeito; e sendo perfeito, Ele não pode mudar para pior. Ele não poder ser afetado por qualquer coisa fora d’Ele, e por isso a melhoria ou

deterioração é impossível à Ele. Ele é perpetuamente o mesmo. Ele só pode dizer: “EU SOU O QUE SOU” (Ex 3:14). Ele não é influenciado pela passagem do tempo. Não há ruga na fronte da eternidade. Portanto, Seu poder nunca pode diminuir nem Sua glória pode desaparecer.

Em segundo lugar, Deus é imutável em Seus atributos. Quaisquer que fossem os atributos de Deus antes que o universo fosse chamado à existência, eles são exatamente os mesmos agora e permanecerão assim para sempre. Necessariamente deve ser assim; pois os seus atributos são as próprias perfeições, as qualidades essenciais de Seu ser. Sempre *idem* (sempre o mesmo) está escrito em cada um deles.

Seu poder é inabalável, Sua sabedoria inalterada, Sua santidade imaculada. Os atributos de Deus não podem mudar mais do que a Deidade pode deixar de existir. Sua veracidade é imutável, pois Sua Palavra está “para sempre... firmada no céu” (Sl 119:89). Seu amor é eterno: “Com amor eterno eu te amei” (Jr 31:3) e “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13:1). “O SENHOR é bom, a

sua misericórdia dura para sempre, e, de geração em geração, a sua fidelidade” (Sl 100:5).

Em terceiro lugar, Deus é imutável em Seu conselho. Sua vontade nunca varia. Talvez alguns estejam prontos para objetar que devemos ler o seguinte: “se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra” (Gn 6:6). Nossa primeira resposta é: “Então as Escrituras se contradizem?” Não, isso não pode ser. Números 23:19 é bastante claro: “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa.” Assim também em 1 Samuel 15:29 nos é dito: “Também a Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa.” A explicação é muito simples. Ao falar de Si mesmo, Deus frequentemente acomoda Sua linguagem às nossas capacidades limitadas. Ele se descreve como vestido com membros, como olhos, ouvidos, mãos, etc. Ele fala de Si mesmo como “despertando” (Sl 78:65), como “madrugando” (Jr 7:13); no entanto, Ele não dorme nem cochila. Quando institui uma mudança em Seu trato com os homens, Ele descreve Sua conduta como “arrependimento”.

Sim, Deus é imutável em Seu conselho. “Os dons e

a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11:29). Deve ser assim, pois “se Ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que ele deseja, isso fará” (Jó 23:13).

O propósito de Deus nunca muda. Uma de duas coisas faz com que um homem mude de ideia e reverta seus planos: falta de previsão para antecipar o que acontecerá, ou falta de poder para executar o que tem que executar. Mas como Deus é onisciente e onipotente, nunca há necessidade de Ele revisar Seus decretos. Não, “O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações” (Sl 33:11). Por isso, o autor da carta aos hebreus fala sobre “imutabilidade do seu propósito” (Hb 6:17).

*P o d e - s e c o n f i a r n o s s e r e s
h u m a n o s ?*

Aqui podemos perceber a distância infinita que separa a criatura mais elevada do Criador. Criatura e mutabilidade são termos correlativos. Se a criatura não fosse mutável por natureza, não seria uma criatura; seria Deus. Por natureza tendemos ao nada, pois viemos do nada. Nada detém nossa aniquilação, exceto a vontade e o poder sustentador de Deus. Ninguém pode sustentar-

se por um único momento. Somos inteiramente dependentes do Criador para cada respiração que inspiramos. Admitimos alegremente com o salmista: Tu “preserva com vida a nossa alma” (Sl 66:9). A percepção disso deve nos fazer prostrar sob o senso de nossa própria nulidade na presença d’Aquele em quem “vivemos, e nos movemos, e existimos” (At 17:28).

Como criaturas caídas, não somos apenas mutáveis, mas tudo em nós se opõe a Deus. Como tal, somos “estrelas errantes” (Jd 1:13), fora de nossa órbita adequada. “Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar” (Is 57:20). O homem caído é inconstante. As palavras de Jacó a respeito de Rubem se aplicam com força total a todos os descendentes de Adão: “impetuoso como a água” (Gn 49:4). Não devemos depender de nenhum ser humano. “Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação” (Sl 146:3). Se desobedeço a Deus, mereço ser enganado e desapontado por meus semelhantes. As pessoas que gostam de você hoje podem te odiar amanhã. A multidão que clamava: “Hosana ao Filho de Davi” (Mt 21:9), rapidamente começaram a dizer: “Crucifica-o! Crucifica-o!” (Lc 23:21).

*Onde devemos firmar nossos
pés*

Aqui está um conforto sólido. Não se pode confiar na natureza humana; mas posso confiar em Deus! Por mais instável que eu seja, por mais inconstantes que meus amigos possam ser, Deus não muda. Se Ele variasse como nós; se Ele desejasse uma coisa hoje e outra amanhã; se Ele fosse controlado pelo capricho, quem poderia confiar n'Ele? Mas, todo louvor ao Seu nome glorioso, pois Ele é sempre o mesmo. Seu propósito é fixo; Sua vontade é estável; Sua palavra é certa. Aqui, então, está uma Rocha na qual podemos firmar nossos pés, enquanto uma poderosa torrente varre tudo ao nosso redor. A permanência do caráter de Deus garante o cumprimento de Suas promessas: “Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos; mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida, diz o SENHOR, que se compadece de ti” (Is 54:10).

*Aqui está o encorajamento à
oração*

“Que conforto teríamos ao orar para um deus que, como o camaleão, muda de cor a cada momento? Quem faria uma petição a um príncipe terreno que era tão mutável a ponto de conceder uma petição um dia e negá-la em outro?” (*Stephen Charnock, 1670*). Mas alguém deveria perguntar, mas qual é a utilidade de orar para Aquele cuja vontade já está estabelecida? Porque Ele requer isso de nós. Que bênçãos Deus prometeu sem que as procurássemos? “Se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 Jo 5:14). Deus deseja tudo o que é bom para o bem de Seus filhos.

Pedir qualquer coisa contrária à Sua vontade não é oração, mas rebelião.

Aqui está o terror para os ímpios. Aqueles que O desafiam, que quebram Suas leis, que não se preocupam com Sua glória, mas que vivem suas vidas como se Ele não existisse, não devem supor que, quando finalmente clamarem a Ele por misericórdia, Ele alterará Sua vontade, revogará Sua palavra e rescindirá Suas terríveis ameaças. Não, Ele declarou: “Pelo que também eu os tratarei com furor; os meus olhos não pouparão, nem terei piedade. Ainda que me gritem aos ouvidos em alta

voz, nem assim os ouvirei” (Ez 8:18). Deus não negará a Si mesmo para satisfazer suas concupiscências. Deus é santo e imutável. Portanto, Deus odeia o pecado e odeia-o eternamente. Daí a necessidade do castigo eterno de todos os que morrem em seus pecados.

“A imutabilidade divina, como a nuvem que se interpôs entre os israelitas e o exército egípcio, tem um lado escuro e um lado claro. Assegura a execução de Suas ameaças, bem como o cumprimento de Suas promessas. Tal nuvem destrói a esperança que os culpados acariciam com carinho, de que Ele será todo bondoso para com Suas criaturas frágeis e errantes, e que eles serão tratados com muito mais leviandade do que as declarações de Sua própria Palavra nos levariam a esperar. Opomos a essas especulações enganosas e presunçosas à solene verdade de que Deus é imutável em veracidade e propósito, em fidelidade e justiça” (*John Dick, 1850*).



Capítulo 8 - A Santidade de Deus

S ó D e u s é s a n t o

“Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo” (Ap 15:4). Somente Ele é independente, infinitamente e imutavelmente santo. Nas Escrituras, Ele é frequentemente chamado de “O Santo”. Ele é assim porque a soma de toda excelência moral é encontrada n’Ele. Ele é a Pureza absoluta,

imaculada, sem uma sombra do pecado. “Deus é luz, e não há n’Ele treva nenhuma” (1 Jo 1:5). A santidade é a própria excelência da natureza divina. O grande Deus é “glorificado em santidade” (Ex 15:11). Por isso lemos: “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar” (Hab 1:13).

Como o poder de Deus é o oposto da fraqueza da criatura, como Sua sabedoria está em completo contraste com o menor defeito de entendimento ou loucura, então Sua santidade é a própria antítese de toda mancha ou contaminação moral. Desde a antiguidade Deus designou cantores em Israel para render “graças ao Senhor, porque a sua misericórdia dura para sempre” (2 Cr 20:21).

“O poder é a mão ou o braço de Deus, a onisciência é o seu olho, a misericórdia é a sua entranha, a eternidade é a sua duração, mas a santidade é a sua beleza” (S. Charnock).

É isso, supremamente, que O torna amável para aqueles que são libertos do domínio do pecado. Uma ênfase principal é colocada sobre esta perfeição de Deus:

“Deus é frequentemente denominado Santo mais do que Todo-Poderoso, e apresentado por esta parte de Sua dignidade mais do que por qualquer outra. Isso é o elogio maior de Seu nome do que qualquer outro. Você nunca encontra expresso ‘Seu nome poderoso’ ou ‘Seu nome sábio’, mas Seu grande nome e, acima de tudo, ‘Seu santo nome’. Este é o maior título de honra; neste último aparece a majestade e venerabilidade de Seu nome” (*S. Charnock*).

Essa perfeição, como nenhuma outra, é solenemente celebrada diante do Trono do Céu, quando os serafins o louvam, dizendo: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (Is 6:3). O próprio Deus destaca essa perfeição: “Uma vez jurei por minha santidade” (Sl 89:35). Deus jura por Sua “santidade” porque essa é uma expressão mais completa de Si mesmo do que qualquer outra coisa. Portanto, somos exortados: “Salmodiai ao SENHOR, vós que sois seus santos, e dai graças ao seu santo nome” (Sl 30:4).

“Pode-se dizer que isso é um atributo transcendental, que percorre o resto e lança brilho sobre todos os outros. É um atributo dos atributos” (*John Howe, 1670*). A beleza do Senhor (Sl 27:4), não é outra

senão a beleza da santidade (Sl 110:3).

A santidade é a glória da Divindade, assim sendo também a glória de toda perfeição na Divindade. Assim como Seu poder é a força de todos os seus atributos, a Sua santidade é a beleza deles. Assim como todos os atributos seriam fracos sem onipotência para apoiá-los, todos seriam feios sem santidade para adorná-los. Se algum de seus atributos fosse manchado, todo o resto perderia sua honra; como no mesmo instante o sol deveria perder sua luz, perderia seu calor, sua força, sua virtude generativa e vivificadora. Assim como a sinceridade é o brilho de toda graça em um cristão, a pureza é o esplendor de todo atributo da Divindade. Sua justiça é uma justiça santa, Sua sabedoria é uma sabedoria sagrada, Seu poder é um “braço santo” (Sl 98:1). Sua verdade ou promessa é uma “santa promessa” (Sl 105:42). Seu nome, que significa todos os Seus atributos em conjunto, é “santo” (Sl 103:1) (S. Charnock).

*A manifestação da santidade
de Deus*

A santidade de Deus se manifesta em Suas obras. “Justo é o SENHOR em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras” (Sl 145:17). Nada além do que é excelente pode proceder d’Ele. Santidade é a regra de todas as Suas ações. No início, Ele declarou que tudo o que Ele fez era “muito bom” (Gn 1:31). Ele não poderia ter dito isso se houvesse algo imperfeito ou profano neles. O homem foi feito “reto” (Ec 7:29), à imagem e semelhança de seu Criador. Os anjos que caíram foram criados santos, pois nos é dito que eles “não guardaram o seu estado original [habitação]” (Judas 1:6). A respeito de Satanás está escrito: “Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti” (Ez 28:15).

A santidade de Deus se manifesta em Sua lei. Essa lei proíbe o pecado em todas as suas modificações. Proíbe tanto em suas formas mais refinadas quanto nas mais grosseiras, tanto na intenção da mente quanto na poluição do corpo, tanto no desejo secreto quanto no ato aberto. Por isso lemos: “A lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom” (Rm 7:12). Sim, “os

preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do SENHOR é puro e ilumina os olhos. O temor do SENHOR é límpido e permanece para sempre; os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos.” (Sl 19:8,9).

A santidade de Deus é manifestada na cruz. Maravilhosamente e ainda mais solenemente, a expiação mostra a infinita santidade de Deus e a aversão ao pecado. Imagine quão odioso deve ser o pecado para Deus, pois Ele puniu Seu próprio Filho!

Nem todas as taças de julgamento que foram ou serão derramadas sobre o mundo perverso, nem a fornalha ardente da consciência de um pecador, nem a sentença irreversível pronunciada contra os demônios rebeldes, nem os gemidos das criaturas condenadas, dão tal demonstração do ódio de Deus ao pecado, como a ira de Deus lançada sobre Seu Filho. Nunca a santidade divina pareceu mais bela e amável do que na época em que o semblante de nosso Salvador estava tão manchado em meio a Seus gemidos moribundos. Isso Ele mesmo reconhece no Salmo 22. Quando Deus desviou d’Ele o rosto

sorridente e enfiou Sua faca afiada em Seu coração, o que o forçou a dar aquele terrível grito: ‘Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?’ (v 1). Mesmo assim, Ele diz: ‘Contudo, tu és santo, entronizado entre os louvores de Israel’” (v 3) (S. Charnock).

Porque Deus é santo, Ele odeia todo pecado. Ele ama tudo o que está em conformidade com Suas leis e detesta tudo o que é contrário a elas. Sua Palavra declara claramente: “O SENHOR abomina o perverso” (Pv 3:32). E novamente: “O Senhor detesta os pensamentos dos maus” (Pv 15:26). Segue-se, portanto, que Ele deve necessariamente punir o pecado. O pecado não pode mais existir sem exigir Sua punição do que sem exigir Seu ódio por ele.

Muitas vezes Deus perdoou os pecadores, mas nunca perdoa o pecado; e o pecador só é perdoado com base em Outro ter suportado o castigo pelos pecados; pois “sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hb 9:22). Portanto, somos informados de que “o SENHOR é Deus zeloso e vingador, o SENHOR é vingador e cheio de ira; o SENHOR toma vingança contra os seus adversários e reserva indignação para os

seus inimigos” (Naum 1:2). Por causa de um pecado, Deus baniu nossos primeiros pais do Éden. Por causa de um pecado toda a posteridade de Canaã, filho de Cam, caiu sob uma maldição que permanece sobre eles até os dias de hoje (Gn 9:21). Por causa de um pecado Moisés foi excluído de Canaã, o servo de Eliseu acometido de lepra, Ananias e Safira cortados da terra dos vivos.

A santidade de Deus de uma perspectiva mundana

Aqui encontramos prova da inspiração divina das Escrituras. Os não regenerados realmente não acreditam na santidade de Deus. Sua concepção de Seu caráter é totalmente unilateral. Eles esperam com carinho que Sua misericórdia se sobreponha a tudo o mais. “Pensavas que eu era teu igual” (Sl 50:21) é a acusação de Deus contra eles. Eles pensam apenas em um “deus” modelado de acordo com seus próprios corações malignos. Daí a continuação deles em uma vida louca e promíscua.

O caráter atribuído aos “deuses” dos antigos e do paganismo moderno é exatamente o reverso da pureza imaculada que pertence ao verdadeiro Deus. *Um Deus*

inefavelmente santo, que tem a maior aversão a todo pecado, nunca foi inventado por nenhum dos descendentes caídos de Adão! O fato é que nada torna mais manifesta a terrível depravação do coração do homem e sua inimizade contra o Deus vivo do que ter colocado diante dele Aquele que é infinita e imutavelmente santo.

Sua própria ideia de pecado é praticamente limitada ao que o mundo chama de “crime”. Qualquer coisa menos que isso, o homem palia como “defeitos”, “erros”, “enfermidades”, etc. E mesmo onde o pecado é reconhecido, desculpas e extenuações são feitas para ele.

O “deus” que a grande maioria dos cristãos professos “ama” é visto como um velho indulgente, que não gosta de loucura, mas pisca com misericórdia para as “indiscricções” da juventude. Mas a Palavra diz: “Os arrogantes não permanecerão à tua vista; aborreces a todos os que praticam a iniquidade” (Sl 5:5). E novamente, a Palavra nos diz que “Deus é justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias” (Sl 7:11). Mas os homens se recusam a crer neste Deus e rangem os dentes quando Seu ódio ao pecado é fielmente

pressionado em sua atenção. Não, o homem pecador não tinha mais probabilidade de conceber um Deus santo do que de criar o lago de fogo no qual ele será atormentado para todo o sempre.

Porque Deus é santo, a aceitação d'Ele com base nas ações da criatura é totalmente impossível. Uma criatura caída poderia antes criar um mundo do que produzir algo que encontrasse a aprovação da Pureza infinita. Por acaso podem as trevas habitar com a Luz? O Imaculado pode ter prazer em “trapos de imundícia” (Is 64:6)? O melhor que o homem pecador produz é corrompido. Uma árvore corrupta não pode dar bons frutos. Deus negaria a Si mesmo, difamaria Suas perfeições, se Ele considerasse justo e santo aquilo que não é assim em si mesmo. Nada que tenha a menor mancha contrária à natureza de Deus pode ser considerado justo e santo.

H u m a n i d a d e r e d i m i d a

Mas bendito seja o Seu nome, *pois aquilo que Sua santidade exigiu, Sua graça providenciou em Cristo Jesus, nosso Senhor*. Todo pobre pecador que fugiu para Ele em busca de refúgio permanece “no Amado” (Ef 1:6).

Aleluia!

O homem se aproxima de Deus

Porque Deus é santo, a máxima reverência é a nossa aproximação a Ele. “Deus é sobremodo tremendo na assembleia dos santos e temível sobre todos os que o rodeiam” (Sl 89:7). Por isso, “Exaltai ao Senhor, nosso Deus, e prostrai-vos ante o escabelo de seus pés, porque ele é santo” (Sl 99:5). Sim, “ao escabelo de seus pés”, na postura mais baixa de humildade, prostre-se diante d’Ele. Quando Moisés se aproximava da sarça ardente, Deus disse: “Tira as sandálias dos pés” (Ex 3:5). Ele deve ser servido “com temor” (Sl 2:11). A respeito de Israel, Suas palavras foram: “Mostrarei a minha santidade naqueles que se chegarem a mim e serei glorificado diante de todo o povo” (Lv 10:3). Quanto mais nossos corações são admirados por Sua santidade inefável, mais aceitáveis serão nossas aproximações a Ele.

Porque Deus é santo, devemos desejar ser conformados a Ele. Seu mandamento é: “Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1:16). Não somos ordenados a ser onipotentes ou oniscientes como Deus é, mas

OS ATRIBUTOS DE DEUS

devemos ser santos, e isso “em todo o vosso procedimento” (1 Pe 1:15).

Esta é a principal forma de honrar a Deus. Não glorificamos a Deus por meio de elevadas admirações, expressões eloquentes ou serviços pomposos para Ele. Mas o honramos mais quando aspiramos uma comunhão com Ele com espíritos imaculados e vivemos para Ele, vivendo como Ele (S. Charnock).

Então, como somente Deus é a Fonte da santidade, busquemos sinceramente a santidade d’Ele. Que a nossa oração diária seja para que Ele possa nos santificar totalmente e que o nosso “espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts 5:23).



Capítulo 9 - O Poder de Deus

*Estabelecendo um conceito
correto do poder de Deus*

Não podemos ter uma concepção correta de Deus a menos que pensemos n'Ele como todo-poderoso, bem como onisciente. Aquele que não pode fazer o que deseja não pode ser Deus. Assim como Deus tem vontade de fazer o que considera bom, Ele também tem

poder para executar Sua vontade.

O poder de Deus é aquela habilidade e força pela qual Ele pode realizar tudo o que Lhe apraz, tudo o que Sua infinita sabedoria pode direcionar e tudo o que a infinita pureza de Sua vontade pode desejar. Como a santidade é a beleza de todos os atributos de Deus, então o poder é o que dá vida e ação a todas as perfeições da natureza divina. Quão irrelevantes seriam os conselhos eternos, se o poder não interviesse para executá-los. Sem poder, Sua misericórdia seria apenas uma débil piedade, Suas promessas um som vazio, Suas ameaças um mero espantalho. O poder de Deus é como Ele mesmo: Infinito, eterno, incompreensível; não pode ser controlado, contido ou frustrado pela criatura (Stephen Charnock).

“Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto: Que o poder pertence a Deus” (Sl 62:11). “Uma vez falou Deus”; nada mais é necessário! O céu e a terra passarão, mas Sua palavra permanece para sempre. “Uma vez falou Deus”; quão condizente com Sua divina majestade! Nós, pobres mortais, podemos falar com frequência e ainda

não sermos ouvidos. Ele fala apenas uma vez e o trovão de Seu poder é ouvido em mil colinas. “Trovejou, então, o Senhor, nos céus; o Altíssimo levantou a voz, e houve granizo e brasas de fogo. Despediu as suas setas e espalhou os meus inimigos, multiplicou os seus raios e os desbaratou. Então, se viu o leito das águas, e se descobriram os fundamentos do mundo, pela tua repreensão, Senhor, pelo iroso resfolgar das tuas narinas” (Sl 18:13-15).

“Uma vez falou Deus”; eis aí a Sua imutável autoridade. “Pois quem nos céus é comparável ao SENHOR? Entre os seres celestiais, quem é semelhante ao SENHOR?” (Sl 89:6). “Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Dn 4:35). Isso foi exibido abertamente quando Deus se encarnou e habitou entre os homens. Ao leproso Ele disse: “Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra” (Mt 8:3). Para aquele que jazia na sepultura por quatro dias, Ele gritou: “Lázaro, vem para fora!”, e o morto ressurgiu (Jo 11:43). O vento tempestuoso e as ondas furiosas foram

silenciadas com uma única palavra d'Ele. Uma legião de demônios não resistiu ao Seu comando autoritário.

*O poder de Deus e o orgulho do
homem*

O poder pertence a Deus e somente a Ele. Nenhuma criatura em todo o universo tem um átomo de poder, salvo o que Deus delega. Mas o poder de Deus não é adquirido, nem depende de qualquer reconhecimento por qualquer outra autoridade. Pertence a Ele inerentemente.

“O poder de Deus é como Ele mesmo, auto-existente, auto-sustentado. O mais poderoso dos homens não pode acrescentar nem uma sombra a mais ao poder Onipotente de Deus. Ele se senta em um trono sem apoio e não se apoia em nenhum encosto auxiliar. Sua corte não é mantida por Seus cortesãos, nem extrai seu esplendor de Suas criaturas. Ele mesmo é a grande fonte central e Originador de todo poder”
(CH Spurgeon).

Não apenas toda a criação dá testemunho do grande

poder de Deus, mas também de Sua total independência de todas as coisas criadas. Ouçam Suas próprias palavras: “Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular?” (Jó 38:4-6). Oh, quão magnificamente o orgulho do homem foi reduzido ao pó!

“O poder também é usado como um nome de Deus: ‘O Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso’ (Mc 14:62), isto é, à direita de Deus. Deus e o poder são tão inseparáveis que são recíprocos. Como Sua essência é imensa, não deve ser confinada em nenhum lugar; como é eterno, não pode ser medido no tempo; por isso Ele é todo-poderoso, não deve ser limitado em relação à ação” (S. Charnock).

“Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele! Mas o trovão do seu poder, quem o entenderá?” (Jó 26:14). Quem é capaz de contar todos os monumentos de Seu poder? Mesmo

aquilo que é demonstrado por Seu poder na criação visível está totalmente além de nossos poderes de compreensão; menos ainda somos capazes de conceber a própria onipotência. Há infinitamente mais poder alojado na natureza de Deus do que é expresso em todas as Suas obras.

O esconderijo do poder de Deus

Partes de Seus caminhos nós contemplamos na criação, providência, redenção, mas apenas uma pequena parte de Seu poder é vista nessas coisas. “O seu resplendor é como a luz, raios brilham da sua mão; e ali está velado o seu poder” (Hc 3:4). Dificilmente é possível imaginar algo mais “grandiloquente” do que as imagens de todo este capítulo, mas nada neles superam a nobreza desta afirmação. O profeta (em visão) contemplou o poderoso Deus espalhando as colinas e derrubando as montanhas, o que se poderia pensar que foi uma demonstração incrível de Seu poder. Não, diz nosso versículo, isso é mais o “esconder” do que a exibição de Seu poder. O que significa?

Significa que tão inconcebível, tão imenso, tão

incontrolável é o poder da Deidade, que as terríveis convulsões que Ele opera na natureza escondem mais do que revelam Seu poder infinito!

A i m e n s i d ã o d o p o d e r d e D e u s

É muito bonito relacionar as seguintes passagens: Ele “anda sobre os altos do mar” (Jó 9:8), o que expressa o poder incontrolável de Deus. “Ele passeia pela abóbada do céu” (Jó 22:14), que fala da imensidão de Sua presença. Ele “voa nas asas do vento” (Sl 104:3), o que demonstra a incrível rapidez de Suas operações. Mesmo os mais impetuosos dos elementos, lançados em fúrias extremas e varrendo junto com rapidez quase inconcebível, estão sob Seus pés, sob Seu controle perfeito!

Vamos agora considerar o poder de Deus na criação. “Teus são os céus, tua, a terra; o mundo e a sua plenitude, tu os fundaste. O Norte e o Sul, tu os criaste; o Tabor e o Hermom exultam em teu nome” (Sl 89:11,12). Antes que o homem possa trabalhar, ele deve ter ferramentas e materiais, mas Deus começou do nada, e somente por Sua palavra do nada fez todas as

coisas. O intelecto não pode compreender tal verdade. Deus “falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:9). A matéria primitiva ouviu Sua voz. “E disse Deus: Haja... e assim se fez” (Gn 1:6). Bem podemos exclamar: “O teu braço é armado de poder, forte é a tua mão, e elevada, a tua destra” (Sl 89:13).

“Quem, que olha para o céu da meia-noite; e, com um olho da razão, contempla suas maravilhas rolantes; quem pode abster-se de indagar: ‘De que foram formadas suas poderosas esferas?’ Incrível de se relacionar, elas foram produzidas sem materiais. Elas surgiram do próprio vazio. O majestoso tecido da natureza universal emergiu do nada. Que instrumentos foram usados pelo Arquiteto Supremo para modelar as partes com tão primorosa delicadeza e dar um polimento tão belo ao todo? Como tudo foi conectado em uma estrutura finamente proporcionada e nobremente acabada? Uma simples palavra realizou tudo. “Haja”, disse Deus. Ele não acrescentou mais nada; e imediatamente o edifício maravilhoso surgiu, adornado com toda beleza,

exibindo perfeições inumeráveis e declarando entre serafins extasiados o louvor de seu grande Criador. ‘Os céus por sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de sua boca, o exército deles’” (Sl 33:6) (James Hervey, 1789).

Considere o poder de Deus na preservação. Nenhuma criatura tem poder para se preservar. “Pode o papiro crescer sem lodo? Ou viça o junco sem água?” (Jó 8:11). Tanto o homem quanto o animal pereceriam se não houvesse ervas para alimentação; as ervas murchariam e morreriam se a terra não fosse refrescada com chuvas frutíferas. Por isso, Deus é chamado de Preservador dos “homens e animais” (Sl 36:6), “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1:3). Que maravilha de poder divino é a vida pré-natal de cada ser humano! Que uma criança possa viver, e por tantos meses, em quartos tão apertados e imundos, e sem respirar, é inexplicável sem o poder de Deus. Verdadeiramente Ele “preserva com vida a nossa alma” (Sl 66:9).

A preservação da terra da violência do mar é outro exemplo claro do poder de Deus. Como aquele

elemento furioso é mantido reprimido dentro daqueles limites onde Ele o alojou pela primeira vez, continuando seu canal, sem transbordar a terra e despedaçar a parte inferior da criação? A situação natural da água é estar acima da terra, porque é mais leve. Quem restringe a qualidade natural dela? Certamente o homem não o faz e não pode fazê-lo. É a força de seu Criador que sozinho o refreia: “Até aqui virás e não mais adiante, e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas” (Jó 38:11). Que monumento ao poder de Deus é a preservação do mundo!

Considere o poder de Deus no governo. Atente-se para Sua restrição da malícia de Satanás. “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1 Pe 5:8). Ele está cheio de ódio contra Deus e de inimizade diabólica contra os homens, particularmente os santos. Aquele que invejou Adão no paraíso inveja o nosso prazer de desfrutar qualquer uma das bênçãos de Deus. Se ele pudesse fazer sua vontade, trataria a todos da mesma maneira que tratou Jó. Ele enviaria fogo do céu sobre os frutos da terra, destruiria o gado, faria um vento derrubar nossas casas e cobriria nossos corpos com

tumores. Mas, por pouco que os homens possam perceber, Deus o refreia em grande medida, o impede de realizar seus desígnios malignos e o confina em Suas ordenações.

Assim também Deus restringe a corrupção natural dos homens. Ele suporta surtos de pecado suficientes para mostrar que estrago terrível foi causado pela apostasia do homem de seu Criador; mas quem pode conceber a distância terrível a que os homens iriam se Deus removesse Sua mão repressora? “A boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue” (Rm 3:14,15). Essa é a natureza de todo descendente de Adão. Então, que licenciosidade desenfreada e loucura obstinada triunfariam no mundo, se o poder de Deus não se interpusesse para fechar as comportas dele! (Sl 93:3,4).

Considere o poder de Deus no julgamento. Quando Ele fere, ninguém pode resistir a Ele (veja Ezequiel 22:14). Quão terrivelmente isso foi exemplificado no Dilúvio! Deus abriu as janelas do céu e quebrou as grandes fontes do abismo, e (exceto aqueles na arca) toda a raça humana, impotente diante da tempestade de Sua ira, foi varrida. Com uma chuva de fogo e enxofre

do céu, as cidades da planície foram exterminadas. Faraó e todas as suas hostes ficaram impotentes quando Deus soprou sobre eles no Mar Vermelho. Que palavra terrível é essa em Romanos 9:22: “Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição”. Deus vai mostrar Seu grande poder sobre os réprobos não apenas encarcerando-os no Inferno, mas também por meio da preservação sobrenatural de seus corpos, bem como de suas almas em meio às chamas eternas do Lago de Fogo.

Bem, todos devem tremer diante de tal Deus! Tratar com impudência Aquele que pode nos esmagar mais facilmente do que nós podemos fazer com uma mariposa, é uma conduta suicida. Desafiar abertamente Aquele que está revestido de onipotência, que pode nos despedaçar ou nos lançar no Inferno a qualquer momento que Lhe apraz, é o cúmulo da insanidade. Devemos atender ao Seu mandamento: “Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira” (Sl 2: 12).

Bem pode a alma iluminada adorar tal Deus! As maravilhosas e infinitas perfeições de tal Ser requerem

adoração fervorosa. Se homens de poder e renome reivindicam a admiração do mundo, quanto mais o poder do Todo-Poderoso deve nos encher de admiração e adoração. “Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?” (Ex 15:11).

Bem pode o santo confiar em tal Deus! Ele é digno de confiança implícita. Nada é muito difícil para Ele. Se Deus fosse restrito em poder e tivesse um limite para Sua força, poderíamos nos desesperar. Mas vendo que Ele está vestido com onipotência, nenhuma oração é muito difícil para Ele responder, nenhuma necessidade muito grande para Ele suprir, nenhuma paixão muito forte para Ele subjugar; nenhuma tentação poderosa demais para Ele livrar, nenhuma miséria profunda demais para Ele aliviar. “O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo” (Sl 27:1).

“Ora, Àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou

OS ATRIBUTOS DE DEUS

pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!” (Ef 3:20, 21).



Capítulo 10 - A Fidelidade de Deus

*Fiel em todas as coisas e em
todos os momentos*

A infidelidade é um dos pecados mais marcantes em nossos dias maus. No mundo dos negócios, a palavra de um homem, com raríssimas exceções, não é mais seu vínculo. No mundo social, a infidelidade conjugal abunda por todos os lados, os laços sagrados do

casamento sendo quebrados com tão pouca consideração quanto o descarte de uma roupa velha. No âmbito eclesiástico, milhares que fizeram convênio solene de pregar a verdade não têm escrúpulos em atacá-la e negá-la. O leitor ou escritor também não pode reivindicar imunidade completa desse terrível pecado. De quantas maneiras temos sido infiéis a Cristo e à luz e privilégios que Deus nos confiou! Quão revigorante, então, quão indescritivelmente abençoado, é erguer nossos olhos acima desta cena de ruína e contemplar Aquele que é fiel, fiel em todas as coisas e fiel em todos os momentos.

“Saberás, pois, que o SENHOR, teu Deus, é Deus, o Deus fiel” (Dt 7:9). Essa qualidade é essencial ao Seu ser; sem ela Ele não seria Deus. Deus ser infiel seria agir contrário à Sua natureza, o que seria impossível: “se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo” (2 Tm 2:13). A fidelidade é uma das gloriosas perfeições de Seu ser. “Ó SENHOR, Deus dos Exércitos, quem é poderoso como tu és, SENHOR, com a tua fidelidade ao redor de ti?!” (Sl 89:8). Assim também, quando Deus se encarnou, foi dito: “A justiça será o cinto dos seus lombos, e a

fidelidade, o cinto dos seus rins” (Is 11:5).

Que palavra é essa no Salmo 36:5: “A tua benignidade, SENHOR, chega até aos céus, até às nuvens, a tua fidelidade”. Muito acima de toda compreensão finita está a imutável fidelidade de Deus. Tudo sobre Deus é grande, vasto, incomparável. Ele nunca esquece, nunca falha, nunca vacila, nunca deixa de cumprir Sua palavra. A cada declaração de promessa ou profecia o Senhor cumpriu exatamente o que foi dito, e futuramente, a cada compromisso de aliança ou ameaça Ele cumprirá, pois “Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?” (Nm 23:19). Portanto, o crente exclama: “As suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade” (Lm 3:22,23).

As Escrituras abundam em ilustrações da fidelidade de Deus. Há mais de quatro mil anos, Ele disse: “Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite” (Gn 8:22). Cada ano que vem fornece um novo testemunho do cumprimento dessa promessa por parte de Deus. Em Gênesis 15, descobrimos que Jeová

declarou a Abraão: “A tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos... Mas na quarta geração, tornarão para aqui” (vv. 13,16). Séculos seguiram seu curso cansativo. Os descendentes de Abraão gemeram entre as olarias do Egito. Deus havia esquecido Sua promessa? Não, de fato. Leia Êxodo 12:41: “Aconteceu que, ao cabo dos quatrocentos e trinta anos, nesse mesmo dia, todas as hostes do SENHOR saíram da terra do Egito”. Por meio de Isaías, o Senhor declarou: “eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel” (Is 7:14). Novamente os séculos se passaram, mas “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gl 4:4).

Deus é verdadeiro. Sua Palavra de promessa é segura. Em todas as Suas relações com Seu povo, Deus é fiel. Ele pode ser confiado com segurança. Ninguém nunca realmente confiou n’Ele em vão. Encontramos essa preciosa verdade expressa em quase toda parte nas Escrituras, pois Seu povo precisa saber que a fidelidade é uma parte essencial do caráter divino. Esta é a base da nossa confiança n’Ele. Mas uma coisa é aceitar a fidelidade de Deus como uma verdade divina, outra

bem diferente é agir de acordo com tal verdade. Deus nos deu muitas grandes e preciosas promessas, mas estamos realmente confiando no cumprimento delas? Estamos realmente esperando que Ele faça por nós tudo o que Ele disse? Por acaso, estamos descansando com segurança implícita nessas palavras: “Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel” (Hb 10:23)?

Quando ocorrem dificuldades

Há épocas na vida de todos em que não é fácil, nem mesmo para os cristãos, acreditar que Deus é fiel. Nossa fé é duramente provada, nossos olhos se obscurecem com lágrimas e não podemos mais rastrear as manifestações de Seu amor. Nossos ouvidos estão distraídos com os ruídos do mundo, atormentados pelos sussurros ateístas de Satanás, e não podemos mais ouvir o doce sotaque de Sua voz mansa e delicada. Planos acalentados foram frustrados, amigos em quem confiamos falharam conosco, um irmão ou irmã professo em Cristo nos traiu. Estamos cambaleantes. Procuramos ser fiéis a Deus, mas por vezes uma nuvem

escura O esconde de nós. Achamos difícil, sim, impossível, pela razão carnal, harmonizar Sua carrancuda providência com Suas graciosas promessas. Ah, alma vacilante, companheiro peregrino severamente provado, busque graça para cumprir as palavras contidas em Isaías 50:10: “Quem há entre vós que tema ao SENHOR e que ouça a voz do seu Servo? Aquele que andou em trevas, sem nenhuma luz, confie em o nome do SENHOR e se firme sobre o seu Deus.”

Quando você for tentado a duvidar da fidelidade de Deus, clame: “Vai-te, Satanás”. Embora você não possa agora harmonizar os misteriosos tratos de Deus com as declarações de Seu amor, espere n’Ele por mais luz. No devido tempo, Ele deixará isso claro para você. “O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (Jo 13:7). A sequência ainda demonstrará que Deus não abandonou nem enganou nenhum de Seus filhos. “Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vós, e se detém, para se compadecer de vós, porque o SENHOR é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que n’Ele esperam” (Is 30:18).

Não julgue o Senhor por um senso fraco, mas confie n’Ele por sua graça, pois por trás de uma providência

carrancuda, Ele esconde um rosto sorridente. Ó santos medrosos, tomem nova coragem, as nuvens que vocês tanto temem, são ricas em misericórdia e quebrarão em bênçãos sobre sua cabeça.

“Os teus testemunhos, tu os impuseste com retidão e com suma fidelidade” (Sl 119:138). Deus não apenas nos disse o melhor, mas também não reteve o pior. Ele descreveu fielmente a ruína que a Queda causou. Ele diagnosticou fielmente o estado terrível que o pecado produziu. Ele fielmente revelou seu ódio inveterado ao mal e que afirmou que iria puni-lo. Ele nos advertiu fielmente que Ele é um “fogo consumidor” (Hb 12:29). Sua Palavra não apenas abunda em ilustrações de Sua fidelidade no cumprimento de Suas promessas, mas também registra numerosos exemplos de Sua fidelidade em cumprir Suas ameaças. Cada estágio da história de Israel exemplifica esse fato solene. Assim foi com Faraó, Corá, Acã e muitas outras provas. E assim será com você, meu leitor. A menos que você tenha fugido ou fuja para Cristo em busca de refúgio, a queima eterna do Lago de Fogo será sua porção segura e certa. Deus é fiel.

Fidelidade demonstrada

Deus é fiel em preservar o Seu povo. “Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho” (1 Co 1:9). No versículo anterior foi feita a promessa de que Deus confirmaria até o fim Seu próprio povo. O apóstolo afirmou que a confiança na segurança absoluta dos crentes não se baseava na força de suas resoluções ou capacidade de perseverar, mas na veracidade d’Aquele que não pode mentir. Uma vez que Deus prometeu a Seu Filho um certo povo para Sua herança, para livrá-los do pecado e da condenação e torná-los participantes da vida eterna na glória, é certo que Ele não permitirá que nenhum deles pereça.

Deus é fiel em disciplinar Seu povo. Ele é fiel no que retém, não menos do que no que dá. Ele é fiel tanto em enviar tristeza quanto em dar alegria. A fidelidade de Deus é uma verdade a ser confessada por nós não apenas quando estamos à vontade, mas também quando sofremos a repreensão mais severa. Essa confissão também não deve ser apenas de nossas bocas, mas também de nossos corações. Quando Deus nos fere com a vara do castigo, é a fidelidade que a empunha. Reconhecer isso significa que nos humilhamos diante

d'Ele, reconhecemos que merecemos plenamente Sua correção e, em vez de murmurar, agradecemos a Ele por isso. Deus nunca aflige sem uma razão. “Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes” (1 Co 11:30), diz Paulo, ilustrando este princípio. Quando Sua vara cair sobre nós, digamos com Daniel: “A Ti, Ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós, o corar de vergonha” (Dn 9:7).

“Bem sei, ó SENHOR, que os teus juízos são justos e que com fidelidade me afluigiste” (Sl 119:75). Problemas e aflições não são apenas consistentes com o amor de Deus prometido na aliança eterna, mas são partes da administração da mesma. *Deus não é apenas fiel apesar das aflições, mas fiel ao enviá-las.* “Então, punirei com vara as suas transgressões e com açoites, a sua iniquidade. Mas jamais retirarei dele a minha bondade, nem desmentirei a minha fidelidade” (Sl 89:32,33).

A correção não é apenas reconciliável com a bondade de Deus, mas é o efeito e a expressão dela. Acalmaria muito a mente do povo de Deus se eles se lembrassem de que Seu amor pactual O obriga a impor-lhes a correção oportuna. As aflições são necessárias para

*nós: “Estando eles angustiados, cedo me buscarão”
(Os 5:15).*

Deus é fiel em glorificar o Seu povo. “Fiel é o que vos chama, o qual também o fará” (1 Ts 5:24). A referência imediata aqui é aos santos sendo “conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts 5:23). Deus lida conosco não com base em nossos méritos (pois não temos nenhum), mas por causa de Seu grande nome. Deus é constante em Si mesmo e em Seu próprio propósito de graça: “aos que chamou... a esses também glorificou” (Rm 8:30). Deus dá uma demonstração completa da constância de Sua bondade eterna para com Seus eleitos, chamando-os eficazmente das trevas para Sua maravilhosa luz, e isso deve assegurar-lhes plenamente a certeza da continuidade da Sua obra. “o firme fundamento de Deus permanece” (2 Tm 2:19). Paulo estava descansando na fidelidade de Deus quando disse: “Sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia” (2 Tm 1:12).

Fé na fidelidade de Deus

A apreensão desta bendita verdade nos preservará da preocupação. Estar cheio de cuidado, ver nossa situação com pressentimentos sombrios, antecipar o amanhã com triste ansiedade, é pensar erroneamente sobre a fidelidade de Deus. Aquele que cuidou de Seu filho durante todos os anos não o abandonará na velhice. Aquele que ouviu suas orações no passado não se recusará a suprir sua necessidade na presente emergência. Descanse nas palavras contidas em Jó 5:19: “De seis angústias te livrará, e na sétima o mal te não tocará”.

A apreensão desta bendita verdade porá fim às nossas murmurações. O Senhor sabe o que é melhor para cada um de nós, e um dos efeitos de descansar nesta verdade será o silenciamento de nossas queixas petulantes. Deus é grandemente honrado quando, sob provação e correção, temos bons pensamentos sobre Ele, vindicamos Sua sabedoria e justiça e reconhecemos Seu amor em Suas próprias repreensões.

A apreensão desta bendita verdade gerará crescente confiança em Deus. “Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao

OS ATRIBUTOS DE DEUS

fiel Criador, na prática do bem” (1 Pe 4:19). Quando nos entregamos com confiança, quando entregamos todos os nossos assuntos nas mãos de Deus, totalmente persuadidos de Seu amor e fidelidade, mais cedo ficaremos satisfeitos com Suas providências e perceberemos que Ele faz bem todas as coisas.



Capítulo 11 - A Bondade de Deus

A bondade de Deus revelada

“A bondade de Deus dura para sempre” (Sl 52:1). A bondade de Deus refere-se à perfeição de Sua natureza: “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 Jo 1:5). Há uma perfeição tão absoluta na natureza e no ser de Deus que nada lhe falta ou é defeituoso, e nada pode ser acrescentado a Ele para torná-lo melhor.

“Ele é originalmente bom, bom em Si mesmo, o que nada mais é; pois todas as criaturas são boas apenas pela

participação e comunicação de Deus. Ele é essencialmente bom; não só o bom, mas é a própria bondade; o bem da criatura é uma qualidade acrescentada, em Deus o bem é a sua essência. Ele é infinitamente bom; o bem da criatura é apenas uma gota, mas em Deus é um oceano infinito. Ele é eternamente e imutavelmente bom, pois não pode ser menos bom do que é; como não pode haver nenhuma adição feita a Ele, então também não pode haver nenhuma subtração n'Ele" (*Thomas Manton*).

*D e u s é s u m m u m b o n u m , o b e m
s u p r e m o*

Deus não é apenas o maior de todos os seres, mas o melhor. Toda a bondade que existe em qualquer criatura foi transmitida pelo Criador, mas a bondade de Deus não é derivada, pois é a essência de Sua natureza eterna. Deus é infinito em poder desde toda a eternidade. Antes que houvesse qualquer ato de onipotência apresentado, antes que houvesse qualquer comunicação de Sua generosidade, ou qualquer criatura a quem ela pudesse ser transmitida, Ele já era eternamente bom. Assim, a primeira manifestação

dessa perfeição divina foi dar existência a todas as coisas. “Tu és bom e fazes o bem” (Sl 119:68). Deus tem em Si um tesouro infinito e inesgotável de todas as bem-aventuranças, suficiente para encher todas as coisas. Tudo o que emana de Deus; Seus decretos, Sua criação, Suas leis, Suas providências, não pode ser senão bom. “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gn 1:31).

Assim, a bondade de Deus é vista, primeiro, na criação. Quanto mais a criatura é estudada, mais a beneficência de seu Criador se torna aparente. Pegue a mais elevada das criaturas terrenas de Deus; o homem. Ele tem abundantes razões para dizer com o salmista: “Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem” (Sl 139:14). Tudo sobre a estrutura de nossos corpos atestam a bondade de seu Criador. Quão adequadas são as mãos para realizar o trabalho que lhes foi atribuído! Quão bom foi o Senhor em designar o sono para refrescar o corpo cansado! Quão benevolente Sua provisão para dar aos olhos pálpebras e sobrancelhas para sua proteção! E assim podemos continuar indefinidamente.

OS ATRIBUTOS DE DEUS

A bondade do Criador também não está confinada ao homem; é exercida em relação a todas as Suas criaturas. “Em ti esperam os olhos de todos, e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento. Abres a mão e satisfazes de benevolência a todo vivente” (Sl 145:15,16). Volumes inteiros podem ser escritos, sim, para ampliar esse fato. Sejam as aves do céu, as feras da floresta ou os peixes do mar; Deus fez abundantes provisões para suprir todas as suas necessidades. Deus “dá alimento a toda carne, porque a sua misericórdia dura para sempre” (Sl 136:25). Verdadeiramente, “a terra está cheia da bondade do SENHOR” (Sl 33:5).

A bondade de Deus é vista na variedade de prazeres naturais que Ele proveu para Suas criaturas. Deus poderia ter se agrado em satisfazer nossa fome sem que a comida fosse agradável ao nosso paladar, mas a Sua benevolência aparece nos sabores variados que Ele deu às carnes, vegetais e frutas! Deus não apenas nos deu sentidos, mas também nos deu aquilo que os gratifica; e nisso Ele também revela Sua bondade. A terra poderia ter sido tão fértil como é sem que sua superfície fosse tão deliciosamente variada. Nossas vidas físicas poderiam ter sido mantidas sem lindas flores para

regalar nossos olhos com suas cores e nossas narinas com seus doces perfumes. Poderíamos ter caminhado pelos campos sem que nossos ouvidos fossem saudados pela música dos pássaros. De onde, então, vem essa beleza, esse encanto, tão livremente difundidos sobre a face da natureza? Em verdade, “as Suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras” (Sl 145:9).

A bondade de Deus é vista no fato de que, quando o homem transgrediu a lei de Seu Criador, uma dispensação de ira pura não começou imediatamente. Bem, Deus poderia ter privado Suas criaturas caídas de toda bênção, todo conforto, todo prazer. Em vez disso, Ele inaugurou um regime de natureza mista, de misericórdia e julgamento. Isso é muito maravilhoso se for devidamente considerado, e quanto mais minuciosamente esse regime for examinado, mais parecerá que “a misericórdia triunfa sobre o juízo” (Tg 2:13). Apesar de todos os males que acompanham nosso estado caído, o equilíbrio do bem prepondera grandemente. Com exceções comparativamente raras, homens e mulheres experimentam um número muito maior de dias de saúde do que de doença e dor. Há muito mais felicidade do que miséria na vida das

criaturas no mundo. Até mesmo nossas tristezas admitem alívio considerável. Além disso, Deus deu à mente humana uma flexibilidade que é capaz de se adaptar às circunstâncias e aproveitá-las ao máximo.

Nem a benevolência de Deus pode ser questionada com justiça pelo fato de que há sofrimento e tristeza no mundo. Se o homem pecar contra a bondade de Deus, se ele desprezar “a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade,” e depois da dureza e impenitência do seu coração entesourar para si ira para o dia da ira (Rm 2:4,5), quem é o culpado senão ele mesmo? Deus seria “bom” se não punisse aqueles que abusam de Suas bênçãos, abusam de Sua benevolência e pisoteiam Suas misericórdias? Não será uma reflexão sobre a bondade de Deus, mas sim a mais brilhante exemplificação dela, quando Ele livrar a terra daqueles que quebraram Suas leis, desafiaram Sua autoridade, zombaram de Seus mensageiros, desprezaram Seu Filho e perseguiram aqueles por quem Ele morreu.

A bondade de Deus apareceu de maneira mais ilustrativa quando Ele enviou Seu Filho “nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos”

(Gl 4:4,5). Foi por isso que uma multidão do exército celestial louvou seu Criador e disse: “Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” (Lc 2:14). Sim, no Evangelho a “graça [cuja palavra em grego transmite a ideia de benevolência ou bondade] de Deus se manifestou salvadora a todos os homens” (Tt 2:11). A benignidade de Deus também não pode ser questionada porque Ele não fez toda criatura pecaminosa sujeitar-se à Sua graça redentora. Ele não a concedeu aos anjos caídos. Se Deus tivesse deixado tudo perecer, isso não teria refletido em Sua bondade. Para qualquer um que desafie esta declaração, vamos lembrá-lo da prerrogativa soberana de nosso Senhor: “Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom?” (Mt 20:15).

*L o u v a d o s e j a o S e n h o r p o r S u a
b o n d a d e*

“Rendam graças ao SENHOR por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens!” (Sl 107:8). A gratidão é o retorno justamente exigido dos objetos de Sua beneficência; no entanto, muitas vezes é

OS ATRIBUTOS DE DEUS

negado ao nosso grande Benfeitor simplesmente porque Sua bondade é muito constante e abundante. É pouco estimado porque é exercido em relação a nós no curso comum dos eventos. Não é sentido porque o experimentamos diariamente. Desprezamos “as riquezas de Sua bondade” (Rm 2:4). Sua bondade é desprezada quando não é aprimorada como meio de levar os homens ao arrependimento, mas, ao contrário, serve para endurecê-los da suposição de que Deus ignora totalmente o pecado deles.

A bondade de Deus é a vida da confiança do crente. É essa excelência em Deus que mais atrai nossos corações. Porque Sua bondade dura para sempre, nunca devemos desanimar: “O SENHOR é bom, é fortaleza no dia da angústia e conhece os que nele se refugiam” (Naum 1:7).

“Quando os outros se comportam mal conosco, isso deve apenas nos incitar ainda mais a dar graças ao Senhor, porque Ele é bom; e quando nós mesmos estamos conscientes de que estamos longe de ser bons, devemos apenas bendizê-lo com mais reverência por Ele ser bom. Nunca devemos tolerar um instante de

incredulidade quanto à bondade do Senhor; o que quer que seja questionado, isso é absolutamente certo, que Jeová é bom; Suas dispensações podem variar, mas Sua natureza é sempre a mesma” (C.H. Spurgeon).



Capítulo 12 - A Paciência de Deus

Muito menos foi escrito sobre isso do que sobre as outras excelências do caráter divino. Não poucos daqueles que discorreram longamente sobre os atributos divinos passaram por cima da paciência de Deus sem qualquer comentário. Não é fácil sugerir uma razão para isso, pois certamente a longanimidade de Deus é tanto uma das perfeições divinas quanto Sua sabedoria, poder ou santidade, e deve ser admirada e reverenciada por nós. É verdade que o termo real não

será encontrado em uma concordância com tanta frequência quanto os outros, mas a glória dessa graça em si brilha em quase todas as páginas das Escrituras. É certo que perdemos muito se não meditarmos frequentemente sobre a paciência de Deus e orarmos sinceramente para que nossos corações e caminhos sejam mais completamente conformados a ela.

Muito provavelmente, a principal razão pela qual tantos escritores falharam em nos dar qualquer coisa, separadamente, sobre a paciência de Deus foi por causa da dificuldade de distinguir esse atributo da bondade e misericórdia divinas; particularmente da última.

A longanimidade de Deus é mencionada repetidamente em conjunto com Sua graça e misericórdia, como pode ser visto consultando Êxodo 34:6, Números 14:18, Salmo 86:15, etc. Que a paciência de Deus é realmente uma demonstração de Sua misericórdia, que é de fato uma maneira pela qual ela se manifesta com frequência, não pode ser negado. Mas que paciência e misericórdia são uma e a mesma excelência e não devem ser separadas, não podemos admitir. Pode não ser fácil discernir entre elas, no entanto, a Escritura nos garante plenamente ao afirmar

algumas coisas sobre uma que não podem ser ditas sobre a outra.

A paciência de Deus prevalece

Stephen Charnock, o puritano, define a paciência de Deus, em parte, assim:

“Faz parte da bondade e misericórdia divinas, mas difere de ambas. Deus sendo a maior bondade, tem a maior brandura; a brandura é sempre a companheira da verdadeira bondade, e quanto maior a bondade, maior a brandura. Quem é tão santo como Cristo e quem é tão manso? A lentidão de Deus em se irar é um ramo... de Sua misericórdia: “Benigno e misericordioso é o SENHOR, tardio em irar-se e de grande clemência” (Sl 145:8). Difere da misericórdia na consideração formal do objeto: A misericórdia olha a criatura como miserável, a paciência olha a criatura como criminosa; a misericórdia tem pena dela em sua miséria, e a paciência suporta o pecado que gerou e que continua gerando a miséria”.

Pessoalmente, definiríamos a paciência divina como aquele poder de controle que Deus exerce sobre

Si mesmo, levando-O a suportar os ímpios e a abster-se de puni-los. Em Naum 1:3, lemos: “O SENHOR é tardio em irar-se, mas grande em poder”, sobre o qual o Sr. *Charnock* disse:

“Os homens que são grandes no mundo são rápidos em paixão e não estão tão prontos para perdoar uma ofensa ou suportar um ofensor. É uma falta de poder sobre o eu daquele homem que o leva a fazer coisas impróprias sob uma provocação. Um príncipe que pode refrear suas paixões é um rei sobre si mesmo, assim como sobre seus súditos. Deus é lento para se irar porque é grande em poder. Ele não tem menos poder sobre Si mesmo do que sobre Suas criaturas”.

É no ponto acima, pensamos, que a paciência de Deus é mais claramente distinguida de Sua misericórdia. Embora a criatura seja beneficiada com isso, a paciência de Deus respeita principalmente a Si mesmo, uma restrição imposta a Seus atos por Sua vontade; considerando que Sua misericórdia irá atingir totalmente a criatura. A paciência de Deus é aquela excelência que O leva a sofrer grandes injúrias sem se vingar imediatamente. Ele tem um poder de paciência, bem como um poder de justiça. Assim, a palavra

hebraica para a longanimidade divina é traduzida como “tardio em irar” em Neemias 9:17, Salmo 103:8, etc. Não que haja paixões na natureza divina, mas que a sabedoria e a vontade de Deus se agradam em agir com aquela majestade e sobriedade que convém à Sua exaltada majestade.

Em apoio a nossa definição acima, vamos demonstrar que foi a essa excelência no caráter divino que Moisés apelou, quando Israel pecou tão gravemente em Cades-Barneia, e ali provocou a Jeová tão gravemente. A Seu servo, o Senhor disse: “Eu os ferirei com a peste e os deserdarei”. Foi então que o mediador Moisés, como um tipo do Cristo que viria, implorou: “Agora, pois, rogo-te que a força do meu Senhor se engrandeça, como tens falado, dizendo: O Senhor é longânimo e grande em misericórdia” (Nm 14:17,18).

Sua longanimidade é Seu “poder” de autocontrole.

Novamente, em Romanos 9:22 lemos: “Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição”. Se Deus quebrasse imediatamente esses

vasos réprobos em pedaços, Seu poder de autocontrole não apareceria tão eminentemente; suportando a maldade deles e tolerando o castigo por tanto tempo, o poder de Sua paciência é gloriosamente demonstrado. É verdade que os ímpios interpretam Sua longanimidade de maneira bem diferente: “Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ec 8:11). Entretanto, o olho ungido adora o que ímpios abusam.

“O Deus da paciência” (Rm 15:5) é um dos títulos divinos. A divindade é assim denominada, primeiro, porque Deus é tanto o Autor quanto o Objeto da graça da paciência no santo. Em segundo lugar, porque é isso que Ele é em Si mesmo; a paciência é uma de Suas perfeições. Em terceiro lugar, como padrão para nós: “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade” (Cl 3:12). E novamente: “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados” (Ef 5:1). Quando for tentado a ficar enjoado com a estupidez de outro, ou a se vingar de alguém que o prejudicou, lembre-se da infinita

paciência e longanimidade de Deus com você mesmo.

A paciência de Deus - antes e agora

A paciência de Deus se manifesta em Seu trato com os pecadores. Quão impressionantemente foi exibido para os antediluvianos. Quando a humanidade estava universalmente degenerada e toda a carne havia corrompido seu caminho, Deus não os destruiu até que os tivesse avisado. Ele “aguardou” (1 Pe 3:20), provavelmente não menos que 120 anos (Gn 6:3), tempo durante o qual Noé foi um “pregador da justiça” (2 Pe 2:5). Assim, mais tarde, quando os gentios não apenas adoraram e serviram mais à criatura do que ao Criador, mas também cometeram as mais vis abominações contrárias até mesmo aos ditames da natureza (Rm 1:19-26) e assim encheram a medida de sua iniquidade, ainda assim, em vez de desembainhar Sua espada para o extermínio de tais rebeldes, Deus “permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos” e lhes deu “chuvas e estações frutíferas” (At 14:16,17).

A paciência de Deus foi maravilhosamente exercida e manifestada para com Israel. Primeiro, Ele suportou

os maus costumes deles por quarenta anos no deserto (At 13:18). Mais tarde, quando eles entraram em Canaã, mas seguiram os maus costumes das nações ao seu redor e se voltaram para a idolatria, embora Deus tenha os castigado severamente, Ele não os destruiu totalmente, mas levantou libertadores para eles. Quando sua iniquidade foi elevada a tal altura que ninguém, a não ser um Deus de infinita paciência, poderia tê-los suportado, Ele os poupou muitos anos antes de permitir que fossem levados para a Babilônia.

Finalmente, quando a rebelião deles contra Ele atingiu seu clímax ao crucificar Seu Filho, Ele esperou quarenta anos antes de enviar os romanos contra eles, e isso somente depois que eles se julgaram “indignos da vida eterna” (At 13:46).

Quão maravilhosa é a paciência de Deus com o mundo hoje. Por todos os lados, as pessoas estão pecando atrevidamente. A lei divina é pisoteada e o próprio Deus abertamente desprezado. É realmente incrível que Ele não mate instantaneamente aqueles que O desafiam de forma tão descarada. Por que Ele não corta de repente o arrogante infiel e blasfemador flagrante, como fez com Ananias e Safira? Por que Ele

não faz a terra abrir sua boca e devorar os perseguidores de Seu povo, de modo que, como Datã e Abirão, eles desçam vivos ao Abismo? E o que dizer da cristandade apóstata, onde toda forma possível de pecado é agora tolerada e praticada sob o disfarce do santo nome de Cristo? Por que a justa ira do Céu não põe fim a tais abominações? Apenas uma resposta é possível: porque Deus suporta com “muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição”.

E quanto ao escritor e ao leitor? Vamos rever nossas próprias vidas. Não faz muito tempo que seguíamos uma multidão para fazer o mal, que não nos preocupávamos com a glória de Deus e vivíamos apenas para gratificar o eu. Quão pacientemente Ele suportou nossa conduta vil! E agora que a graça nos arrebatou como brasas do fogo, dando-nos um lugar na família de Deus, e nos gerou para uma herança eterna em glória, quão miseravelmente nós o retribuímos. Quão superficial é nossa gratidão, quão tardia é nossa obediência, quão frequentes são nossos retrocessos! Uma razão pela qual Deus permite que a carne permaneça no crente é para que Ele possa exhibir Sua longanimidade para conosco (2 Pe 3:9). Visto que esse

atributo divino se manifesta apenas neste mundo, Deus aproveita para exibi-lo aos “Seus”.

*A escola da experiência
sagrada*

Que nossa meditação sobre essa excelência divina abrande nossos corações, abrande nossas consciências e que aprendamos na escola da santa experiência a “paciência dos santos”, ou seja, submissão à vontade divina e a continuidade em fazer o bem. Busquemos sinceramente a graça para imitar essa excelência divina. “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste” (Mt 5:48). No contexto imediato deste versículo, Cristo nos exorta a amar nossos inimigos, abençoar os que nos maldizem, fazer o bem aos que nos odeiam. Deus tolera longamente os ímpios, apesar da multidão de seus pecados, e desejaremos ser vingados por causa de uma única injúria?



Capítulo 13 - A Graça de Deus

A perfeição do caráter divino

A graça é uma perfeição do caráter divino, que é exercida apenas para com os eleitos. Nem no Antigo Testamento nem no Novo a graça de Deus é mencionada em conexão com a humanidade em geral, e menos ainda com as ordens inferiores de Suas criaturas. Nisso se distingue da “misericórdia”, pois a

misericórdia de Deus “permeia todas as suas obras” (Sl 145:9). A graça é a única fonte da qual flui a boa vontade, o amor e a salvação de Deus para o Seu povo escolhido. Este atributo do caráter divino foi definido por *Abraham Booth* em seu útil livro *The Reign of Grace* assim:

“É o eterno e absoluto favor gratuito de Deus, manifestado na concessão de bênçãos espirituais e eternas aos culpados e indignos”.

A graça divina é o favor soberano e salvador de Deus exercido na concessão de bênçãos àqueles que não têm mérito nelas e pelo qual nenhuma compensação é exigida deles. É mais do que isso; é o favor de Deus mostrado àqueles que não apenas não têm merecimentos próprios, mas que são totalmente indignos e merecedores do inferno. É completamente imerecida e não é atraída por nada dentro dos objetos aos quais é concedida. A graça não pode ser comprada ou conquistada pela criatura. Se pudesse, deixaria de ser graça. Quando se diz que uma coisa é de “graça”, queremos dizer que o destinatário não tem direito a ela, que de forma alguma tal coisa lhe era devido. Vem a ele como pura caridade e, a princípio, não solicitada e

indesejada.

A exposição mais completa da maravilhosa graça de Deus pode ser encontrada nas epístolas do apóstolo Paulo. Em seus escritos, “graça” está em oposição direta a obras e dignidade, em oposição a todas as obras e dignidade, de qualquer tipo ou grau. Isso é abundantemente claro em Romanos 11:6: “E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça”. A graça e as obras não se unirão mais do que um ácido e um álcali. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2:8,9). O favor absoluto de Deus não pode mais consistir com o mérito humano do que o óleo e a água podem se fundir (ver também Romanos 4:4,5).

Existem três características principais da graça divina. Primeiro, é eterna. A graça foi planejada antes de ser exercida, proposta antes de ser concedida: “Que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (2 Tm 1:9). Em segundo lugar, é gratuita, pois ninguém jamais a comprou: “sendo

justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3:24). Em terceiro lugar, é soberana, porque Deus a exerce e a concede a quem Lhe agrada: “Como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5:21). Se a graça “reina”, então ela está no trono, e o ocupante do trono é soberano. Por isso, nos é dito “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça” (Hb 4:16).

A seleção soberana de Deus

Justamente porque a graça é um favor imerecido, ela deve ser exercida de maneira soberana. Por isso, o Senhor declara: “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia” (Ex 33:19). Se Deus mostrasse graça a todos os descendentes de Adão, os homens concluiriam imediatamente que Ele foi justamente compelido a levá-los para o céu como uma justa compensação por permitir que a raça humana caísse em pecado. Mas o grande Deus não tem nenhuma obrigação com nenhuma de Suas criaturas, muito menos com aqueles

que são rebeldes contra Ele.

A vida eterna é um dom, portanto não pode ser conquistada por boas obras, nem reivindicada como um direito. Vendo que a salvação é um “dom”, quem tem o direito de dizer a Deus a quem Ele deve concedê-la? Vale ressaltar que o Doador não recusa este presente a qualquer um que o busque de todo o coração e de acordo com as regras que Ele prescreveu. Não! Ele não recusa ninguém que venha a Ele de mãos vazias e no caminho que Ele designou. Mas se em um mundo de rebeldes impenitentes e incrédulos, Deus está determinado a exercer Seu direito soberano escolhendo um número limitado para ser salvo, quem está sendo prejudicado? Deus é obrigado a impor Seu dom àqueles que não o valorizam? Deus é compelido a salvar aqueles que estão determinados a seguir seu próprio caminho?

Mas nada irrita mais o homem natural e traz à tona sua inimizade inata e inveterada contra Deus do que pressioná-lo contra a eternidade, a liberdade e a soberania absoluta da graça divina. O fato de que Deus tenha formado Seu propósito desde a eternidade, sem de forma alguma consultar a criatura, é humilhante demais para o coração inquebrantável. Que a graça não

pode ser conquistada por nenhum esforço do homem é muito auto-esvaziamento para a auto-justiça. E o fato de que essa graça escolhe quem ela deseja para ser seus objetos favoritos desperta protestos acalorados de rebeldes arrogantes. O barro se levanta contra o Oleiro e pergunta: “Por que me fizeste assim?” Um rebelde sem lei ousa questionar a justiça da soberania divina.

A graça distintiva de Deus é vista ao salvar aquelas pessoas que Ele soberanamente escolheu para serem Seus favoritos. Por “distinguir” queremos dizer que a graça discrimina, faz diferenças, escolhe uns e passa por cima de outros. Foi a graça distintiva que selecionou Abraão do meio de seus vizinhos idólatras e o tornou “amigo de Deus”. Foi a graça distintiva que salvou “publicanos e pecadores”, mas disse sobre os fariseus religiosos: “Deixai-os” (Mt 15:14). Em nenhum lugar a glória da graça soberana e gratuita de Deus brilha mais aparentemente do que na indignidade e improbabilidade de seus objetos.

James Hervey (1751) ilustra belamente essa ideia:

“Onde abundou o pecado, diz a proclamação da corte do céu, superabundou a graça. Manassés era um monstro de barbárie, pois fez com que seus próprios

filhos passassem pelo fogo e encheu Jerusalém de sangue inocente. Manassés era um adepto da iniquidade, pois ele não apenas multiplicou, e em grau extravagante, suas próprias impiedades sacrílegas, mas também envenenou os princípios e perverteu as maneiras de seus súditos, fazendo-os agir pior do que o mais detestável dos pagãos idólatras (veja 2 Crônicas 33). No entanto, por meio dessa graça superabundante, ele é humilhado, reformado e se torna filho do amor perdoador, herdeiro da glória imortal”.

Eis aquele perseguidor amargo e sangrento, Saulo; quando, respirando ameaças e empenhado em matar, ele preocupou os cordeiros e matou os discípulos de Jesus. Os estragos que ele havia cometido, as famílias inofensivas que já havia arruinado, não eram suficientes para aplacar seu espírito vingativo. Eram apenas uma amostra, que, em vez de saciar o cão, o fazia continuar na pista mais de perto e ansiar mais ansiosamente pela destruição. Ele ainda tinha sede de violência e assassinato. Tão ansiosa e insaciável era sua sede, que ele respirava ameaças e matança (At 9:1). Suas palavras foram como lanças e flechas, e sua língua como espada afiada. Era tão natural para ele ameaçar os cristãos

quanto respirar o ar. Era apenas devido à falta de poder que cada sílaba que ele pronunciava, cada respiração que ele dava, não causava mortes e causava a queda de alguns dos discípulos inocentes. Quem, segundo os princípios do julgamento humano, não o teria declarado um vaso de ira, destinado à condenação inevitável? Não, quem não estaria pronto para concluir que, se houvesse correntes mais pesadas e uma masmorra mais profunda no mundo da desgraça, elas certamente deveriam ser reservadas para um inimigo tão implacável da verdadeira piedade? No entanto, admire e adore os tesouros inesgotáveis da graça. Esse mesmo Saulo é admitido na boa comunhão dos profetas, é contado com o nobre exército de mártires, se tornando também uma figura distinta entre a gloriosa companhia dos apóstolos.

Os coríntios eram vergonhosamente perversos. Alguns deles se afundaram em vícios tão abomináveis e se habituaram a atos ultrajantes de injustiça, como uma reprovação à natureza humana. No entanto, mesmo esses filhos da violência e escravos da sensualidade foram lavados, santificados, justificados (1 Co 6:9-11).

“Lavado”, no precioso sangue do Redentor;

“santificado”, pelas poderosas operações do Espírito abençoado; “justificado”, através das misericórdias infinitamente ternas de um Deus gracioso. Aqueles que antes eram o fardo da terra agora são a alegria do céu, o deleite dos anjos.

A graça de Deus é manifestada em, por e através do Senhor Jesus Cristo. “A lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (Jo 1:17). Isso não significa que Deus nunca exerceu graça para com ninguém antes de Seu Filho se tornar encarnado. Gênesis 6:8, Êxodo 33:19, etc., mostram claramente o contrário. Mas a graça e a verdade foram plenamente reveladas e perfeitamente exemplificadas quando o Redentor veio a esta Terra e morreu por Seu povo na cruz. É somente por meio de Cristo, o Mediador, que a graça de Deus flui para Seus eleitos. “Muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo... a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo... assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 5:15,17,21).

A graça de Deus é proclamada no Evangelho (At 20:24), que é para o judeu hipócrita uma “pedra de tropeço” e para o presunçoso e filósofo grego “loucura”. E por que isso? Porque não há nada nele que seja adaptado para gratificar o orgulho do homem. Anuncia que, a menos que sejamos salvos pela graça, não podemos ser salvos de forma alguma. Declara que sem Cristo, o dom indizível da graça de Deus, o estado de todo homem é desesperado, irremediável, sem esperança. O Evangelho se dirige aos homens como criminosos culpados, condenados e que perecem. Declara que o moralista mais casto está na mesma situação terrível que o esbanjador mais lascivo; e o zeloso professor, com todas as suas atuações religiosas, não é melhor do que o mais profano infiel.

O Evangelho contempla cada descendente de Adão como um pecador caído, poluído, merecedor do inferno e indefeso. Mas a graça, também contida no Evangelho, é sua única esperança. Todos estão diante de Deus condenados como transgressores de Sua santa lei, como criminosos culpados e condenados, que não estão apenas aguardando a sentença, mas a execução da sentença já proferida sobre eles (Jo 3:18; Rm 3:19).

Reclamar da parcialidade da graça é suicídio. Se o pecador insiste na justiça pura, então o Lago de Fogo deve ser sua porção eterna. Sua única esperança reside em curvar-se à sentença que a justiça divina proferiu sobre ele, reconhecendo a justiça absoluta dela, lançando-se à misericórdia de Deus e estendendo as mãos vazias para se valer da graça de Deus agora revelada a ele, no Evangelho.

A terceira Pessoa na Divindade é o Comunicador de tal graça, e por isso Ele é denominado “o Espírito da graça” (Zc 12:10). Deus, o Pai, é a Fonte de toda a graça, pois Ele propôs em Si mesmo a aliança eterna da redenção. Deus Filho é o único Canal da graça. O Evangelho é o Publicador da graça. O Espírito é o Comunicador. Ele é Aquele que aplica o Evangelho com seu poder salvador na alma, vivificando os eleitos enquanto espiritualmente mortos, conquistando suas vontades rebeldes, derretendo seus corações endurecidos, abrindo seus olhos cegos, limpando-os da lepra do pecado. Assim, podemos dizer com o falecido *GS Bispo*:

“A graça é uma provisão para homens que estão tão caídos que não podem erguer o machado da justiça,

tão corruptos que não podem mudar sua própria natureza, tão avessos a Deus que não podem se voltar para Ele, tão cegos que não podem vê-Lo, tão surdos que eles não podem ouvi-Lo, e tão mortos que Ele mesmo deve abrir suas sepulturas e levantá-los à ressurreição.”



Capítulo 14 - A Misericórdia de Deus

*A misericórdia de Deus se
origina em Sua bondade*

“Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre” (Sl 136:1). Por esta perfeição do caráter divino, Deus deve ser grandemente louvado. Três vezes o salmista chama os santos para darem graças ao Senhor por este adorável atributo. E certamente isso é o mínimo que se pode

pedir daqueles que receberam tal generosidade. Quando contemplamos as características dessa excelência divina, não podemos deixar de bendizer a Deus por isso. Sua benevolência, misericórdia ou benignidade é “grande” (1 Rs 3:6), “abundante” (Sl 86:5), “terna” (Lc 1:78), “abundante” (1 Pe 1:3); é “de eternidade a eternidade, sobre os que o temem” (Sl 103:17). Bem podemos dizer com o salmista: “cantarei a tua força; pela manhã louvarei com alegria a tua misericórdia” (Sl 59:16).

“Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do Senhor; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer” (Ex 33:19). Em que difere a “misericórdia” de Deus de Sua “graça”? A misericórdia de Deus tem sua origem na bondade divina. A primeira questão da bondade de Deus é sua benignidade ou generosidade, pela qual Ele dá liberalmente a Suas criaturas como criaturas; assim Ele deu existência e vida a todas as coisas. A segunda questão da bondade de Deus é Sua misericórdia, que denota a pronta inclinação de Deus para aliviar a miséria das criaturas caídas. Assim, a misericórdia pressupõe o pecado.

OS ATRIBUTOS DE DEUS

Embora possa não ser fácil, à primeira vista, perceber uma diferença real entre a graça e a misericórdia de Deus, isso nos ajuda se ponderarmos cuidadosamente Seu trato com os anjos não caídos. Ele nunca exerceu misericórdia para com eles, pois eles nunca tiveram necessidade disso, não tendo pecado ou caído sob os efeitos da maldição. No entanto, eles certamente são objetos da livre e soberana graça de Deus. Primeiro, por causa de Sua eleição deles dentre toda a raça angelical (1 Tm 5:21). Em segundo lugar, e em consequência de sua eleição, por causa de Sua preservação da apostasia, quando Satanás se rebelou e arrastou consigo um terço das hostes celestiais (Ap 12:4). Em terceiro lugar, ao fazer de Cristo a cabeça deles (Cl 2:10; 1 Pe 3:22), pelo qual eles são eternamente assegurados na santa condição em que foram criados. Em quarto lugar, por causa da posição exaltada que lhes foi designada, a posição de viver na presença imediata de Deus (Dn 7:10), servi-lo constantemente em seu templo celestial, receber d'Ele comissões honrosas (Hb 1:14). Esta é uma graça abundante para com eles; mas “misericórdia” não é.

Ao se esforçar para estudar a misericórdia de Deus

como é apresentada nas Escrituras, uma tríplice distinção precisa ser feita para que a Palavra da Verdade seja “bem manejada”. Primeiro, há uma misericórdia geral de Deus, que se estende não apenas a todos os homens, crentes e incrédulos, mas também a toda a criação: “O SENHOR é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras” (Sl 145:9); “Ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais” (At 17:25). Deus tem pena da criação bruta em sua necessidade e a supre com provisão adequada. Em segundo lugar, há uma misericórdia especial de Deus, que é exercida para com os filhos dos homens, ajudando-os e socorrendo-os, apesar de seus pecados. A eles também Ele comunica todas as necessidades da vida: “Porque Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos” (Mt 5:45). Em terceiro lugar, há uma misericórdia soberana reservada aos herdeiros da salvação, que lhes é comunicada de forma pactual, por meio do Mediador.

*A concessão de Sua
misericórdia*

Seguindo um pouco mais, a diferença entre a

segunda e a terceira distinções apontadas acima, é importante notar que as misericórdias que Deus concede aos ímpios são apenas de natureza temporal; isto é, elas estão confinadas estritamente a esta vida presente. Não haverá misericórdia estendida a eles além do túmulo: “Este povo não é povo de entendimento; por isso, aquele que o fez não se compadecerá dele, e aquele que o formou não lhe perdoará” (Is 27:11). Mas, alguns podem perguntar: “A Escritura não afirma que ‘a sua misericórdia dura para sempre’” (Sl 136:1)? Duas coisas precisam ser apontadas a esse respeito. Deus nunca pode deixar de ser misericordioso, pois esta é uma qualidade da essência divina (Sl 116:5); mas o exercício de Sua misericórdia é regulado por Sua vontade soberana. Deve ser assim, pois não há nada fora d’Ele que o obrigue a agir; se houvesse, esse “algo” seria supremo e Deus deixaria de ser Deus.

É a pura graça soberana que sozinha determina o exercício da misericórdia divina. Deus afirma expressamente esse fato em Romanos 9:15: “Pois Ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia”. Não é a miséria da criatura que O leva a mostrar misericórdia, pois Deus não é influenciado por

coisas fora de Si mesmo, Ele não é influenciado por nós. Se Deus fosse influenciado pela miséria abjeta dos pecadores leprosos, Ele purificaria e salvaria todos eles. Mas ele não é. Por quê? Simplesmente porque não é Seu prazer e propósito fazê-lo. Menos ainda são os méritos das criaturas que O levam a conceder-lhes misericórdia, pois é uma contradição falar em termos de merecimento de “misericórdia”. “Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou” (Tt 3:5). A obra está em antítese direta com a graça. Tampouco é o mérito de Cristo que move Deus a conceder misericórdia a Seus eleitos; isso seria substituir a causa pelo efeito. É “através” ou por causa da terna misericórdia de nosso Deus que Cristo foi enviado aqui para o Seu povo (Lc 1:78). Os méritos de Cristo possibilitam que Deus conceda misericórdias espirituais com justiça a Seus eleitos, a justiça tendo sido totalmente satisfeita pelo Fiador! A misericórdia surge unicamente do prazer imperial de Deus!

*Quem receberá as
misericórdias de Deus?*

OS ATRIBUTOS DE DEUS

Novamente, embora seja verdade, abençoada e gloriosamente verdade, que a misericórdia de Deus “dura para sempre”, ainda assim devemos observar cuidadosamente os objetos a quem Sua “misericórdia” é mostrada. Até mesmo lançar os réprobos no lago de fogo é um ato de misericórdia. A punição dos ímpios deve ser contemplada de um ponto de vista tríplice. Do lado de Deus, é um ato de justiça, vindicando Sua honra. A misericórdia de Deus nunca é mostrada em prejuízo de Sua santidade e justiça. Da parte deles, é um ato de equidade, quando são obrigados a sofrer a devida recompensa por suas iniquidades. Mas do ponto de vista dos remidos, a punição dos ímpios é um ato de misericórdia indescritível. Quão terrível seria se a presente ordem das coisas, quando os filhos de Deus são obrigados a viver no meio dos filhos do diabo, continuasse para sempre! O céu deixaria imediatamente de ser céu se os ouvidos dos santos ainda ouvissem a linguagem blasfema e suja dos réprobos. Que misericórdia que na Nova Jerusalém “nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira” (Ap 21:27).

Para que o leitor não pense que no último parágrafo

estamos usando nossa imaginação, vamos apelar para a Sagrada Escritura em apoio ao que foi dito. No Salmo 143:12, encontramos Davi orando: “E, por tua misericórdia, dá cabo dos meus inimigos e destrói todos os que me atribulam a alma, pois eu sou teu servo”. Novamente, no Salmo 136:15, lemos que Deus “Mas lançou o faraó e o seu exército no mar Vermelho. O seu amor dura para sempre”. Foi um ato de vingança contra Faraó e seu exército, mas foi um ato de misericórdia para com os israelitas. Novamente, em Apocalipse 19:1-3 lemos:

“Depois destas coisas, ouvi no céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo: Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. Segunda vez disseram: Aleluia! E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos” (Ap 19:1-3).

Do que acabou de acontecer, notemos quão vã é a presunçosa esperança dos ímpios, que, apesar de seu contínuo desafio a Deus, ainda assim contam com Sua misericórdia para com eles. Quantos existem que

dizem, eu não acredito que Deus jamais me lançará no inferno; Ele é muito misericordioso. Tal esperança é uma víbora que, se acariciada em seus seios, os picará até a morte. Deus é um Deus de justiça e também de misericórdia, e Ele declarou expressamente que de modo algum inocentará o culpado (Ex 34:7). Sim, Ele disse: “Os perversos serão lançados no inferno, e todas as nações que se esquecem de Deus” (Sl 9:17). Os homens também podem raciocinar assim:

“Não acredito que, se a sujeira se acumular e o esgoto ficar estagnado e as pessoas se privarem de ar fresco, um Deus misericordioso os deixará cair presa de uma febre mortal. O fato é que os que negligenciam as leis da saúde são levados pela doença, não obstante a misericórdia de Deus. Igualmente verdadeiro é que aqueles que negligenciam as leis da saúde espiritual sofrerão para sempre a segunda morte”.

Indescritivelmente solene é ver tantos abusando dessa perfeição divina. Eles continuam a desprezar a autoridade de Deus, pisoteando Suas leis, continuam no pecado e ainda abusam de Sua misericórdia. Mas Deus

não será injusto consigo mesmo. Deus mostra misericórdia ao verdadeiramente penitente, mas não ao impenitente (Lc 13:3). Continuar no pecado e ainda contar com a misericórdia divina perdoadando a punição é diabólico. Aqueles que dizem: “Pratiquemos males para que venham bens” podem ter certeza de que “a condenação [deles] é justa” (Rm 3:8). Tal presunção certamente será desapontada (leia cuidadosamente Deuteronômio 29:18-20). Cristo é o propiciatório espiritual, e todos os que desprezam e rejeitam Seu senhorio perecerão no caminho, quando a sua ira se acender um pouco (Sl 2:12).

Mas que nosso pensamento final seja sobre as misericórdias espirituais de Deus para com Seu próprio povo. “Tua misericórdia se eleva até aos céus” (Sl 57:10). Suas riquezas transcendem nosso pensamento mais elevado. “Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem” (Sl 103:11). Ninguém pode medi-lo. Os eleitos são designados “vasos de misericórdia” (Rm 9:23). É a misericórdia que os vivificou quando eles estavam mortos em pecados (Ef 2:4,5). É a misericórdia que os salva (Tt 3:5). É a Sua abundante misericórdia que os

OS ATRIBUTOS DE DEUS

gerou para uma herança eterna (1 Pe 1:3). O tempo nos faltaria para falar de Sua misericórdia preservadora, sustentadora, perdoadora e provedora. Para os Seus, Deus é “o Pai das misericórdias” (2 Co 1:3).

“Quando todas as Tuas misericórdias, ó meu Deus, minha alma nascente examina, fico perdido, em admiração, amor e louvor”.



Capítulo 15 - A Bondade de Deus

Propomos envolver o leitor com outra de suas excelências, das quais todo cristão recebe inúmeras provas. Voltamo-nos para a consideração da benignidade de Deus porque nosso objetivo é manter a devida proporção no tratamento das perfeições divinas, pois todos nós estamos aptos a ter opiniões unilaterais sobre elas. Um equilíbrio deve ser preservado aqui (como em todos os lugares), como aparece nessas duas declarações dos atributos divinos: “Deus é luz” (1 Jo 1:5), “Deus é amor” (1 Jo 4:8). Os aspectos mais severos e

inspiradores do caráter divino são compensados pelos mais gentis e cativantes. É para nossa perda irreparável se insistirmos exclusivamente na soberania e majestade de Deus, ou em Sua santidade e justiça; precisamos meditar com frequência, embora não exclusivamente, em Sua bondade e misericórdia. Nada menos que uma visão completa das perfeições divinas, conforme reveladas nas Sagradas Escrituras, deve nos satisfazer.

*As inúmeras bênçãos sobre o
cristão*

As Escrituras falam da “multidão de Suas benignidades”, e quem é capaz de contá-las? (Is 63:7). Disse o salmista: “Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade!” (Sl 36:7). Nenhuma pena de homem, nenhuma língua de anjo pode expressá-la adequadamente. Por mais familiar que esse abençoado atributo de Deus possa ser para as pessoas, é algo inteiramente peculiar à revelação divina. Nenhum dos antigos jamais sonhou em investir em seus “deuses” com uma perfeição tão cativante quanto esta. Nenhum dos objetos adorados pelos pagãos atuais possui gentileza e ternura. Os filósofos consideram uma

reflexão séria sobre a honra do Absoluto atribuir tais qualidades a ele. Mas as Escrituras têm muito a dizer sobre a benignidade de Deus, ou Seu favor paternal para com Seu povo, Sua terna afeição por eles.

A primeira vez que esta perfeição divina é mencionada na Palavra é naquela maravilhosa manifestação da Divindade a Moisés, quando Jeová proclamou Seu “Nome”, isto é, Ele mesmo se deu a conhecer. “SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade” (Ex 34:6), embora com muito mais frequência a palavra hebraica, *chesed*, seja traduzida como “bondade”. Em nossas Bíblias, a referência inicial, relacionada a Deus, é o Salmo 17:7, onde Davi orou: “Mostra as maravilhas da tua bondade, ó Salvador dos que à tua destra buscam refúgio dos que se levantam contra eles”.

É maravilhoso que Alguém tão infinitamente acima de nós, tão inconcebivelmente glorioso, tão inefavelmente santo, não apenas perceba tais vermes da terra, mas também coloque Seu coração neles, dê Seu Filho por eles, envie Seu Espírito para habitar

neles e então suporte todas as suas imperfeições e desobediências para nunca remover Sua benignidade deles.

Considere algumas das evidências e exercícios deste atributo divino para os santos: “em amor nos predestinou para Ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo” (Ef 1:4,5). Como nos é dito por João, esse amor estava envolvido em seu favor antes que este mundo existisse. “Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele” (1 Jo 4:9), que foi a Sua maravilhosa provisão para nós, criaturas caídas. “Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí” (Jr 31:3), pelas operações vivificantes do Meu Espírito, pelo poder invencível da Minha graça, criando em você um profundo senso de necessidade, atraindo você por Minha de maneira cativante. “Desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias” (Os 2:19). Tendo nos tornado dispostos no dia de Seu poder para nos entregarmos a Ele, o Senhor entra em um contrato de casamento eterno conosco.

Essa benignidade do Senhor nunca é removida de Seus filhos. Em nosso próprio pensamento, pode até parecer que ela foi removida, mas nunca é. Visto que o crente está em Cristo, nada pode separá-lo do amor de Deus (Rm 8:39). Deus se comprometeu solenemente por aliança, e nossos pecados não podem anulá-lo. Deus jurou que se Seus filhos não guardarem Seus mandamentos, Ele os punirá “com vara as suas transgressões e com açoites, a sua iniquidade”. No entanto, Ele acrescenta: “Mas jamais retirarei dele a minha bondade, nem desmentirei a minha fidelidade” (Sl 89:31-34). Observe a mudança de número de “deles” e “eles” para “Ele”. A benignidade de Deus para com Seu povo está centrada em Cristo. Porque Seu exercício de benignidade é um compromisso de aliança, ele é repetidamente ligado à Sua “verdade” (Sl 40:11; 138:2), mostrando que procede a nós por promessa. Portanto, nunca devemos nos desesperar.

“Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos; mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida, diz o SENHOR, que se compadece de ti” (Is 54:10). Não, essa aliança foi ratificada pelo sangue de seu Mediador, pelo

qual sangue a inimizade (ocasionada pelo pecado) foi removida e a reconciliação perfeitamente efetuada. Deus conhece os pensamentos que Ele nutre por aqueles que estão incluídos em Sua aliança e que foram reconciliados com Ele; ou seja, “pensamentos de paz e não de mal” (Jr 29:11). Portanto, temos a certeza de que “o SENHOR, durante o dia, me concede a sua misericórdia, e à noite comigo está o seu cântico, uma oração ao Deus da minha vida” (Sl 42:8). Que palavra é essa! É dado por decreto, concedido por compromisso real, pois Ele também ordena livrações e bênçãos, sim, vida para sempre (Sl 44:4; 133:3). Tais coisas anunciam que nada pode impedir essas doações.

A resposta dos santos

Qual deve ser a nossa resposta? Primeiro: “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor” (Ef 5:1,2). “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade” (Cl 3:12). Assim foi com Davi: “Pois a tua benignidade, tenho-a perante os olhos e tenho andado na tua verdade” (Sl 26:3). Ele se deliciava em ponderar

sobre isso. Refrescou sua alma fazê-lo e moldou sua conduta. Quanto mais estivermos ocupados com a bondade de Deus, mais cuidadosos seremos com nossa obediência. As restrições do amor e da graça de Deus são mais poderosas para o regenerado do que os terrores de Sua Lei. “Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade! Por isso, os filhos dos homens se acolhem à sombra das tuas asas” (Sl 36:7).

Em segundo lugar, o senso dessa perfeição divina fortalece nossa fé e promove a confiança em Deus. Terceiro, deve estimular o espírito de adoração. “Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam” (Sl 63:3; 138:2). Quarto, deve ser nosso abraço celestial quando deprimido. “Venha, pois, a tua bondade consolar-me” (Sl 119:76). Foi assim com Cristo em Sua angústia (Sl 69:17). Quinto, deve ser nosso pedido em oração: “Vivifica-me, ó SENHOR, segundo a tua bondade” (Sl 119:159). Davi se debruçou nesse atributo divino para uma nova força e maior vigor. Sexto, devemos apelar para tal atributo quando caímos no caminho. “Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade” (Sl 51:1). Trate-me de acordo com o mais gentil de Teus atributos, faça de meu caso uma

OS ATRIBUTOS DE DEUS

exemplificação de Tua ternura. Sétimo, deve ser uma petição em nossas devoções noturnas. “Faze-me ouvir, pela manhã, da tua graça [benignidade]” (Sl 143:8). Desperte-me com minha alma em sintonia com isso, deixe meus pensamentos de vigília serem de Tua bondade.



Capítulo 16 - O Amor de Deus

A natureza de Deus

Três coisas nos ditam nas escrituras a respeito da natureza de Deus. Primeiro, “Deus é espírito” (Jo 4:24). No grego não há artigo indefinido, e dizer “Deus é um espírito” é muito questionável, pois O coloca em uma classe com outros. Deus é “espírito” no sentido mais elevado. Porque Ele é “espírito”, Ele é incorpóreo, não tendo nenhuma substância visível. Se Deus tivesse um corpo tangível, Ele não seria onipresente, Ele estaria

limitado a um lugar; porque Ele é “espírito” Ele enche o céu e a terra. Em segundo lugar, “Deus é luz” (1 Jo 1:5), que é o oposto das trevas. Nas Escrituras, “trevas” representam pecado, mal, morte e “luz” significa santidade, bondade, vida. “Deus é luz” significa que Ele é a soma de toda excelência. Em terceiro lugar, “Deus é amor” (1 Jo 4:8). Não é simplesmente que Deus “ama”, mas que Ele é o próprio Amor. O amor não é meramente um de Seus atributos, mas Sua própria natureza.

Há muitos hoje que falam sobre o amor de Deus, que são totalmente estranhos ao Deus de amor. O amor divino é comumente considerado como uma espécie de fraqueza amável, uma espécie de indulgência de boa índole; é reduzido a um mero sentimento doentio, modelado segundo a emoção humana. Agora, a verdade é que sobre isso, como em tudo mais, nossos pensamentos precisam ser formados e regulados pelo que é revelado nas Sagradas Escrituras. A necessidade urgente disso é aparente não apenas pela ignorância que geralmente prevalece, mas também pelo baixo estado de espiritualidade que agora é tão tristemente evidente em todos os lugares entre os cristãos professos. Quão

pouco amor verdadeiro existe por Deus. Uma das principais razões para isso é porque nossos corações estão pouco ocupados com Seu maravilhoso amor por Seu povo. Quanto melhor estivermos familiarizados com Seu amor, seu caráter, plenitude, bem-aventurança, mais nossos corações serão atraídos pelo amor a Ele.

*O caráter e a bem-aventurança
do amor de Deus*

O amor de Deus não é influenciado. Com isso queremos dizer que não havia nada nos objetos de Seu amor para chamá-lo ao exercício, nada na criatura para atraí-lo ou induzi-lo. O amor que uma criatura tem por outra é devido a algo no objeto; mas o amor de Deus é gratuito, espontâneo, sem causa. A única razão pela qual Deus ama alguém é encontrada em Sua própria vontade soberana: “Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o SENHOR vos amava” (Dt 7:7,8). Deus amou Seu povo desde a eternidade e, portanto, nada sobre a criatura pode ser a causa do que é encontrado

em Deus desde a eternidade. Ele ama de Si mesmo: “conforme a sua própria determinação” (2 Tm 1:9).

“Nós o amamos porque ele nos amou primeiro” (1 Jo 4:19). Deus não nos amou porque nós O amamos, mas Ele nos amou antes que tivéssemos uma partícula de amor por Ele. Se Deus nos amasse em troca do nosso, então não seria espontâneo de Sua parte; mas porque Ele nos amou quando não tínhamos amor, fica claro que Seu amor não foi influenciado. É altamente importante, se Deus deve ser honrado, que sejamos bastante claros sobre esta preciosa verdade. O amor de Deus por mim e por cada um dos “Seus” era totalmente indiferente a qualquer coisa em nós. O que havia em mim para atrair o coração de Deus? Absolutamente nada. Mas, ao contrário, havia tudo para repeli-lo, tudo calculado para fazê-lo me odiar, pois eu era um pecador, depravado, uma massa de corrupção, com “nada de bom” em mim.

“O que havia em mim que pudesse merecer estima, ou dar prazer ao Criador? Foi somente porque pareceu bom aos Teus olhos, Pai, eu sempre devo cantar, porque pareceu bom aos Teus olhos”.

Esse amor é eterno. Isso é uma necessidade. O

próprio Deus é eterno e Deus é amor; portanto, como o próprio Deus não teve começo, Seu amor também não teve. Admitindo que tal conceito transcende em muito o alcance de nossas mentes débeis, no entanto, onde não podemos compreender, podemos nos curvar em adoração. Quão claro é o testemunho de Jeremias 31:3: “Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí”. Quão abençoado é saber que o grande e santo Deus amou Seu povo antes que o céu e a terra fossem chamados à existência, que Ele colocou Seu coração neles desde toda a eternidade. A prova clara é que Seu amor é espontâneo, pois Ele os amou por eras infinitas antes que eles existissem.

A mesma preciosa verdade é apresentada em Efésios 1:4-5: “Como nos escolheu, n’Ele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele; e em amor nos destinou para Ele”. Que louvor isso deve emanar de cada um de Seus filhos! Que tranquilizante para o coração; já que o amor de Deus por mim não teve começo, não pode ter fim! Visto que é verdade que “de eternidade a eternidade” Ele é Deus, e visto que Deus é “amor”, então é igualmente verdade que “de eternidade a eternidade”

Ele ama Seu povo.

Esse amor é soberano. Isso também é auto-evidente. O próprio Deus é soberano, sem obrigações para com ninguém. Ele é uma lei para Si mesmo, agindo sempre de acordo com Seu próprio prazer imperial. Uma vez que Deus é soberano e uma vez que Ele é amor, segue-se necessariamente que Seu amor é soberano. Porque Deus é Deus, Ele faz o que Lhe agrada; porque Deus é amor, Ele ama a quem Lhe agrada. Tal é a Sua própria afirmação expressa: “Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú” (Rm 9:13). Não havia mais razão em Jacó para ser objeto do amor divino do que havia em Esaú. Ambos tiveram os mesmos pais e nasceram na mesma época, sendo gêmeos; mas Deus amou um e odiou o outro! Por quê? Porque assim Lhe agradou.

A soberania do amor de Deus decorre necessariamente do fato de que não é influenciado por nada na criatura. Assim, afirmar que a causa do Seu amor está no próprio Deus é apenas outra forma de dizer, Ele ama a quem quer. Por um momento, assumo o contrário. Suponha que o amor de Deus fosse regulado por qualquer outra coisa que não a Sua vontade. Em tal caso Ele amaria por regra, e amando

por regra Ele estaria sob uma lei de amor, e então, longe de ser livre, o próprio Deus seria governado por essa lei. “Em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo” - o quê? Alguma excelência que Ele previu neles? Não! O que então? “Segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1:4,5).

Esse amor é infinito. Tudo sobre Deus é infinito. Sua essência preenche o céu e a terra. Sua sabedoria é ilimitada, pois Ele conhece tudo do passado, presente e futuro. Seu poder é ilimitado, pois não há nada difícil demais para Ele. Portanto, Seu amor é ilimitado. Há uma profundidade nisso que ninguém pode sondar; há uma altura que ninguém pode escalar; há um comprimento e uma largura que desafia a medição, por qualquer padrão da criatura. Isso é belamente sugerido em Efésios 2:4: “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou”; a palavra “grande” nesse texto é paralela à palavra “tal” em João 3:16: “Deus amou ao mundo de tal maneira”. Ela nos diz que o amor de Deus é tão transcendente que não pode ser estimado.

“Nenhuma língua pode expressar completamente a infinitude do amor de Deus, ou qualquer mente pode

compreendê-lo. Tal amor “excede todo entendimento” (Ef 3:19). As ideias mais extensas que uma mente finita pode formar sobre o amor divino estão infinitamente abaixo de sua verdadeira natureza. O céu não está tão acima da terra quanto a bondade de Deus está além das concepções mais elevadas que somos capazes de formar sobre ela. É um oceano que se eleva mais alto do que todas as montanhas. É uma fonte da qual flui todo o bem necessário a todos os que nela se interessam” (*John Brine, 1743*).

Esse amor é imutável. Assim como com o próprio Deus não há “variação ou sombra de mudança” (Tg 1:17), assim Seu amor não conhece mudança nem diminuição. O verme Jacó fornece um forte exemplo disso: “Amei a Jacó”, declarou Jeová, e apesar de toda a sua incredulidade e obstinação, Ele nunca deixou de amá-lo. João 13:1 fornece outra bela ilustração. Naquela mesma noite, um dos apóstolos diria: “Mostra-nos o Pai”; outro O negaria com maldições; todos eles ficariam escandalizados e O abandonariam. No entanto, “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”. O amor divino não está sujeito a variabilidades. O amor divino é “forte como a morte”.

“As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo” (Ct 8:6,7).

Seu amor sem fim nem medida sabe, nenhuma mudança pode mudar seu curso, eternamente o mesmo flui de uma fonte eterna.

Esse amor é sagrado. O amor de Deus não é regulado por capricho, paixão ou sentimento, mas por princípio. Assim como Sua graça reina não à custa dela, mas “pela justiça” (Rm 5:21), também Seu amor nunca entra em conflito com Sua santidade. “Deus é luz” (1 Jo 1:5) é mencionado antes de “Deus é amor” (1 Jo 4:8). O amor de Deus não é mera fraqueza amável ou efeminado emocionalismo. A Escritura declara que “o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe” (Hb 12:6). Deus não vai piscar para o pecado, mesmo em Seu próprio povo. Seu amor é puro, sem mistura com qualquer sentimentalismo ridículo.

Esse amor é gracioso. O amor e o favor de Deus são inseparáveis. Isso é claramente destacado em Romanos 8:32-39. O que é esse amor, do qual não pode haver “separação”, é facilmente percebido pelo desígnio e escopo do contexto imediato. Esse amor é aquela boa

vontade e graça de Deus que O determinou a dar Seu Filho pelos pecadores. Esse amor foi o poder impulsivo da encarnação de Cristo: “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito” (Jo 3:16). Cristo morreu não para fazer Deus nos amar, mas porque Ele amou Seu povo. O Calvário é a demonstração suprema do amor divino. Sempre que você for tentado a duvidar do amor de Deus, leitor cristão, olhe novamente para o Calvário.

Aqui, então, há motivo abundante para confiança e paciência sob a aflição divina. Cristo era amado pelo Pai, mas não estava isento da pobreza, desgraça e perseguição. Ele tinha fome e sede. Não era incompatível com o amor de Deus por Cristo quando Ele permitia que os homens cuspissem e O ferissem. Então, que nenhum cristão questione o amor de Deus quando for submetido a dolorosas aflições e provações. Deus não enriqueceu Cristo na terra com prosperidade temporal, pois Ele não tinha onde reclinar a cabeça. Mas Ele lhe deu o Espírito sem medida (Jo 3:34). Aprenda então que as bênçãos espirituais são os principais dons do amor divino. Quão abençoado é saber que quando o mundo nos odeia, Deus nos ama!

LEGADO REFORMADO



Capítulo 17 - O Amor de Deus por Nós

Por “nós”, eu quero dizer, pelo Seu povo. Embora leiamos sobre O amor “que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8:39), a Sagrada Escritura não conhece nada sobre o amor de Deus fora de Cristo. “O SENHOR é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras” (Sl 145:9), do mesmo modo que Ele fornece comida aos corvos. “Ele é benigno até para com os ingratos e maus” (Lc 6:35), e Sua providência ministra para os justos e injustos (Mt

5:45). Mas Seu amor é reservado para Seus eleitos. Isso é inequivocamente estabelecido por suas características, pois os atributos de Seu amor são idênticos a Ele mesmo, pois “Deus é amor” (1 Jo 4:8).

O amor de Deus em Cristo

Ao fazer esse postulado, é apenas outra maneira de dizer que o amor de Deus é como Ele mesmo, de eternidade a eternidade, imutável. Nada é mais absurdo do que imaginar que alguém amado por Deus pode perecer ou experimentar Sua vingança eternamente. Uma vez que o amor de Deus está “em Cristo Jesus”, e como não foi atraído por nada em seus objetos, ele não pode ser repellido por qualquer coisa neles, deles ou por eles. “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (João 13:1). O “mundo” em João 3:16 é um termo geral usado em contraste com os judeus, e o versículo deve ser interpretado de forma a não contradizer Salmos 5:5; 6:7; João 3:36; Romanos 9:13.

O principal desígnio de Deus é elogiar o amor de Deus em Cristo, pois Ele é o único canal pelo qual tal amor flui. O Filho não induziu o Pai a amar Seu povo,

mas foi Seu amor por eles que O moveu a dar Seu Filho por eles.

Ralf Erskine disse:

“Deus escolheu uma maneira maravilhosa de manifestar Seu amor. Quando Ele mostra Seu poder, Ele faz um mundo. Quando Ele mostra Sua sabedoria, Ele a coloca em uma moldura e forma que revela sua vastidão. Quando Ele manifesta a grandeza e a glória de Seu nome, Ele faz um céu e coloca anjos e arcanjos, principados e potestades nele. E quando Ele manifestasse Seu amor, o que Ele não faria? Deus manifestou seu amor de uma grande e maravilhosa maneira em Cristo; na Sua pessoa, no Seu sangue, na Sua morte e na Sua justiça”.

“Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm n’Ele [Cristo] o sim” (2 Co 1:20). Como fomos escolhidos em Cristo (Ef 1:4), como fomos aceitos n’Ele (Ef 1:6), como nossa vida está escondida n’Ele (Cl 3:3), também somos amados n’Ele, pois o amor de Deus está em Cristo Jesus. Cristo é a nossa Cabeça e Marido, e é por isso que nada pode nos separar d’Ele, pois essa união

é indissolúvel.

O amor de Deus aos santos

Nada aquece tanto o coração do santo como a contemplação espiritual do amor de Deus. Enquanto ele está ocupado com isso, ele é elevado para fora e acima de seu eu miserável. Uma apreensão crente enche a alma renovada com santa satisfação e a torna tão feliz quanto é possível para alguém estar deste lado do céu. Conhecer e crer no amor que Deus tem por mim é tanto uma garantia quanto uma antecipação do próprio céu. Uma vez que Deus ama Seu povo em Cristo, não é por qualquer amabilidade ou atração sobre eles: “Jacó eu amei.” Sim, o naturalmente pouco atraente, sim, desprezível, Jacó.

Visto que Deus ama Seu povo em Cristo, isso não é regulado pela fecundidade ou frutos do Seu povo, mas é o mesmo em todos os momentos. Porque Ele os ama em Cristo, o Pai os ama como Cristo. Chegará o tempo em que Sua oração será respondida, “para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim” (Jo 17:23). Somente a fé pode

compreender essas coisas maravilhosas, pois nem o raciocínio nem os sentimentos podem fazê-lo. Deus nos ama em Cristo. Que prazer infinito o Pai tem ao contemplar Seu povo em Seu querido Filho! Todas as nossas bênçãos fluem dessa preciosa fonte.

O amor de Deus por Seu povo não é de ontem. Não começou com o amor deles por Ele. Não, “nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 Jo 4:19). Nós não damos primeiro a Ele, para que Ele possa nos devolver novamente. Nossa regeneração não é o motivo de Seu amor, mas Seu amor é a razão pela qual Ele nos renova à Sua imagem. Esse amor primeiramente se manifesta quando os Seus eleitos não estavam empenhados em procurá-lo, quando eles estavam no seu pior estado. “Passando eu por junto de ti, vi-te, e eis que o teu tempo era tempo de amores; estendi sobre ti as abas do meu manto e cobri a tua nudez” (Ez 16:8).

Não apenas seus objetos estão frequentemente em seu pior estado quando o amor de Deus é revelado a eles pela primeira vez, mas na verdade estão fazendo o seu pior, como no caso de Saulo de Tarso. O amor de Deus não é apenas anterior ao nosso, mas também nasceu em Seu coração para conosco muito antes de sermos

libertos do poder das trevas e transportados para o Reino de Seu querido Filho. Começou não no tempo, mas carrega a data da eternidade. “Com amor eterno Eu te amei” (Jr 31:3).

“Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (1 Jo 4:10). Fica claro por essas palavras que Deus amou Seu povo enquanto eles estavam em um estado de natureza, destituídos de toda graça, sem uma partícula de amor para com Ele ou fé n’Ele; sim, enquanto eles eram Seus inimigos (Rm 5:8,10). Claramente, isso me coloca sob uma obrigação mil vezes maior de amá-Lo, servi-Lo e glorificá-Lo.

Todos os atos de Deus para com Seu povo no tempo são expressões do amor que Ele lhes deu desde a eternidade. É porque Deus nos ama em Cristo, e o fez desde a eternidade, que os dons de Seu amor são irrevogáveis.

Eles são a dádiva do “Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tg 1:17). O amor de Deus realmente faz uma mudança em nós

quando é derramado em nossos corações, mas não causa nenhuma mudança n'Ele. Ele às vezes varia as dispensações de Sua providência para conosco, mas não é porque Sua afeição mudou. Mesmo quando Ele nos corrige, é com amor (Hb 12:6), visto que Ele tem em vista o nosso bem.

As operações do amor de Deus

Vejamos mais de perto algumas das operações do amor de Deus. Primeiro, na eleição. “Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade” (2 Ts 2:13). Há uma conexão infalível entre o amor de Deus e Sua seleção daqueles que deveriam ser salvos. Que a eleição é a consequência de Seu amor, fica claro novamente em Deuteronômio: “Não vos teve o SENHOR afeição [1], nem vos escolheu [2], porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo” (7:7). Então novamente: “Em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade”

(Ef 1:4,5).

Em segundo lugar, na redenção. Como vimos em 1 João 4:10, por causa de Seu amor soberano, Deus fez provisão para que Cristo satisfizesse seus pecados, embora antes de sua conversão Ele estivesse zangado com eles em relação à Sua Lei violada. E “Aquele que não poupou o Seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Rm 8:32). Esse versículo é uma outra prova clara de que Seu Filho não foi “entregue” à cruz por toda a humanidade. Pois Ele não lhes dá nem o Espírito Santo, nem uma nova natureza, nem arrependimento e fé.

Terceiro, chamado eficaz. Do Salvador entronizado, o Pai envia o Espírito Santo (At 2:33). Tendo amado Seus eleitos com um amor eterno, com benignidade Ele os atrai (Jr 31:3), vivifica em novidade de vida, chama-os das trevas para Sua maravilhosa luz, torna-os Seus filhos. “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus” (1 Jo 3:1). Se a filiação não procede do amor de Deus como um efeito seguro, para que servem essas palavras?

Quarto, cura: “Curarei a sua infidelidade, eu de mim

mesmo os amarei” (Os 14:4), sem relutância ou hesitação. “As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo” (Ct 8,7). Tal é o amor de Deus por Seu povo; invencível, inextinguível. Não apenas não há possibilidade de expirar, mas também as águas negras do retrocesso não podem extingui-lo, nem as inundações da incredulidade apagá-lo. Assim como nada é mais irresistível do que a morte no mundo natural, assim também nada é tão invencível quanto o amor de Deus no reino da graça.

Goodwin comentou:

Quantas dificuldades o amor de Deus supera! Deus venceu o Seu próprio coração! Você acha que não foi nada para Ele matar Seu Filho? Você acha que quando Ele veio nos chamar, Ele não teve dificuldades que o amor teve que superar? Estávamos mortos em ofensas e pecados, mas pelo grande amor com que Ele nos amou, Ele nos vivificou na sepultura de nossa corrupção. Nós cheirávamos mal, mas mesmo assim Deus veio e nos conquistou. Depois de nosso chamado, com que tristeza provocamos a Deus! Oh, quantas tentações que, se fosse possível, os eleitos

seriam enganados. É assim com todos os cristãos. Nenhum homem é justo, mas mesmo assim somos salvos (I Pedro 4:18), e salvos somos, porque o amor de Deus é invencível, supera todas as dificuldades”.

Deixe o amor de Deus ocupar diariamente sua mente por meio de meditações devotas sobre Ele, para que as afeições de seu coração possam ser atraídas para Ele. Quando estiver abatido em espírito, ou em apuros, implore por Seu amor em oração, certo de que nada de bom pode ser negado para você. Faça do maravilhoso amor de Deus por você o incentivo de sua obediência a Ele; a gratidão exige nada menos.



Capítulo 18 - A Ira de Deus

É muito triste encontrar tantos cristãos professos que parecem considerar a ira de Deus como algo pelo qual precisam se desculpar, ou que pelo menos gostariam que tal coisa não existisse. Enquanto alguns que não iriam tão longe a ponto de admitir abertamente que consideram isso uma mancha no caráter divino, ainda assim estão longe de considerá-la com prazer; eles não gostam de pensar na ira de Deus e raramente ouvem isso sem que um ressentimento secreto cresça

em seus corações. Mesmo entre aqueles que são mais sóbrios em seu julgamento, não poucos parecem imaginar que há uma severidade na ira divina que a torna muito assustadora para formar um tema para uma contemplação proveitosa. Outros abrigam a ilusão de que a ira de Deus não é consistente com a Sua bondade e, assim, procuram bani-la de seus pensamentos.

Deus não esconde os fatos

Sim, muitos há que se desviam de uma visão da ira de Deus como se fossem chamados para ver alguma mancha no caráter divino ou alguma mancha no governo divino. Mas o que dizem as Escrituras? Ao nos voltarmos para a Bíblia, descobrimos que Deus não fez nenhuma tentativa de ocultar os fatos relativos à Sua ira. Ele não se envergonha de tornar conhecido que a vingança e a fúria pertencem a Ele. Suas próprias palavras são:

“Veja agora que Eu, Eu mesmo, sou Ele, e não há deus comigo: Vede, agora, que Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum deus além de mim; Eu mato e Eu faço viver; Eu firo e Eu saro; e não há quem possa livrar

alguém da minha mão. Levanto a mão aos céus e afirmo por minha vida eterna: Se Eu afiar a minha espada reluzente, e a minha mão exercitar o juízo, tomarei vingança contra os meus adversários e retribuirei aos que me odeiam” (Dt 32:39-41).

Um estudo da concordância mostrará que há mais referências nas Escrituras à raiva, fúria e ira de Deus do que ao Seu amor e ternura. Porque Deus é santo, Ele odeia todo pecado; e porque Ele odeia todo pecado, Sua ira arde contra o pecador (Sl 7:11).

Agora, a ira de Deus é tanto uma perfeição divina quanto Sua fidelidade, poder ou misericórdia. Deve ser assim, pois não há defeito algum, nem o menor defeito no caráter de Deus; no entanto, haveria um defeito se a “ira” estivesse ausente d’Ele! A indiferença ao pecado é uma mancha moral, e aquele que não o odeia é um leproso moral. Como poderia Aquele que é a Soma de toda excelência olhar com igual satisfação para a virtude e o vício, a sabedoria e a loucura? Como poderia Aquele que é infinitamente santo desconsiderar o pecado e recusar-se a manifestar Sua “severidade” (Rm 11:22)

em relação a ele? Como poderia Ele, que se deleita apenas com o que é puro e amável, não detestar e odiar o que é impuro e vil? A própria natureza de Deus torna o inferno uma necessidade tão real, tão imperativa e eternamente necessária quanto o céu. Não apenas não há imperfeição em Deus, mas também não há perfeição n'Ele que seja menos perfeita do que outra.

A ira de Deus é Sua eterna aversão a toda injustiça. É o desgosto e a indignação da equidade divina contra o mal. É a santidade de Deus posta em ação contra o pecado. É a causa motriz daquela sentença justa que ele profere sobre os malfeitores. Deus está zangado com o pecado porque é uma rebelião contra Sua autoridade, um mal cometido contra Sua soberania inviolável. Os insurgentes contra o governo de Deus saberão que Deus é o Senhor. Eles serão levados a sentir quão grande é aquela Majestade que eles desprezam, e quão terrível é aquela ameaça de ira que eles tão pouco consideraram. Não que a ira de Deus seja uma retaliação maligna e maliciosa, infligindo dano em troca do dano recebido. Não, embora Deus vindica Seu domínio como o

Governador do universo, Ele não será vingativo.

Que a ira divina é uma das perfeições de Deus não é apenas evidente pelas considerações apresentadas acima, mas também é claramente estabelecido pelas declarações expressas de Sua própria Palavra. “A ira de Deus se revela do céu” (Rm 1:18).

Robert Haldane comenta esse versículo da seguinte maneira:

“Foi revelado quando a sentença de morte foi pronunciada pela primeira vez, a terra amaldiçoada e o homem expulso do paraíso terreno; e depois por exemplos de punição como os do Dilúvio e a destruição das Cidades da Planície pelo fogo do céu, mas especialmente pelo reino da morte em todo o mundo. Foi proclamado na maldição da lei sobre toda transgressão, e foi comunicado na instituição do sacrifício e em todos os serviços da dispensação mosaica. No oitavo capítulo desta epístola, o apóstolo chama a atenção dos crentes para o fato de que toda a criação tornou-se sujeita à vaidade, e geme e sofre juntamente com dores. A mesma criação que declara que existe um Deus, e publica a Sua glória, também

prova que Ele é o Inimigo do pecado e o Vingador dos crimes dos homens...

Mas acima de tudo, a ira de Deus foi revelada do céu quando o Filho de Deus desceu para manifestar o caráter divino, e quando essa ira foi manifestada em Seus sofrimentos e morte, de uma maneira mais terrível do que por todos os sinais que Deus tinha dado antes sobre o Seu desagrado contra o pecado. Além disso, o castigo futuro e eterno dos ímpios é agora declarado em termos mais solenes e explícitos do que anteriormente. Sob a nova dispensação, há duas revelações dadas do céu, uma da ira e outra da graça”.

Novamente, que a ira de Deus é uma perfeição divina é claramente demonstrado pelo que lemos no Salmo 95:11: “Jurei na minha ira.” Há duas ocasiões de “juramento” de Deus: ao fazer promessas (Gn 22:16) e ao pronunciar julgamentos (Dt 1:34). Na primeira, Ele jura usar de misericórdia para com Seus filhos; na última, Ele jura privar uma geração perversa de sua herança por causa de murmuração e incredulidade.

O juramento é para demonstrar uma confirmação solene (Hb 6:16). Em Gênesis 22:16, Deus diz: “Jurei, por mim mesmo”. No Salmo 89:35 Ele declara: “Uma vez jurei por minha santidade”. Enquanto no Salmos 95:11 Ele afirma: “Juro na minha ira”. Atente-se para o fato de que o próprio grande Jeová apela para Sua “ira” como uma perfeição igual à Sua “santidade”; Ele jura por um tanto quanto pelo outro! Novamente, como em Cristo “habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9), e como todas as perfeições divinas são ilustrativamente exibidas por Ele (Jo 1:18), portanto, lemos sobre “a ira do Cordeiro” (Ap 6:16).

*A importância de refletir
sobre a ira de Deus*

A ira de Deus é uma perfeição do caráter divino sobre a qual precisamos meditar com frequência. Primeiro, para que nossos corações fiquem devidamente impressionados com a aversão de Deus ao pecado. Estamos sempre propensos a considerar o pecado levemente, a encobrir sua hediondez, a dar desculpas por ele. Mas quanto mais estudamos e ponderamos sobre a aversão de Deus ao pecado e Sua

terrível vingança sobre ele, mais provável é que percebamos sua malignidade. Em segundo lugar, para gerar um verdadeiro temor em nossas almas por Deus: “Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12:28,29). Não podemos servi-lo “aceitavelmente” a menos que haja a devida “reverência” por Sua terrível Majestade e “temor piedoso” de Sua justa ira; e estes são melhor promovidos frequentemente lembrando que “nosso Deus é um fogo consumidor”. Em terceiro lugar, para atrair nossas almas em fervoroso louvor por termos sido libertos da “ira vindoura” (1 Ts 1:10).

Nossa prontidão ou relutância em meditar sobre a ira de Deus torna-se um teste seguro da verdadeira atitude de nosso coração para com Ele. Se não nos regozijamos verdadeiramente em Deus, pelo que Ele é em Si mesmo, e isso por causa de todas as perfeições que n’Ele residem eternamente, então como pode o amor de Deus habitar em nós? Cada um de nós precisa estar em guarda com muita oração para não inventar uma imagem de Deus em nossos pensamentos que seja

modelada de acordo com nossas próprias más inclinações. Antigamente o Senhor proclamou: Tu “pensavas que eu era teu igual” (Sl 50:21). Se não nos regozijarmos com a lembrança de Sua santidade (Sl 97:12), se não nos regozijarmos em saber que em um Dia próximo, Deus fará uma gloriosa demonstração de Sua ira , vingando-se de todos os que agora opõem-se a Ele, é uma prova positiva de que nossos corações não estão sujeitos a Ele, que ainda estamos em nossos pecados e que estamos a caminho das chamas eternas.

*A justiça de Deus exercida
através de Sua ira*

“Louvai, ó nações, o seu povo, porque o SENHOR vingará o sangue dos seus servos, tomará vingança dos seus adversários” (Dt 32:43). E também lemos: “Ouvi no céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo: Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. Segunda vez disseram: Aleluia!” (Ap 19:1-3).

Grande será o regozijo dos santos naquele dia em que o Senhor vindicará Sua majestade, exercerá Seu terrível domínio, magnificará Sua justiça e derrubará os orgulhosos rebeldes que ousaram desafiá-Lo.

“Se observares, Senhor, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá?” (Sl 130:3). Bem, cada um de nós pode fazer esta pergunta, pois está escrito: “Os perversos não prevalecerão no juízo” (Sl 1:5). Quão dolorosamente foi a alma de Cristo exercitada com pensamentos de Deus marcando as iniquidades de Seu povo quando eles estavam sobre Ele! Ele ficou maravilhado e muito pesado (Mc 14:33). Sua terrível agonia, Seu suor de sangue, Seus fortes clamores e súplicas (Hb 5:7), Suas orações reiteradas (“Se possível, passe de mim este cálice”), Seu último clamor terrível (“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”); todos manifestam que terríveis apreensões Ele estava sofrendo quando Deus “marcou as iniquidades” n’Ele. Bem podem os pobres pecadores clamar: “Senhor, quem subsistirá”, quando o próprio Filho de Deus tremeu tanto sob o peso de Sua ira! Se você, meu leitor, não “fugiu para se

refugiar” em Cristo, o único Salvador, “como farás na floresta do Jordão?” (Jr 12:5).

“Quando considero como a bondade de Deus é abusada pela maior parte da humanidade, não posso deixar de pensar que o maior milagre do mundo é a paciência e a generosidade de Deus para com um mundo ingrato. Se um príncipe tem um inimigo em uma de suas cidades, ele não os envia em provisão, mas sitia o local e faz o que pode para matá-los de fome. Mas o grande Deus, que poderia levar todos os Seus inimigos à destruição, suporta-os e tem um custo diário para mantê-los. Bem pode Ele nos ordenar a abençoar aqueles que nos amaldiçoam, pois Ele mesmo está fazendo o bem aos maus e ingratos. Mas não pensem, pecadores, que escaparão! O moinho de Deus anda devagar, mas mói; quanto mais admirável for Sua paciência e generosidade agora, mais terrível e insuportável será aquela fúria que surge de Sua bondade abusada. Nada mais suave do que o mar, mas quando agitado em uma tempestade, nada se enfurece mais. Nada é tão doce quanto a paciência e

a bondade de Deus, e nada tão terrível quanto Sua ira quando pega fogo” (William Gurnall, 1660).

Então “fuja”, meu leitor, fuja para Cristo; “fuja da ira vindoura” (Mt 3:7) antes que seja tarde demais. Não suponhamos que esta mensagem se destine a outra pessoa. É para você! Não se contente pensando que você já fugiu para Cristo. Certifique -se! Implore ao Senhor para sondar seu coração e mostrar-lhe a si mesmo.

Uma Palavra aos Pregadores

Irmãos, nós, em nosso ministério “falado”, pregamos sobre este assunto solene tanto quanto deveríamos? Os profetas do Antigo Testamento frequentemente diziam a seus ouvintes que suas vidas perversas provocavam o Santo de Israel, e que eles entesouravam para si mesmos a ira para o dia da ira. E as condições do mundo não são melhores agora do que eram antes! Nada é tão calculado para despertar os descuidados e fazer com que os professos carnis sondem seus corações, quanto ampliar o fato de que “Deus é justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias” (Sl 7:11). O precursor de Cristo advertiu seus

OS ATRIBUTOS DE DEUS

ouvintes a “fugir da ira vindoura” (Mt 3:7). O Salvador ordenou a Seus ouvintes: “Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a esse deveis temer” (Lc 12:5). O apóstolo Paulo disse: “Conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens” (2 Co 5:11). A fidelidade exige que falemos tão claramente sobre o inferno quanto sobre o céu.



Capítulo 19 - A Contemplação de Deus

A natureza divina

Nos estudos, analisamos algumas das maravilhosas e adoráveis perfeições do caráter divino. A partir dessa contemplação de Seus atributos, deveria ser evidente para todos nós que Deus é; Primeiro, um Ser incompreensível e, perdidos em admiração ficamos por Sua infinita grandeza. Somos constrangidos a adotar as

palavras de Zofar: “Porventura, desvendarás os arcanos de Deus ou penetrarás até à perfeição do Todo-Poderoso? Como as alturas dos céus é a sua sabedoria; que poderás fazer? Mais profunda é ela do que o abismo; que poderás saber? A sua medida é mais longa do que a terra e mais larga do que o mar” (Jó 11:7-9). Quando voltamos nossos pensamentos para a eternidade de Deus, Sua imaterialidade, Sua onipresença, Sua onipotência, nossas mentes ficam sobrecarregadas.

O estudo da Divindade

Mas a incompreensibilidade da natureza divina não é uma razão pela qual devemos desistir da investigação reverente e dos esforços de oração para apreender o que Ele tão graciosamente revelou de Si mesmo em Sua Palavra. Por sermos incapazes de adquirir conhecimento perfeito, seria tolice dizer que não faremos esforços para alcançá-lo em qualquer grau. Já foi bem-dito:

Nada ampliará tanto o intelecto, nada engrandecerá tanto toda a alma do homem, como uma investigação devota, sincera e contínua do grande assunto da

Deidade. O estudo mais excelente para expandir a alma é a ciência de Cristo, Ele crucificado e o conhecimento da Divindade na gloriosa Trindade (CH Spurgeon).

Vamos citar um pouco mais deste príncipe dos pregadores:

“O estudo apropriado do cristão é a Divindade. A mais elevada ciência, a mais elevada especulação, a mais poderosa filosofia, que pode atrair a atenção de um filho de Deus é o nome, a natureza, a pessoa, as ações e a existência do grande Deus; o qual ele chama de Pai. Esse assunto traz melhoras para a mente devota. É um assunto tão vasto, que todos os nossos pensamentos se perdem em sua imensidão; tão profundo, que nosso orgulho se afoga em sua infinitude. Podemos compreender e lidar com outros assuntos; neles sentimos uma espécie de auto-satisfação e seguimos nosso caminho com o pensamento: “Eis que sou sábio”. Mas quando chegamos a esta ciência mestra, descobrindo que

nosso fio de prumo não pode sondar sua profundidade e que nossos olhos de águia não podem ver sua altura e por isso nós dizemos: “Eu nasci ontem e nada sei” (Sermão em Ml 3:6).

Sim, a incompreensibilidade da natureza divina deve nos ensinar humildade, cautela e reverência. Depois de todas as nossas buscas e meditações, temos que dizer com Jó: “Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele!” (26:14). Quando Moisés implorou a Jeová por uma visão de Sua glória, Ele respondeu: “Diante de ti proclamarei o nome do Senhor” (Ex 33:19), e, como outro disse: “O nome é a coleção de Seus atributos.”

Corretamente o puritano *John Howe* declarou:

“A noção, portanto, que podemos formar de Sua glória é apenas a que podemos ter de um grande volume por uma breve sinopse, ou de um país espaçoso por uma pequena paisagem. Ele nos deu aqui um relato verdadeiro de Si mesmo, mas não completo; tal como protegerá nossas apreensões, sendo guiadas por isso, do erro, mas não da ignorância. Podemos

aplicar nossas mentes para contemplar as várias perfeições pelas quais o Deus abençoado nos revela Seu ser, e podemos em nossos pensamentos atribuí-las todas a Ele, embora ainda tenhamos apenas concepções baixas e defeituosas de cada uma. No entanto, na medida em que nossas apreensões podem corresponder à descoberta que Ele nos proporciona de Suas várias excelências, temos uma visão atual de Sua glória”.

Como a diferença é realmente grande entre o conhecimento de Deus que Seus santos têm nesta vida e o que eles terão no Céu, e se o primeiro não deve ser subestimado porque é imperfeito, o último não deve ser engrandecido acima da realidade. É verdade que a Escritura declara que veremos “face a face” e “conheceremos” assim como somos conhecidos (1 Co 13:12). Mas inferir disso que conheceremos a Deus tão plenamente quanto Ele nos conhece é ser enganado pelo mero som das palavras e desconsiderar a restrição desse conhecimento que nossa finitude necessariamente exige. Há uma grande diferença entre os santos serem glorificados e serem tornados divinos.

OS ATRIBUTOS DE DEUS

Em seu estado glorificado, os cristãos ainda serão criaturas finitas e, portanto, nunca serão capazes de compreender plenamente o Deus infinito.

“Os santos no céu verão a Deus com os olhos da mente, pois Ele sempre será invisível aos olhos do corpo. Eles O verão mais claramente do que poderiam vê-Lo pela razão e pela fé, e mais extensivamente do que todas as Suas obras e dispensações O haviam revelado até então. Mas suas mentes não serão tão ampliadas a ponto de serem capazes de contemplar de uma só vez, ou em detalhes, toda a excelência de Sua natureza. Para compreender a perfeição infinita, eles próprios devem tornar-se infinitos.

Mesmo no Céu, seu conhecimento será parcial, mas ao mesmo tempo sua felicidade será completa, porque seu conhecimento será perfeito neste sentido, pois será adequado à capacidade do sujeito, embora não esgote a plenitude do objeto.

Acreditamos que será progressivo e que, à medida que seus pontos de vista se expandirem, sua bem-

aventurança aumentará. Mas nunca atingirá um limite além do qual não haja nada a ser descoberto, e quando séculos após séculos tiverem passado, Ele ainda será o Deus incompreensível” (John Dick, 1840).

Em segundo lugar, a partir de uma revisão das perfeições de Deus, se torna evidente que Ele é um Ser todo-suficiente. Ele é todo-suficiente em Si mesmo e para Si mesmo. Como o Primeiro dos seres, Ele não poderia receber nada de outro, nem ser limitado pelo poder de outro. Sendo infinito, Ele possui toda a perfeição possível. Quando o Deus Triúno existia sozinho, Ele era tudo para Si mesmo. Sua compreensão, Seu amor, Suas energias encontraram em Si mesmo um objeto adequado. Se Ele precisasse de algo externo, Ele não seria independente e, portanto, Ele não seria Deus. Ele criou todas as coisas, e isso para Si mesmo (Cl 1:16), mas não foi para suprir uma falta, mas para que Ele pudesse comunicar vida e felicidade a anjos e homens, e admiti-los à visão de Sua glória. É verdade que Ele exige a lealdade e os serviços de Suas criaturas inteligentes, mas não obtém nenhum benefício de seus

ofícios. Ele faz uso de meios e instrumentos para realizar Seus fins, mas não por deficiência de poder, mas muitas vezes para mostrar Seu poder de maneira mais impressionante por meio da fraqueza dos instrumentos.

Sua benignidade é melhor que a vida

A total suficiência de Deus faz com que Ele seja o Objeto Supremo que sempre deve ser buscado. A verdadeira felicidade consiste apenas no gozo de Deus. Seu favor é a vida, e sua benignidade é melhor do que a vida. “A minha porção é o SENHOR, diz a minha alma; portanto, esperarei n’Ele” (Lm 3:24). Seu amor, Sua graça e Sua glória são os principais objetos de desejo dos santos e as fontes de sua maior satisfação. “Há muitos que dizem: Quem nos dará a conhecer o bem? Senhor, levanta sobre nós a luz do teu rosto. Mais alegria me puseste no coração do que a alegria deles, quando lhes há fartura de cereal e de vinho” (Sl 4:6,7).

Sim, o cristão, quando em sã consciência, é capaz de dizer: “Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não

produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegre no SENHOR, exulto no Deus da minha salvação” (Hc 3:17,18).

O Deus da criação

Em terceiro lugar, a partir de uma revisão das perfeições de Deus, se torna evidente de que Ele é o Soberano Supremo do universo.

“Nenhum domínio é tão absoluto quanto aquele que se baseia na criação. Aquele que poderia não ter feito nada, tinha o direito de fazer todas as coisas de acordo com Seu próprio prazer. No exercício de Seu poder, Ele fez algumas partes da criação mera matéria inanimada, de textura mais grosseira ou mais refinada, e distinguidas por diferentes qualidades; mas todas inertes e inconscientes. Ele deu organização a outras partes e as tornou suscetíveis de crescimento e expansão, mas ainda sem vida no sentido próprio do termo. A outros Ele deu não apenas organização, mas existência consciente,

órgãos e força motriz própria. A estes Ele acrescentou no homem o dom da razão e um espírito imortal, pelo qual ele é aliado a uma ordem superior de seres que estão colocados nas regiões superiores.

Sobre o mundo que Ele criou, Ele brande o cetro da onipotência. ‘Louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?’” (Daniel 4:34,35) (John Dick).

Uma criatura, considerada como tal, não tem direitos. Ele não pode exigir nada de seu Criador; e qualquer que seja a maneira que ele possa ser tratado, ainda assim, não tem o direito de reclamar. No entanto, ao pensar no domínio absoluto de Deus sobre todos, nunca devemos perder de vista Suas perfeições morais. Deus é justo e bom, e sempre faz o que é certo. No entanto, Ele exerce Sua soberania de acordo com Seu próprio prazer imperial e justo. Ele designa a cada

criatura seu lugar, conforme lhe parece bom aos olhos. Ele ordena as diversas circunstâncias de cada um de acordo com Seus próprios conselhos. Ele molda cada vaso de acordo com Sua própria determinação não influenciada. Ele tem misericórdia de quem Ele quer, e a quem Ele quer Ele endurece. Onde quer que estejamos, Seus olhos estão sobre nós. Quem quer que sejamos, nossa vida e tudo está à Sua disposição. Para o cristão, Ele é um Pai terno; para o pecador rebelde, Ele ainda será um fogo consumidor. “Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!” (1 Tm 1:17).



Quem foi A. W. Pink?

Arthur Walkington Pink nasceu em *Nottingham*, Inglaterra. Era filho de um comerciante de milho, um devoto não-conformista de denominação incerta, embora provavelmente um congregacionalista. Quase nada se sabe sobre a infância ou educação de Pink, exceto que ele tinha habilidade e treinamento em música. Quando jovem, Pink se juntou à Sociedade Teosófica, um grupo gnóstico ocultista na Inglaterra contemporânea, e alcançou proeminência suficiente dentro de suas fileiras que *Annie Besant*, sua chefe, admitiu-o em seu círculo de liderança. Em 1908 ele renunciou à Teosofia para seguir o cristianismo.

Desejando se tornar um ministro, mas não querendo frequentar uma faculdade teológica liberal na Inglaterra, Pink estudou muito brevemente no *Moody Bible Institute* em Chicago em 1910 antes de assumir o pastorado da igreja Congregacional em *Silverton*, Colorado. Em 1912 Pink deixou *Silverton*, provavelmente para ir à Califórnia, e então assumiu um pastorado em um conjunto de igrejas na zona rural de *Burkesville* e *Albany*, Kentucky. Em 1916, ele se casou com *Vera E. Russell* (1893-1962), que havia sido criada em *Bowling Green, Kentucky*, e o próximo pastorado de Pink foi na Igreja Batista de *Scottsville, Kentucky*. Em seguida, os recém-casados se mudaram em 1917 para *Spartanburg*, Carolina do Sul, onde Pink se tornou pastor da *Igreja Batista Northside*.

A essa altura, Pink havia se familiarizado com proeminentes fundamentalistas dispensacionalistas, como *Harry Ironside* e *Arno C. Gaebelin*, e seus dois primeiros livros, publicados em 1917 e 1918, estavam de acordo com essa posição teológica. No entanto, os pontos de vista de Pink estavam mudando, e durante esses anos ele também escreveu a primeira edição de *The Sovereignty of God* [A Soberania de Deus] (1918), que

argumentava que Deus não amava os pecadores que não haviam sido predestinados para a salvação, e que Ele havia deliberadamente criado “para condenação” aqueles que não confessaram a Cristo. Seja por causa de seu ponto de vista calvinista, sua dedicação aos estudos, sua saúde debilitada ou sua falta de sociabilidade, Pink deixou *Spartanburg* em 1919 acreditando que Deus “faria que eu me entregasse à escrita”. Continuou ensinando a Bíblia - com algum sucesso - na Califórnia para um evangelista de tenda chamado Thompson enquanto continuava seu intenso estudo dos escritos puritanos.

Em janeiro de 1922, Pink começou a publicar uma série de *Studies in the Scriptures* [Estudando as Escrituras], que no final do ano seguinte tinha cerca de mil assinantes, que ocuparia a maior parte de seu tempo pelo resto de sua vida e se tornaria a fonte de dezenas de livros. Em 1923, Pink sofreu um colapso nervoso e ele e sua esposa foram morar com amigos na Filadélfia até que ele recuperasse a saúde. Em 1925, os Pinks embarcaram para Sydney, Austrália, onde serviu como evangelista e professor da Bíblia no *Ashfield Tabernacle*. Mas sua pregação impolítica da doutrina calvinista resultou em uma resolução unânime do Fraterno

Batista de Nova Gales do Sul de não o endossar. De 1926 a 1928, Pink serviu como pastor de dois grupos de Batistas Particulares.

Voltando à Inglaterra, Pink foi convidado a pregar em uma igreja sem pastor em Seaton, Devon; mas embora ele tenha sido bem recebido por alguns membros, os supervisores pensaram que sua posse como pastor dividiria a igreja. Na primavera de 1929, Pink e sua esposa retornaram ao seu estado natal, Kentucky, onde ele pretendia se tornar pastor da igreja batista em *Morton's Gap*. Mais uma vez suas esperanças não foram concretizadas. Para um amigo, ele escreveu:

“Estou mais firmemente convencido hoje do que há 14 meses de que nosso lugar é ‘fora do campo’. Esse é o lugar da ‘censura’, da solidão e do teste.”

Em 1930 Pink conseguiu iniciar um curso bíblico em Glendale, Califórnia, enquanto também recusava oportunidades de falar em algumas igrejas fundamentalistas. No ano seguinte, os *Pinks* alugaram uma casa de madeira, sem pintura, em *Union County*, Pensilvânia, onde um pequeno grupo se reunia; então, em 1933, eles se mudaram para York, Pensilvânia.

Pink decidiu que se seu ministério fosse totalmente escrito, ele poderia fazer isso estando na Inglaterra. Em setembro de 1934, ele e sua esposa mudaram-se para *Cheltenham, Gloucestershire*. Pink parece ter finalmente dado lugar ao desespero. A um amigo, ele escreveu “que aqueles de meus amigos que gostariam muito de me ajudar são impotentes para fazê-lo; enquanto aqueles que poderiam, não o farão. E em poucos anos, será tarde demais. Nos últimos sete anos está se evidenciando tanto em minha constituição física e mental, que em breve estarei incapacitado mesmo que as portas se abrissem para mim. Mas assim, ainda irei dizer: ‘Não a minha vontade, mas a tua seja feita.’”

Em 1936, os Pinks mudaram-se para *Hove*, na costa sul, perto de *Brighton*. Após a morte de seu pai em 1933, Pink recebeu o suficiente da propriedade para permitir que ele e sua esposa vivessem de forma muito simples, sem preocupações financeiras; e entre 1936 até sua morte em 1952, Pink se dedicou totalmente aos Estudos das Escrituras. *Vera* acreditava que o horário de trabalho quase implacável de seu marido era insalubre, e ela notavelmente conseguiu que ele adotasse a coleção de selos como um hobby. Em 1940, *Hove* tornou-se um

alvo regular de ataques aéreos alemães, e os Pinks se mudaram para *Stornoway, Ilha de Lewis, Hébridias Exteriores, Escócia*, onde permaneceram pelo resto de suas vidas.

A ilha era um bastião do calvinismo, mas os cultos da igreja eram realizados principalmente em gaélico escocês, e os visitantes não eram bem recepcionados. Pink governava seu tempo de estudo e escrita com “precisão militar”. A um amigo, ele escreveu que saía para fazer compras e se exercitar por uma hora, seis dias por semana, mas que, de outra forma, nunca deixava seu escritório, exceto quando trabalhava em um pequeno jardim. Enquanto estava em *Hove*, ele até publicou uma nota em *Studies* falando aos assinantes de que “não é conveniente para nós recebermos visitantes e respeitosa e pedimos aos leitores que visitem nossa região, que se abstenham de nos visitar, mas observe que estamos sempre felizes em ter notícias de amigos cristãos”. Em vez de ir à igreja, nas manhãs de domingo, Pink passava algum tempo ministrando aos leitores por meio de suas cartas.

Em 1951, Vera percebeu que Pink estava enfraquecendo. Ele perdia peso e sentia dores, mas

recusou-se a tomar qualquer remédio que pudesse entorpecer sua mente e impedi-lo de completar seu trabalho. Ele morreu em 15 de julho de 1952. Suas últimas palavras foram “**As Escrituras se explicam**”. Pink deixou material escrito suficiente para permitir a publicação de *Estudies* até dezembro de 1953. *Vera Pink* viveu por mais dez anos após a morte de seu marido, fazendo assim novos amigos e se misturando mais com os outros.

I n f l u ê n c i a

Alega-se que a personalidade de Pink tornou difícil para ele ter um ministério pastoral de sucesso. Ele foi criticado por ser muito individualista e por ter temperamento muito crítico. Um jovem pastor, *Rev. Robert Harbach*, que se correspondeu com Pink durante anos, mencionava um *Pink* muito diferente, que possuía um “coração de pastor”. A correspondência de Pink com *Harbach* (até que a saúde debilitada de Pink encerrou sua correspondência em 1949) foi calorosa, sincera e paternal. No início de sua correspondência, Pink escreveu: “Quero que você se sinta perfeitamente à

vontade para me chamar para qualquer ajuda que eu possa prestar a você. Estou em contato com vários jovens pastores e considero como parte do meu trabalho, um privilégio oferecer o conselho que eu puder oferecer.”

O aclamado contemporâneo de Pink, *D. Martyn Lloyd-Jones*, recebeu benefícios espirituais ao ler Pink e o recomendou a outras pessoas. Para um jovem ministro, ele disse: “Não perca seu tempo lendo *Barth* e *Brunner*. Você não obterá nada deles para ajudá-lo na pregação. Leia Pink”.

Teologicamente Pink foi rejeitado durante sua vida por causa de sua oposição ao Arminianismo; mas após sua morte, houve uma grande mudança de opinião evangélica em direção à teologia calvinista. Em 1982, a *Baker Book House* publicou 22 livros de Pink e vendeu 350.000 cópias no total. No entanto, foi o livro *a Soberania de Deus* de Pink que fez “mais do que qualquer outro livro em redirecionar o pensamento de uma geração mais jovem”. Depois que *Banner of Truth Trust* o republicou em 1961 - modificando-o para remover o suposto hiper calvinismo de *Pink* - o livro vendeu 177.000 cópias em 2004.

*Outros títulos
produzidos por nós*



A Cruz
J.C. Ryle

O que você pensa e sente a respeito da cruz de Cristo? As vezes você vive em uma nação cristã. Provavelmente frequenta o culto de uma igreja cristã. Talvez tenha sido batizado em nome de Cristo. Professa e pensa ser um cristão. Tudo isto é o que se pode dizer de milhões no mundo. Mas tudo isto não é resposta à minha pergunta: "O que você pensa e sente sobre a cruz de Cristo"?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Um Guia Seguro para o Céu Joseph Allaine

Alguns de vocês não sabem o que quero dizer com conversão, e em vão tentarei persuadi-los a algo que vocês não entendem. Portanto, para o seu bem, vou mostrar **o que é conversão**.

Outros nutrem esperanças secretas de misericórdia, embora continuem como estão. Para eles devo mostrar a **necessidade da conversão**.

Outros tendem a se endurecer com a vã presunção de que já estão convertidos. A eles devo mostrar **as marcas dos não convertidos**.

Outros, porque não sentem nenhum mal, não temem nenhum, e dormem como no topo de um mastro. A eles mostrarei a **miséria dos não convertidos**.

CLIQUE AQUI PARA LER

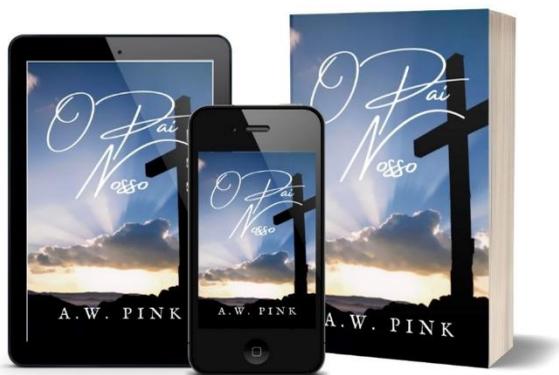


Satanás e Seu Evangelho

A.W. Pink

Tendo sido frustrado e derrotado então, em todos os pontos; tendo falhado em impedir a encarnação de nosso abençoado Senhor, tendo falhado em impedi-Lo de oferecer a Si mesmo como sacrifício pelo pecado, tendo falhado em manter Seu corpo nos confins da sepultura, cabe a nós indagar se Satanás desistiu em desespero ou não, se ele deixou de atacar a pessoa e a obra do Senhor Jesus, se ele mudou sua atitude em relação ao Filho amado de Deus; ou, se ele ainda está processando seus desígnios perversos, ainda se esforçando para frustrar os propósitos de Deus e se ele está ou não, agora, visando anular as virtudes da morte expiatória de Cristo.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Pai Nosso
A.W.Pink

"Santificado seja o Teu nome". Como é fácil proferir estas palavras sem pensar em sua importância solene! Ao procurar ponderá-las, quatro questões são naturalmente levantadas em nossas mentes. Primeiro, o que significa a palavra "santificado"? Em segundo lugar, o que significa o nome de Deus? Terceiro, qual é a importância de "santificado seja o Teu nome"? Quarto, por que esta petição vem em primeiro lugar?

CLIQUE AQUI PARA LER



A Rara Joia do Contentamento Cristão Jeremiah Burroughs

O mistério do contentamento cristão será a obrigação, a glória e a excelência de um cristão.

- A natureza do contentamento cristão: O que é isso (Cap.1)
- A arte e o mistério disso (Cap.2)
- Quais lições devem ser aprendidas para trazer contentamento ao coração. (Cap. 3)
- No que principalmente consiste a gloriosa excelência dessa graça. (Cap.4)

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Importância da Bíblia **J.C. Ryle**

Ao lado da oração não há nada tão importante na religião prática como a leitura da Bíblia. Deus misericordiosamente nos deu um livro que é "tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Timóteo 3:15). Lendo esse livro podemos aprender sobre o que acreditar, o que ser e o que fazer; como viver com conforto, e como morrer em paz. Feliz é aquele homem que possui uma Bíblia! Mais feliz ainda é aquele que a lê! O mais feliz de todos é aquele que não só lê, mas o obedece, e faz dela a regra de sua fé e prática!

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Atleta Celestial **John Bunyan**

Amigos, Salomão diz que “O preguiçoso morre desejando” (Pv 21:25); e se assim for, o que a própria preguiça fará com aqueles que a entretêm? O provérbio é: “o que dorme na sega é filho que envergonha.” (Pv 10:5). E isto ousou dizer: nenhuma vergonha maior pode acontecer a um homem do que ver que ele enganou sua alma e pecou a vida inteira. E tenho certeza de que esta é a próxima maneira de fazer isso; ou seja, ser preguiçoso – preguiçoso, eu digo, na obra da salvação. A vinha do homem preguiçoso, em referência às coisas desta vida, não está mais cheia de sarças, urtigas e ervas daninhas fétidas do que aquele que é preguiçoso para o céu, tendo seu coração e alma sufocados; maldito pecado.

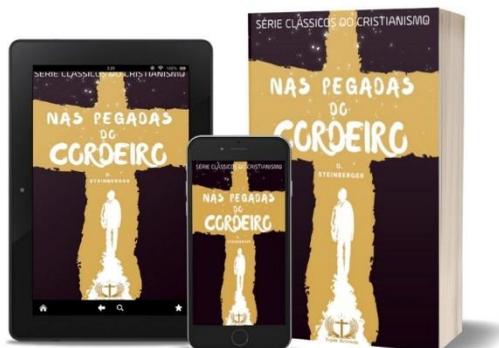
[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Deus Acima do Tempo
Angus Stewart

É claro e repetidamente ensinado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é eterno. Existe, porém, uma diferença de opiniões no significado da eternidade de Deus. Basicamente existem duas visões. Uma é que a eternidade de Deus significa que Ele é desde a infinidade passada e será na infinidade futura. Esta é a visão da eternidade de Deus como eterna ou sempiterna. A outra posição, defendida neste artigo, é que Deus está acima do tempo, que Ele não está no tempo e nem o tempo no Seu Ser.

CLIQUE AQUI PARA LER



Nas Pegadas do Cordeiro
George Steinberge

Na vida cristã nossa relação é com uma pessoa, não com uma doutrina. Ele nos deixou um exemplo. Podemos ser desviados pelas doutrinas, e podemos nos cansar delas [embora devamos nos esforçar para não fazê-lo], mas nunca nos cansamos de olhar para o Cordeiro e caminhar em Seus passos. Vamos passar toda a eternidade adorando o Pai porque Ele nos deu o Cordeiro, não só como uma oferta ao pecado, mas também como guia! E como isso é abençoador para nós, especialmente em nosso tempo em que tantas vozes conflitantes chamam: "Aqui está o Cristo!" e "Veja! Ele está lá!"

CLIQUE AQUI PARA LER



Orgulho e Humildade **C.H. Spurgeon**

Quase todo evento tem seu prelúdio profético. É um ditado antigo e comum, que “os próximos eventos lançam suas sombras antes de acontecer”; o homem sábio nos ensina a mesma lição no versículo diante de nós. Quando a destruição caminha pela terra, ela lança sua sombra; está na forma de orgulho. Quando a honra visita a casa de um homem, ela lança sua sombra; está na forma da humildade. “Antes da ruína, gaba-se o coração do homem”.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Praticando a Presença de Deus **Irmão Lawrence**

Durante o inverno, vendo uma árvore despojada de sua folhagem, e considerando que em breve voltariam a brotar as suas folhas e depois apareceriam as flores e os frutos, Irmão Lourenço recebeu uma visão da Providência e do Poder de Deus que nunca se apagou de sua alma. Esta visão o liberou totalmente do mundo, e incendiou nele um grande amor por Deus. Tão grande era esse amor que ele não podia se dizer que tinha aumentado nos quarenta anos que se passaram.

CLIQUE AQUI PARA LER